

ENSINO A DISTÂNCIA

LICENCIATURA EM

História

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA III

Itamar Cardozo Lopes
José Aparício da Silva

PONTA GROSSA / PR
2011

CRÉDITOS

Universidade Estadual de Ponta Grossa

João Carlos Gomes

Reitor

Carlos Luciano Sant'ana Vargas

Vice-Reitor

Núcleo de Tecnologia e Educação Aberta e a Distância

Leide Mara Schmidt - Coordenadora Geral
Cleide Aparecida Faria Rodrigues – Coordenadora Pedagógica

Sistema Universidade Aberta do Brasil

Hermínia Regina Bugeste Marinho – Coordenadora Geral
Cleide Aparecida Faria Rodrigues – Coordenadora Adjunta

Curso de História – Modalidade a Distância

Mýriam Janet Sacchelli – Coordenadora

Colaboradores Financeiros

Luiz Antonio Martins Wosiack

Colaboradores de Planejamento

Silviane Buss Tupich

Colaboradores em Informática

Carlos Alberto Volpi
Carmen Silvia Simão Carneiro
Adilson de Oliveira Pimenta Júnior
Juscelino Izidoro de Oliveira Júnior
Oswaldo Reis Júnior
Kin Henrique Kurek
Thiago Luiz Dimbarre
Thiago Nobuaki Sugahara

Colaboradores em EAD

Dênia Falcão de Bittencourt
Jucimara Roessler

Colaboradores de Publicação

Edson Gil Santos Júnior – Diagramação
Maria Beatriz Ferreira – Revisão
Sozângela Schemim da Matta – Revisão

Colaboradores Operacionais

Edson Luis Marchinski
Joanice de Jesus Küster de Azevedo
João Márcio Duran Inglês
Maria Clareth Siqueira
Mariná Holzmann Ribas

Todos os direitos reservados ao NUTEAD - Núcleo de Tecnologia e Educação Aberta e a Distância - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processos Técnicos BICEN/UEPG.

VER COMO FICA

XXXXx

Língua Espanhola I / Kelly Cristini Granzotto Werner. Curso de Licenciatura em Português/Espanhol - modalidade a distância. Ponta Grossa : UEPG / NUTEAD, 2009. 104 p. ; il. (Língua Espanhola, I).

1. Português/Espanhol. 2. Língua Espanhola I. 3. Educação. I
Werner, Kelly Cristini Granzotto.

ISBN XX-XXXXX-XX-X

CDD: XXX.X

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
Núcleo de Tecnologia e Educação Aberta e a Distância - NUTEAD
Av. Gal. Carlos Cavalcanti, 4748 - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR
Tel.: (42) 3220 3163
www.nutead.uepg.br
2009

APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

Prezado estudante

Inicialmente queremos dar-lhe as boas-vindas à nossa instituição e ao curso que escolheu.

Agora, você é um acadêmico da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), uma renomada instituição de ensino superior que tem mais de cinquenta anos de história no Estado do Paraná, e participa de um amplo sistema de formação superior criado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2005, denominado Universidade Aberta do Brasil (UAB).

.....
O Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) não propõe a criação de uma nova instituição de ensino superior, mas sim, a articulação das instituições públicas já existentes, possibilitando levar ensino superior público de qualidade aos municípios brasileiros que não possuem cursos de formação superior ou cujos cursos ofertados não são suficientes para atender a todos os cidadãos.
.....

Sensível à necessidade de democratizar, com qualidade, os cursos superiores em nosso país, a Universidade Estadual de Ponta Grossa participou do Edital de Seleção UAB nº 01/2006-SEED/MEC/2006/2007 e foi contemplada para desenvolver seis cursos de graduação e quatro cursos de pós-graduação na modalidade a distância.

Isso se tornou possível graças à parceria estabelecida entre o MEC, a CAPES e as universidades brasileiras, bem como porque a UEPG, ao longo de sua trajetória, vem acumulando uma rica tradição de ensino, pesquisa e extensão e se destacando também na educação a distância,

A UEPG é credenciada pelo MEC, conforme Portaria nº 652, de 16 de março de 2004, para ministrar cursos superiores (de graduação, seqüenciais, extensão e pós-graduação *lato sensu*) na modalidade a distância.

Os nossos programas e cursos de EaD, apresentam elevado padrão de qualidade e têm contribuído, efetivamente, para a democratização do saber universitário, destacando-se o trabalho que desenvolvemos na formação inicial e continuada de professores. Este curso não será diferente dos demais, pois a qualidade é um compromisso da Instituição em todas as suas iniciativas.

Os cursos que ofertamos, no Sistema UAB, utilizam metodologias, materiais e mídias próprios da educação a distância que, além de facilitarem o aprendizado, permitirão constante interação entre alunos, tutores, professores e coordenação.

Este curso foi elaborado pensando na formação de um professor competente, no seu **saber**, no seu **saber fazer** e no seu **fazer saber**. Também foram contemplados aspectos éticos e políticos essenciais à formação dos profissionais da educação.

Esperamos que você aproveite todos os recursos que oferecemos para facilitar o seu processo de aprendizagem e que tenha muito sucesso na trajetória que ora inicia.

Mas, lembre-se: **você não está sozinho** nessa jornada, pois fará parte de uma **ampla rede colaborativa** e poderá **interagir** conosco sempre que desejar, acessando nossa Plataforma Virtual de Aprendizagem (MOODLE) ou utilizando as demais mídias disponíveis para nossos alunos e professores.

Nossa equipe terá o maior prazer em atendê-lo, pois a sua aprendizagem é o nosso principal objetivo.

EQUIPE DA UAB/UEPG



SUMÁRIO

- PALAVRAS DOS PROFESSORES 7
- OBJETIVOS & EMENTA 9

O MUNDO DIVIDIDO: DA GUERRA FRIA AO DESMANTELAMENTO DO BLOCO SOVIÉTICO	11
■ SEÇÃO 1 - O PÓS-GUERRA E AS TENSÕES DA ORDEM BIPOLAR	12
■ SEÇÃO 2 - PRODUTOS E SUBPRODUTOS DA GUERRA FRIA	23
■ SEÇÃO 3 - O COLAPSO DA URSS E O FINAL DO EMBATE LESTE-OESTE	33

O MUNDO EMANCIPADO: A DESCOLONIZAÇÃO NA ÁFRICA E NA ÁSIA	45
■ SEÇÃO 1 - O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO E SUAS MOTIVAÇÕES	46
■ SEÇÃO 2 - A DINÂMICA, OS LIMITES E AS DIFICULDADES DA DESCOLONIZAÇÃO	56

CULTURA E SOCIEDADE NO CONTEXTO DO PÓS-GUERRA: A CONTRACULTURA, O MOVIMENTO NEGRO E A REBELDIA ESTUDANTIL	65
■ SEÇÃO 1 - A CONTRACULTURA NORTE-AMERICANA: <i>HIPPIES</i> E <i>BEATNIKS</i>	66
■ SEÇÃO 2 - O MOVIMENTO NEGRO NOS ESTADOS UNIDOS	71
■ SEÇÃO 3 - O MOVIMENTO ESTUDANTIL, OS JOVENS E O <i>ROCK'N'ROLL</i>	75

O MUNDO PÓS-GUERRA FRIA: A NOVA ORDEM MUNDIAL, A GLOBALIZAÇÃO E O NEOLIBERALISMO	89
■ SEÇÃO 1 - A NOVA ORDEM MUNDIAL E SEUS IMPASSES	90
■ SEÇÃO 2 - A GLOBALIZAÇÃO, O NEOLIBERALISMO E O FIM DA HISTÓRIA	100
■ SEÇÃO 3 - GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE	108

- PALAVRAS FINAIS 117
- REFERÊNCIAS 119
- NOTAS SOBRE OS AUTORES 123

PALAVRAS DOS PROFESSORES

Olá, estudante! Seja muito bem-vindo à disciplina História Contemporânea III!

Através dos textos que compõem este livro, você terá a oportunidade de continuar aprofundando o seu conhecimento sobre muitas das questões pertinentes à história do mundo contemporâneo. Assim, não só retomaremos algumas temáticas com as quais você já tomou contato nas disciplinas e livros anteriores, mas abordaremos também outros processos históricos igualmente importantes e que ainda não foram estudados.

No entanto, como ocorre com toda e qualquer disciplina, é sempre necessário realizar uma escolha, isto é, fazer uma seleção, um recorte da realidade que, além de envolver grandes dificuldades, é um ato invariavelmente arbitrário. No caso de História Contemporânea, porém, as dificuldades dessa tarefa parecem ser ainda maiores. Afinal de contas, nesta disciplina tratamos com frequência de assuntos relativamente recentes do ponto de vista histórico, o que acaba tornando o trabalho de síntese e interpretação um verdadeiro desafio. Não por acaso, muitos dos tópicos que compõem a disciplina podem e até são frequentemente agrupados sob a rubrica "história do tempo presente", pois envolvem a tentativa de se interpretar acontecimentos muito atuais, cujas consequências e implicações não puderam ainda ser inteira ou satisfatoriamente mensuradas. Para complicar um pouco mais a complexidade desse quadro, tais acontecimentos constituem-se por vezes em temas tabus, pois envolveram pessoas ainda vivas e/ou grupos sociais ainda ativos na sociedade.

Como se isso tudo já não fosse o bastante, uma das principais características da história do mundo contemporâneo é o gigantesco volume de registros, fontes e documentos que foi capaz de produzir e conservar. Se por um lado os historiadores se sentem felizes com toda essa abundância, por outro eles não podem evitar a sensação de vertigem diante de um verdadeiro oceano de informações.

Assim, e tendo em vista as numerosas temáticas incluídas e abarcadas pela ementa da nossa disciplina, foi preciso escolher apenas algumas para serem devidamente estudadas. Feita essa escolha, foi ainda necessário seccionar internamente as temáticas, isto é, enfatizar nelas um ou outro aspecto dentre vários que poderiam ser igualmente desenvolvidos. Deste modo, condicionada e limitada por todos esses critérios e elementos particulares, a seleção aqui realizada envolveu sobretudo cinco grandes temas distintos e interligados: a Guerra Fria, a descolonização da África e da Ásia, a Contracultura, a Nova Ordem Mundial e a Globalização. No tratamento

dispensado a tais questões, como foi dito acima, optamos por desenvolver apenas algumas das várias dimensões possíveis para cada temática. Nesse sentido, é preciso que se tenha claro o seguinte fato: o presente livro não é mais do que uma escolha de assuntos e abordagens que tivemos de fazer dentro de um universo cujas proporções são infinitamente maiores. Portanto, o que o leitor encontrará ao virar a página será somente um pequeno recorte da matéria em questão. A despeito de tudo isso, porém, esperamos que as informações disponibilizadas sirvam ao menos para despertar ou ampliar o interesse e a reflexão não só sobre a História, mas também sobre os rumos que o mundo vem tomando na contemporaneidade.

Os autores

OBJETIVOS & EMENTA

OBJETIVO GERAL

- Retomar e aprofundar o conhecimento sobre alguns dos principais processos históricos do mundo contemporâneo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pensar a nova dinâmica das relações internacionais na segunda metade do século XX.
- Analisar o impacto, o alcance e as transformações socioculturais engendradas pelos diversos embates do pós-guerra.
- Estimular a reflexão sobre as transformações sociais, políticas e culturais que estão em curso na atualidade.

EMENTA

- A Guerra fria. A descolonização na África e na Ásia. A contracultura: hippies, direitos civis, movimento negro, feminismo, pacifismo e movimentos homossexuais. A crise do socialismo real e a Nova Ordem Mundial.

PLANO DE ESTUDOS

Nº UNIDADE	TÍTULO DA UNIDADE	HORAS
Unidade I	O Mundo dividido: da Guerra Fria ao desmantelamento do bloco soviético	15
Unidade II	O mundo emancipado: a descolonização na África e na Ásia	19
Unidade III	Cultura e sociedade no contexto do pós-guerra: a contracultura, o movimento negro e a rebeldia estudantil	15
Unidade IV	O mundo pós-Guerra Fria: a Nova Ordem Mundial, a globalização e o neoliberalismo	19

O mundo dividido: Da Guerra Fria ao desmantelamento do Bloco Soviético

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Compreender o estabelecimento da ordem bipolar no contexto histórico do pós-guerra.
- Conhecer os principais episódios do período da Guerra Fria.
- Dimensionar e avaliar o impacto, o alcance e a reverberação da Guerra Fria no cotidiano mundial.
- Entender a crise e a subsequente desintegração do chamado bloco soviético.

ROTEIRO DE ESTUDOS

- SEÇÃO 1 - O pós-guerra e as tensões de ordem bipolar
- SEÇÃO 2 - Produtos e subprodutos da Guerra Fria
- SEÇÃO 3 - O colapso da URSS e o final do embate Leste-Oeste

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Nesta primeira unidade do curso de História Contemporânea III, você voltará a ter contato com as questões e principalmente com os desdobramentos da chamada “Guerra Fria”. De maneira geral, procuraremos incitá-lo a aprofundar a reflexão sobre os inúmeros embates que a partir de 1945 marcaram não só as relações entre os Estados Unidos (EUA) e a antiga União Soviética (URSS), mas que, direta ou indiretamente, acabaram envolvendo também todo o cenário internacional no conturbado contexto do pós-guerra.

Como você verá adiante, as disputas pela hegemonia entre essas duas superpotências foram muito além das tensões políticas, diplomáticas ou militares. Com efeito, o clima de enfrentamento que imperou até praticamente o final da década de 1980 disseminou-se de maneira desigual entre diversos setores do cotidiano mundial: das revistas de variedades a peças publicitárias, de filmes e desenhos animados a personagens de história em quadrinhos. Sendo assim, nas páginas seguintes sugerimos que você tente avaliar o impacto e os custos que a Guerra Fria teve na trajetória de vida de milhares de pessoas espalhadas pelo globo.

SEÇÃO 1

O PÓS-GUERRA E AS TENSÕES DA ORDEM BIPOLAR

No início de 1945, a derrota da Alemanha nazista e o desfecho da Segunda Guerra Mundial já pareciam realidades mais que iminentes. Em posse de tal prognóstico, os líderes e representantes das principais forças aliadas, Franklin Roosevelt (EUA), Josef Stalin (URSS) e Winston Churchill (Inglaterra), passaram a se reunir numa série de conferências para pensar e discutir as principais medidas a serem tomadas em relação à nova situação da política mundial. Em Yalta, por exemplo, ocorreu a segunda e mais famosa rodada de negociações entre os

três grandes estadistas, ocasião em que não só se firmaram acordos de auxílio aos povos europeus libertados do nazismo, mas que se propôs também a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), destinada a partir de então a resolver de modo pacífico os futuros desentendimentos internacionais.

Yalta (ou **Ialta**, em português) é uma cidade localizada na costa norte do Mar Negro e no extremo sul da península da Crimeia, república autônoma da Ucrânia. A cidade, antiga estação balnear do Império Russo, acabou ficando mundialmente famosa pela conferência que ali ocorreu em fevereiro de 1945.

No entanto, se a Conferência de Yalta havia transcorrido num clima de aparente cordialidade entre todos os líderes, o encontro seguinte já começava a apresentar os primeiros focos de tensão:

Para entender o historicismo há que vê-lo a partir de Niebhur (1776-1831) que pensa na história como uma forma de ensinamento patriótico que pode ajudar a frear o avanço das idéias da aborrecida revolução [francesa]; segui-lo no momento decisivo que significa a formação da escola história do Direito [...] que combatem as propostas jusnaturalistas e defendem, contra as teorias da ilustração, a peculiaridade individual e histórica de cada povo; ver o papel que tem para o seu desenvolvimento a publicação dos monumentae germaniae Histórica [...] perceber como se integram no movimento o “descobrimto” do popular – poesia, cantos, contos –, ou entender em que medida forma também parte do historicismo o sistema de economia política nacional.



Imagem 1: Roosevelt, Churchill e Stalin em 1945, durante a famosa Conferência de Yalta. A aparência de cordialidade entre os líderes vencedores da guerra logo daria lugar às dissensões da Guerra Fria. Disponível em: http://stormblast.files.wordpress.com/2008/10/yalta_summit_1945_with_churchill_roosevelt_stalin3.jpg

Em que pese as pequenas divergências manifestadas já nos encontros de cúpula, o agravamento das relações entre os vencedores do conflito mundial parece datar mesmo de 1946, mais precisamente em função do famoso discurso pronunciado no Missouri (EUA) pelo então ex-primeiro ministro inglês Winston Churchill.

Em seu discurso, Churchill procura[va] sensibilizar a opinião pública norte-americana para o “perigo” representado pela sovietação do Leste europeu, esquecendo-se, convenientemente, de mencionar que o mesmo fora acertado em fevereiro de 1945, quando da realização da Conferência de Yalta.

As palavras do ex-primeiro-ministro são reveladoras de que, apenas um ano após o término da II Guerra Mundial, as relações entre os antigos aliados (URSS, EUA e Reino Unido) encontravam-se em rápido processo de deterioração. Na oportunidade, além de afirmar que uma “cortina de ferro” caíra sobre a Europa, dividindo os povos livres e democráticos (Ocidente) daqueles que estavam sendo tiranizados pela URSS (Leste europeu), Churchill apelava aos Estados Unidos para que evitassem que mais países europeus (Grécia e Turquia) passassem à área de influência de Moscou. (MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 12-13).

Numa entrevista publicada posteriormente, o líder soviético acusou Churchill de tentar provocar uma dissensão entre os Estados aliados que há pouco haviam varrido a ameaça nazista. Segundo afirmava Stalin na mesma entrevista, a crescente influência do comunismo na Europa Oriental era algo lógico e espontâneo, dada a bravura e a entrega que os comunistas demonstraram na luta pela libertação dos povos oprimidos pelo regime fascista.

A partir daí, começava então a ficar cada vez mais nítido o cenário de confronto que se estabeleceria ao longo dos próximos quarenta anos. Para complicar ainda mais as coisas, no começo de 1947 o presidente norte-americano Harry Truman acatou as sugestões de Churchill e, numa célebre mensagem dirigida ao Congresso, solicitou a prestação de assistência econômica à Grécia e à Turquia, nações que estariam com a liberdade, independência e integridade nacional ameaçadas. Nas entrelinhas, o presidente dos Estados Unidos referia-se obviamente ao avanço do espectro soviético, isto é, ao avanço da “cortina de ferro” denunciada por Churchill.

Assim, considerada por muitos autores como o início efetivo da Guerra Fria, a mensagem do presidente norte-americano terminou dando origem à famosa **Doutrina Truman**. Para que você possa ter uma ideia, foi em função dos argumentos dessa doutrina que se deu a implantação

do **Plano Marshall** a partir de 1948, bem como a criação, em abril de 1949, da **Organização do Tratado do Atlântico Norte**, a **OTAN**. Ambas as medidas tinham um significado bastante claro:

O Plano Marshall recebeu esse nome em homenagem a um de seus principais mentores, o general George Marshall. Esse plano consistia num amplo programa de ajuda financeira aos países da Europa ocidental, a ser desenvolvido no período de 1948 a 1952. [...] Deve-se ter em mente que a ajuda norte-americana não seria totalmente desinteressada e nem estava relacionada apenas às questões da Guerra Fria. Afinal, os Estados Unidos podiam lembrar-se dos problemas causados em 1919, ao final da primeira Guerra Mundial, quando deixaram à Europa a tarefa de reconstrução. A falta de apoio norte-americano agravava a situação dos países europeus. Estes, destruídos e devendo altas somas aos EUA, e ao mesmo tempo necessitando importar desde alimentos a produtos industrializados norte-americanos, ficaram em situação ainda mais precária. Esta situação, em parte, contribuiu para a eclosão da grande crise de 1929, que abalara mundialmente o capitalismo na época. (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 20).

No quadro incluído logo a seguir, podemos visualizar quais foram os países europeus beneficiados e também quais foram as quantias repassadas pelos Estados Unidos:

O PLANO MARSHALL – IMPORTÂNCIA RECEBIDA (EM MILHÕES DE DÓLARES)	
<i>País</i>	<i>Importância recebida</i>
Inglaterra	3.176
França	2.706
Itália	1.474
Alemanha Ocidental	1.389
Holanda	1.079
Grécia	694
Áustria	667
Bélgica-Luxemburgo	556
Dinamarca	271
Noruega	254
Turquia	221
Irlanda	146
Iugoslávia	109
Suécia	107
Portugal	50
Trieste	32
Islândia	29

Fonte: (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 21).

Quanto à criação da OTAN, pode-se dizer que visava ao estabelecimento de uma aliança de cooperação militar encabeçada pelos EUA. Como apontaram os professores Ricardo Faria e Mônica Miranda (2003, p. 22), o principal objetivo da aliança não poderia ser outro:

[...] a OTAN surgiu em 04 de abril de 1949 [...] visando proteger as fronteiras do mundo ocidental contra a ameaça do bloco comunista. Composta inicialmente por 12 países – EUA, Canadá, Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal e Grã-Bretanha –, recebeu a adesão posterior da Turquia e da Grécia (1952), da República Federal Alemã (1955) e da Espanha (1982).

A contrapartida soviética ao Tratado do Atlântico Norte foi o estabelecimento da **Organização do Tratado de Varsóvia (OTV)**, em 14 de maio de 1955. Chamado também de **Pacto de Varsóvia**, o acordo tinha objetivos semelhantes ao da OTAN: visava a firmar uma aliança de ajuda militar mútua entre diversos países do Leste europeu. Além da URSS, aderiram ao tratado a Bulgária, a Albânia (até 1968), a Tchecoslováquia, a Hungria, a República Democrática Alemã, a Romênia e a Polônia. Como se pode ver, as relações e contendas diplomáticas não deixavam dúvidas: em meados dos anos 1950, o mundo estava claramente dividido entre dois grandes blocos, um deles sob a bandeira do capitalismo liberal (EUA), o outro sob a chancela radical do comunismo (URSS).

Ao longo dos anos seguintes, esse enfrentamento diplomático ganhou novos contornos e proporções, atingindo praticamente todos os domínios da vida cotidiana. Como consequência direta, a Guerra Fria teve muitos palcos e passou também por diferentes fases, das quais podemos distinguir, sobretudo, três: **1ª. Fase**, a da chamada **Guerra Fria “clássica”**, que durou de 1947 até o começo da década de 1960; **2ª. Fase**, a da **“coexistência pacífica”** e da **Détente**, que marcou as décadas de 1960 e 1970; e finalmente a **3ª. Fase**, aquela da **“nova” Guerra Fria dos anos 1980**, cujo início coincide com a eleição de Ronald Reagan para a presidência dos EUA.

Para que possamos encerrar esta primeira seção, comentaremos rapidamente cada uma das três fases por que passou a Guerra Fria, mas sem realizar uma exploração completa e exaustiva delas. Muito longe disso, o nosso objetivo será apenas levantar os principais episódios que marcaram as diferentes etapas do conflito Leste *versus* Oeste. Passemos a eles então.

A Guerra Fria “clássica”

A chamada “Guerra Fria clássica” estende-se desde os primeiros desentendimentos diplomáticos entre as duas superpotências do pós-guerra, até a famosa crise de 1962, quando aviões norte-americanos descobriram que os soviéticos instalavam rampas para o lançamento de mísseis em Cuba. Nessa etapa, a Guerra Fria se desenrolou não só na Europa, o seu primeiro palco, mas atingiu também a Ásia e a própria América. Na Europa, é em 1948-1949 que ocorre uma das primeiras ameaças efetivas de guerra, quando os soviéticos promovem o bloqueio de Berlim em represália às iniciativas de unificação defendidas pelos Aliados (EUA, França e Inglaterra). O resultado desse episódio foi a divisão da Alemanha em duas: a **República Federal da Alemanha (RFA)**, reunindo as antigas áreas de ocupação norte-americana, francesa e inglesa, e a **República Democrática Alemã (RDA)**, que concentrava as demais zonas de influência soviética.



Imagem 2 – Bandeira da República Democrática Alemã.

Disponível em: <http://guic83.files.wordpress.com/2009/08/bandeira-rda.png>

Ainda em solo europeu, os efeitos da Guerra Fria se fizeram sentir na Hungria, em 1956, quando a URSS reprimiu manifestos e reivindicações populares com extrema violência. Depois de conter a revolta – ao preço de milhares de mortos e prisioneiros –, o dirigente soviético Nikita Krushev abandonaria o discurso reformista com que tinha assumido o poder após a

morte de Stalin (1953), retornando então às mesmas práticas autoritárias empregadas por seu antecessor.

No território asiático, por sua vez, foram diversos os acontecimentos que marcaram esta primeira fase da Guerra Fria. Para começar, foi em 1949 que o socialismo foi implantado na China continental, sob a liderança de Mao Tse-Tung. Ainda que Mao não tivesse contado com o apoio inicial de Stalin, a revolução chinesa desencadeou uma série de conflitos que acabaram envolvendo os interesses soviéticos e norte-americanos. Entre tais conflitos, podemos citar como exemplo a **Guerra da Coreia**, deflagrada quando tropas norte-coreanas – apoiadas pela China – invadiram a Co-



Imagem 3 – As tropas do Pacto de Varsóvia invadem a Hungria em 1956. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/luciahippolito/posts/2008/11/04/o-fim-da-revolucao-hungara-134018.asp>

reia do Sul, área que havia ficado sob influência dos EUA desde o final da Segunda Guerra Mundial. Ao final dos três anos do confronto, a guerra tinha devorado a vida de 900 mil soldados coreanos e norte-americanos, além de deixar a soma de mais de dois milhões de civis entre mortos e feridos.

Já no continente americano, o clima da Guerra Fria se estabeleceu especialmente através do controle que os EUA procuraram exercer sobre a região, na tentativa de manter o espectro do socialismo o mais distante possível. Criou-se então todo um clima de perseguição e denúncias que não poupava ninguém: artistas, intelectuais, políticos, celebridades, cidadãos comuns, enfim, qualquer pessoa poderia se tornar suspeita de possuir algum tipo de envolvimento em conspirações comunistas contra a nação. Pode-se até imaginar o grau que a paranoia americana atingiu após a Revolução Cubana de 1959 e a conseqüente aproximação de Cuba com a URSS.

A “coexistência pacífica” e a *Détente*

Durante as décadas de 1960 e 1970, a Guerra Fria entrou num novo patamar e foi marcada pela ideia da “coexistência pacífica” entre norte-americanos e soviéticos. As primeiras manifestações nesse sentido são geralmente atribuídas a um discurso de Nikita Krushev pronunciado ainda em meados de 1956. Em seu discurso, Krushev fazia uma espécie de comparação metafórica que resumia bem o dilema diplomático entre as duas superpotências do pós-guerra:

Pode ser que o seu vizinho seja simpático, ou não. Não tendes a obrigação de ser seus amigos ou de visitá-lo. Porém, viveis lado a lado, e que fazer se nem vós nem ele se dispõe deixar o lugar a que estão habituados, para se fixar em outra cidade? Com muito maior razão, o mesmo ocorre nas relações entre os Estados... Há apenas duas possibilidades: ou a guerra, e deve-se dizer que a guerra, no século dos mísseis e da bomba de hidrogênio, é plena das mais graves conseqüências para todos os povos, ou a coexistência pacífica. Quer vosso vizinho vos agrade ou não, não há outra coisa a fazer senão encontrar um terreno de entendimento com ele, pois nós temos apenas um só planeta. (*Apud* MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 28-29).

A partir da década de 1970, as relações entre os EUA e a URSS também passaram a ser descritas através do termo francês *Détente*, cuja tradução seria algo aproximado a “distensão” ou “relaxamento”. Apesar disso, porém, esta segunda fase da Guerra Fria foi igualmente pontuada por violentos conflitos, travados, sobretudo, no âmbito do que a partir de então ficaria conhecido como “**Terceiro Mundo**”.

A expressão “**Terceiro Mundo**” data da década de 1950 e é geralmente atribuída ao economista e demógrafo francês Alfred Sauvy. A princípio, ela fazia uma analogia entre a situação de muitos países pobres e a do Terceiro Estado na França pouco antes da Revolução. No entanto, a expressão acabou adquirindo muitos outros significados políticos e econômicos, passando a designar tanto os países que se situavam fora dos dois blocos hegemônicos do pós-guerra, quanto aqueles considerados subdesenvolvidos.

Assim, se na década de 1960 a guerra passou a ser disputada tecnologicamente na forma da corrida espacial, as tensões estavam muito longe de se apaziguarem de fato: em 1961, ano em que o cosmonauta soviético Yuri Gagarin se tornou o primeiro homem enviado ao espaço, seria construído também o famoso **Muro de Berlim**, o que literalmente conferia concretude às divisões políticas e ideológicas derivadas do conflito.

Você sabe o que foi o Muro de Berlim?

Depois de finalizado, o muro formou um conjunto de 107 quilômetros de alvenaria, 178 quilômetros de cercas de metal, cinco quilômetros de arame farpado, nove quilômetros de restos de fachadas de casas, 108 quilômetros de obstáculos contra carros e tanques, 265 postos de observação, 136 ninhos de metralhadora pesada, além de 271 trechos guardados por cães de ataque. Este conjunto se estendia pelos 167,5 quilômetros de fronteira de Berlim ocidental com o lado oriental da cidade e com outras partes do território alemão oriental.

Além de marcar o conflito político e ideológico entre o leste socialista e o Ocidente, o muro contribuiu para impedir a fuga crescente de mão-de-obra para o lado ocidental, pois era justamente naquela parte do país que estavam localizadas as maiores minas e os grandes complexos industriais do Ruhr. A maioria dos fugitivos era de jovens, trabalhadores especializados, ou seja, o tipo de mão-de-obra necessária para se empreender o processo de reestruturação econômica da Alemanha Oriental. Até a sua derrubada, em 1989, pelo menos 800 pessoas morreram tentando transpor o Muro de Berlim. Vários fugitivos atravessaram-no escondidos nos portas-malas de automóveis ou por túneis escavados clandestinamente. Nos seus 28 anos de existência, o Muro de Berlim tornou-se, do lado ocidental, um painel de grafites clamando pela paz. Do lado oriental, era acompanhado de uma faixa minada e de guaritas. (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 42-43).



Imagem 4 – O Muro de Berlim em processo de construção. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/_QP99qP-gWY/TI1IjccwT7I/AAAAAAAAACU/_cyCk4yRIwk/s1600/muro+de+berlim.jpg

Além desse episódio mais do que simbólico, outros confrontos ocorridos nas décadas de 1960 e 1970 também acabaram se tornando momentos verdadeiramente emblemáticos do período da Guerra Fria. Entre eles, destacaremos aqui apenas a **Guerra do Vietnã (1959-1975)**, a **Primavera de Praga (1968)** e a famosa **invasão do Afeganistão pelos soviéticos (1979)**. No Vietnã, os americanos apoiaram e intervieram militarmente em favor do governo vietnamita do sul, combatendo os comunistas da República Democrática do Vietnã, ao norte. O resultado dos quase quinze anos de conflito não poderia ser diferente: milhares de mortos entre os países envolvidos, sendo muitos deles civis. Além disso, a Guerra do Vietnã (ou **Guerra Americana**, para alguns) foi fartamente noticiada pelos jornais e pela TV, o que contribuiu para o surgimento de movimentos pacifistas, fortalecendo os clamores pela retirada das tropas norte-americanas do sudeste asiático. Posteriormente, a Guerra do Vietnã tornou-se tema de inúmeras produções cinematográficas, algumas das quais serão indicadas para você mais adiante.

Em 1968, o que se observou em Praga, na Tchecoslováquia, foi uma repressão violenta a outra tentativa de afastamento das diretrizes impostas pelo regime socialista soviético.

Lutava-se na Tchecoslováquia, naquele ano tenso, por um socialismo democrático, uma alternativa revolucionária, humanista e libertária. Não se pretendia uma volta ao capitalismo, como tantas acusações o queriam demonstrar; este socialismo humanista, apregoado pelos intelectuais e homens de ação era na verdade uma negação tanto do capitalismo quanto do stalinismo.

A Tchecoslováquia foi, assim, o protagonista do grande debate sobre a cultura, a democracia e o futuro do socialismo. Em 1968, depois dos grandes acontecimentos de maio na França, na Alemanha e nos Estados Unidos, ela se transformou num dos países mais vivos do mundo. (GOLDFEDER, 1981, p. 9).

No que se refere à invasão do Afeganistão pela URSS em dezembro de 1979, a situação não foi muito diferente do que ocorreu com os norte-americanos no Vietnã. Tanto isso é verdadeiro que o próprio acontecimento ficou conhecido também como o **"Vietnã soviético"**. O confronto durou quase dez anos e, em resumo, consistiu no enfrentamento do governo comunista do Afeganistão e de um grupo contrário à influência soviética no país, os **mujaheddins**, amplamente subsidiados pelos EUA, pelo Paquistão e também por outros países árabes. Alguns estudiosos afirmam que o malogro dos soviéticos no Afeganistão foi um dos fatores responsáveis pela posterior desintegração da URSS em 1991.



Imensas áreas do território da ex-URSS eram habitadas por muçulmanos. O velho problema das nacionalidades no gigante soviético era, assim, aumentado pela oposição muçulmana ao regime ateu de Moscou.

Outro fator muito antigo acabou levando à intervenção soviética no Afeganistão. Há séculos, os russos realizam movimentos de expansão procurando atingir saídas para mares “quentes”, que, ao contrário do Ártico, por exemplo, não ficam fechados no inverno. (KARNAL, 1994, p. 59).

A “nova” Guerra Fria da década de 1980

A Guerra Fria dos anos 1980 ficou marcada por uma espécie de reavivamento dos embates travados nas décadas de 1950 e 1960. Ainda que os ânimos não tivessem sido completamente aplacados durante o período da “coexistência pacífica”, o que ocorreu nesta terceira fase da Guerra Fria foi a retomada de um discurso altamente agressivo, especialmente por parte de **Ronald Reagan**, um ator hollywoodiano da década de 1950 que chegou à presidência dos EUA no início da década de 1980.

Ronald Reagan tivera papel emblemático na primeira fase da Guerra Fria, nos anos 1950. Naquele momento, os soviéticos haviam conseguido explodir a sua primeira bomba atômica, assustando ainda mais seus adversários e causando um clima de pânico que tomou conta dos EUA. Em resposta ao avanço soviético, o governo norte-americano implantou uma política de “contenção” da ameaça comunista e para isso promoveu a perseguição de milhares de pessoas, que foram denunciadas como suspeitas de se envolverem em atividades comunistas no país. Reagan, na ocasião ator de cinema, colaborou (assim como outros) com o FBI e o Comitê de Atividades Anti-americanas, delatando vários colegas e participando de “campanhas patrióticas”. (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 51).

Tendo sido eleito com base num discurso extremamente conservador, Reagan objetivava reafirmar a superioridade norte-americana diante do mundo e dos soviéticos, estes últimos alcunhados por ele de **“Império do Mal”**. Assim, se no início da década de 1980 a URSS ainda levava vantagem numa eventual guerra – fosse ela convencional ou nuclear –,

[...] começaram a perder pontos no momento em que o presidente Ronald Reagan anunciou, em março de 1983, em discurso transmitido para todo o país por uma cadeia de televisão, seu programa de Iniciativa Estratégica de Defesa (IDE) que ficou mais conhecido como “guerra nas estrelas”. O objetivo do plano de Reagan era tornar as armas nucleares obsoletas e ineficientes, com a introdução das armas defensivas. (WILSON, 1987, p. 71).

O audacioso projeto de Reagan “consistia na colocação em órbita de dezenas de satélites equipados com canhões de raio *laser*, que poderiam destruir, no espaço, qualquer míssil lançado da Terra” (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 51). Além desse plano, digno de figurar em qualquer *thriller* de ficção científica de Hollywood, a Guerra Fria dos anos 1980 viu ainda a intervenção política e militar dos EUA na América Central. Na Nicarágua, por exemplo, os norte-americanos deram amplo apoio aos guerrilheiros contrários aos rebeldes sandinistas, o que causou uma aproximação destes últimos com a URSS, tal como havia acontecido no caso de Cuba. Ainda que se apresentasse como uma possibilidade, a invasão da Nicarágua pelos EUA não se concretizou de fato, ao contrário do que se passou em Granada: “a ilha de Granada, no Caribe, foi ocupada pelas tropas norte-americanas sob a alegação de que estava ‘ameaçada pelo comunismo’ (havia alguns engenheiros cubanos construindo um aeroporto na ilha!) numa clara demonstração de intimidação aos nicaraguenses” (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 56).

Em contrapartida a todos esses momentos de tensão, ao longo da década de 1980 a URSS já dava claros sinais de esgotamento, o que significaria também o fim da própria Guerra Fria. Diante das perspectivas que a crise econômica deixava entrever, **Mikhail Gorbachev** deu início a um plano de reformas que teve profunda influência no processo de desmantelamento da URSS. Mas isso você verá mais adiante. Por enquanto, continuaremos explorando os desdobramentos da Guerra Fria, pois esse longo conflito não foi travado apenas pela via militar ou diplomática.

SEÇÃO 2

PRODUTOS E SUBPRODUTOS DA GUERRA FRIA

Como você viu na seção anterior, os embates que caracterizaram a chamada Guerra Fria não respeitaram nenhum tipo de limite, fosse este geográfico, ético, político, cultural ou diplomático. Ao longo dos anos 1960, por exemplo, além de alcançar a América Latina, a disputa

envolvendo norte-americanos e soviéticos também passou a ser travada especialmente no campo tecnológico, dando então origem à famosa “**corrida espacial**”. Ou seja, os primeiros satélites postos em órbita e as primeiras viagens tripuladas ao espaço datam dessa época e podem ser consideradas consequências diretas da Guerra Fria. Para você ter uma ideia, foi como contrapartida ao lançamento do primeiro satélite artificial pelos soviéticos em 1957 que os EUA criariam, em 1958, a **National Aeronautics & Space Administration**, mais conhecida pela sigla **NASA**.

A partir daí sucederam-se viagens, de ambas as potências, com alguns lances espetaculares e que contribuíam para aumentar a propaganda sobre a superioridade do desenvolvimento tecnológico de cada uma delas. Do lado soviético, deve-se destacar a viagem de Valentina Tereshkova (a primeira mulher a ir ao espaço, em 1963); o primeiro vôo de três tripulantes, na nave Voshkod I, em 1964; o primeiro passeio fora da nave espacial realizado por Leonov, em 1965. Já os americanos desenvolveram o Projeto Gemini, empreendendo mais de uma dezena de viagens entre os anos de 1965 e 1966, com vôos mais prolongados, realização de experimentos científicos, passeio no espaço e acoplamento entre naves. Em seguida, desenvolveram o Projeto Apollo, cujo objetivo seria o desembarque de astronautas na Lua. Finalmente, em julho de 1969, astronautas norte-americanos pisaram em solo lunar, fixando lá a bandeira dos Estados Unidos. Com essa conquista, eles retomaram a dianteira na corrida espacial, o que foi amplamente utilizado pela propaganda anti-soviética. (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 39-40).



Imagem 5 – O R-7 Semyorka (8K71), também conhecido como SS-6 Sapwood. Foi através de foguetes semelhantes a esse que os soviéticos conseguiram lançar seus primeiros satélites no espaço. Originalmente um míssil balístico intercontinental (ICBM), ele serviu de base para o desenvolvimento de outras séries de foguetes, entre os quais o Soyuz. Disponível em: http://www.esacademic.com/pictures/eswiki/82/Russia-Moscow-VDNH-Rocket_R-7-1.jpg

Imagem 6 – Sputnik, o primeiro satélite artificial lançado pelos soviéticos em 1957. Poucos meses depois, eles enviariam também o Sputnik 2, mas desta vez com uma ilustre tripulante: a cadelinha Laika, o primeiro ser vivo a alcançar o espaço. Disponível em: http://www.ccpq.puc-rio.br/70anos/sites/default/files/imagens/Sputnik_asm.jpg

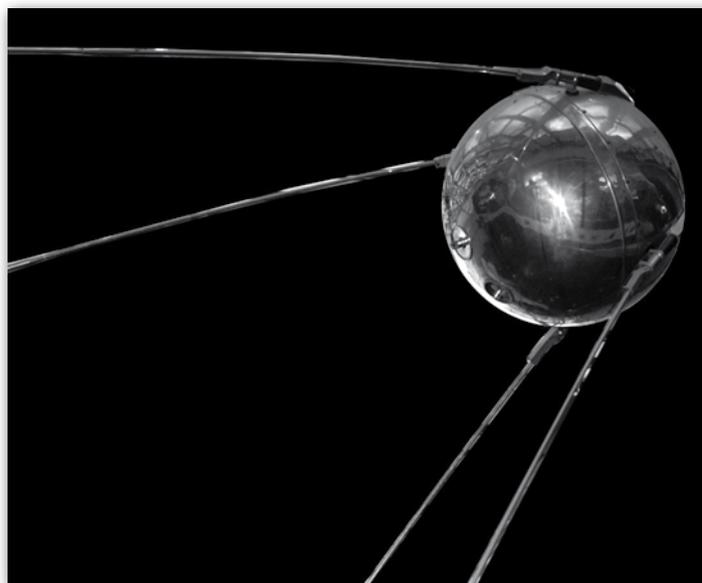
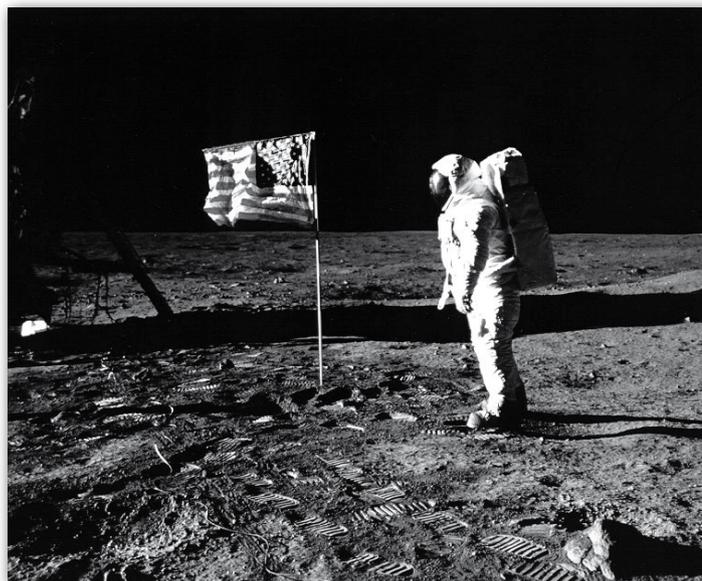


Imagem 7 – Julho de 1969: o homem caminha pela primeira vez em solo lunar. Na foto, vemos Edwin Aldrin diante da bandeira norte-americana recém-afixada. Disponível em: <http://history.nasa.gov/ap11ann/kippsphotos/5875.jpg>



Assim, quando o assunto for a Guerra Fria, devemos nos lembrar que ela nem sempre se resumiu à violência e à destruição. Ainda que ao custo condenável de milhares de vidas inocentes, a história presenciou então um significativo avanço tecnológico que parece não ter tido precedentes. E olhe que esse avanço foi muito além do aprimoramento bélico para a destruição em massa:

[...] o computador, a Internet, os relógios digitais, as imagens via satélite que cotidianamente transmitem os acontecimentos em tempo real e até a viagem do homem à Lua são, de certa forma, produtos da Guerra Fria. Sem a ameaça do bloco adversário, o desenvolvimento de satélites e foguetes se daria em um ritmo muito mais lento.

O desenvolvimento de satélites de transmissão, por exemplo, resulta dos esforços da NASA na corrida pela obtenção de informações privilegiadas do inimigo soviético. O primeiro satélite de comunicações do mundo, o Echo I, orbitou em torno da Terra, em 1960, repassando sinais entre duas estações de rádio no solo. Lançado em 16 de agosto, ele tinha capacidade para transmitir doze ligações telefônicas simultâneas ou um canal de tevê. Dois anos depois, a empresa AT&T lançava o Telstar, um satélite de comunicações que podia ampliar o sinal que recebia. E em 1964, os Jogos Olímpicos de Tóquio entraram para a história como os primeiros a serem transmitidos para o mundo via-satélite.

Já o satélite Corona, lançado pelos norte-americanos também em 1960, tinha o objetivo de tirar fotos do território soviético a 160 mil metros de altura. Na época, ele foi rebatizado com o nome de Discoverer 14 e divulgou-se que se tratava de um aparelho científico para tentar acobertar seus verdadeiros objetivos. As futuras gerações do satélite Corona lançavam cápsulas com filmes no ar, temendo uma possível captura do equipamento pelos soviéticos. O surgimento da tecnologia digital permitiu o envio imediato das imagens à Terra. Os satélites atuais utilizados na agricultura, meteorologia e em diversas outras áreas devem muito à Guerra Fria que, investindo na espionagem, foi a maior incentivadora das tecnologias de sensoriamento remoto. (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 40-41).

Mas não foi apenas isso que a Guerra Fria acabou produzindo. Voluntária ou involuntariamente, o avanço tecnológico deu-se também em outros campos de grande importância:

A revolução eletrônica, que ocorreu na segunda metade do século XX, se beneficiou dessas tensas relações entre EUA e URSS. Em 1948, as enormes válvulas utilizadas nos computadores foram substituídas pelos transistores. Com a crescente complexidade dos circuitos e a miniaturização cada vez maior dos equipamentos, tornava-se cada vez mais difícil fazer a conexão entre os transistores. A solução veio por intermédio dos milhões de dólares injetados pelo Departamento de Defesa americano em empresas de eletrônica que se dedicavam ao aperfeiçoamento dos sistemas que guiavam armas como mísseis e torpedos.

Entre as décadas de 1970 e 1980, foi criado o Sistema de Posicionamento Global (GPS, em inglês) com o objetivo de orientar mísseis e guiar tropas por lugares ermos. Seu custo total foi de dez bilhões de dólares e é formado por uma constelação de 24 satélites. Comparando dados enviados pelos satélites e por bases terrestres, o aparelho fornece a latitude, longitude e altitude do usuário. Hoje, equipa

embarcações, aviões e até carros de luxo visando orientar o trajeto do usuário instantaneamente.

Outros tantos produtos, resultantes exclusivamente da corrida espacial, fazem parte do nosso dia-a-dia. Os aparelhos automáticos para medir pressão arterial, que são encontrados nas portas das farmácias, procedem da evolução de equipamentos desenvolvidos para astronautas, que precisavam de sistemas práticos para avaliar a saúde deles no espaço. A válvula dos novos tipos de coração artificial foi inspirada em uma bomba de combustível de foguetes. Marcapassos são monitorados através da mesma tecnologia utilizada em satélites. Detectores de fumaça e de vazamento de gás, tão comuns nos edifícios atuais, resultam de pesquisas de similares que equipam veículos espaciais. Os ortodontistas contam hoje com o Nitinol, uma liga que, por ser maleável e resistente, é utilizada na fabricação de satélites e que agora também é matéria-prima dos aparelhos ortodônticos. E até a asa-delta, desenvolvida por Francis Rogallo, projetista da NASA, para guiar espaçonaves depois de sua reentrada na atmosfera terrestre, figura nesse rol.

Na época, não faltaram críticas às grandes somas gastas na corrida espacial, alegando que elas poderiam ser melhor empregadas, diretamente em pesquisas mais úteis para a humanidade. No entanto, hoje, muitos defendem que essas críticas não tinham fundamento, na medida em que, até de forma paradoxal, a corrida espacial acabou por contribuir para o bem estar de significativa parcela da humanidade. (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 41-42).

Não obstante, há em tudo isso uma faceta muito mais dramática e que foi trazida de roldão pelo avanço tecnológico do período. Ainda que não restem dúvidas sobre os inúmeros benefícios proporcionados pelos investimentos massivos em pesquisa e tecnologia, é preciso ter claro que no contexto da Guerra Fria eles tinham um foco bastante preciso: o desenvolvimento e a ampliação exponencial do poderio bélico, configurando um frágil e perigoso equilíbrio de forças entre norte-americanos e soviéticos.

Diante desse cenário de tensão permanente da chamada “paz armada”, praticamente ninguém conseguiu passar imune. Nos Estados Unidos, por exemplo, a tensão com os soviéticos transbordou as paredes do Congresso e atingiu em cheio toda a sociedade. Contando com a ajuda da mídia, difundia-se a ideia de uma verdadeira conspiração comunista tramada em pleno solo norte-americano, o que ajudou a dar legitimidade à política de “caça às bruxas”, incentivada e empreendida pelo **Comitê de Atividades Antiamericanas**, principalmente quando passou a ser controlado por um senador do Wisconsin chamado **Joseph McCarthy**, dando então origem ao termo “**macarthismo**”.

Mas qual o sentido da expressão “caça às bruxas”?

As “bruxas”, no caso, eram os supostos comunistas norte-americanos ou simpatizantes do regime soviético. Deviam ser procuradas e presas, para que a sociedade pudesse ter tranqüilidade. Centenas de pessoas foram, portanto, perseguidas. Na prática, a desconfiança e a perseguição podiam estender-se a qualquer um que ousasse questionar os valores capitalistas, a política internacional norte-americana ou demandasse liberdade de expressão e maior justiça social. Foram muitas as conseqüências sofridas por aqueles que eram considerados suspeitos de atividades comunistas e que foram submetidos à investigações do senador. Perda do emprego, impossibilidade de conseguir trabalho, desestruturação das relações de amizade e convivência, desequilíbrios psicológicos e até prisão são exemplos dessas represálias. O filme *Culpado por suspeita*, feito em 1991 pelo diretor Irvin Winkler, e o livro *Casei com um comunista*, de Philippe Roth, 1998, são exemplares ao narrar a desgraça de pessoas perseguidas na era do macarthismo, quando ser adepto ou simpatizante do comunismo equivalia a crime nos Estados Unidos.

Os setores mais atingidos pela política de “caça às bruxas” foram aqueles ligados às atividades culturais: escritores, cineastas, atores e atrizes, cientistas, alvos favoritos dos “inquisidores” por terem a coragem de manifestar mais livremente seu pensamento e serem capazes de influenciar muitas pessoas. E não faltavam delatores, pois muitos, para garantir seus empregos ou obter vantagens pessoais, não tinham escrúpulos em denunciar seus colegas. Um exemplo notório desse comportamento foi o do ator Ronald Reagan (o mesmo que, na década de 1980, chegou à presidência dos Estados Unidos) que na época era presidente do Sindicato dos Atores Cinematográficos de Hollywood e colaborou abertamente com o comitê acusando companheiros de trabalho de envolvimento com o comunismo. (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 32).

Assim, um grande número de pessoas sofreu com os rigores das perseguições, chegando ao extremo de perderem suas vidas, como ocorreu em 1953 com a execução do casal de cientistas Julius e Ethel Rosenberg, acusados de fornecerem segredos nucleares aos soviéticos. Até mesmo grandes personalidades do cinema, como Charles Chaplin, tiveram que buscar o exílio na Europa e em outros países, sob pena de depor ou serem indiciados perante o temido comitê dirigido pelo senador McCarthy. Segundo o que afirmam alguns historiadores, sob esse clima de “caça às bruxas” escondia-se uma série de manobras políticas nada desinteressadas.



Como a URSS, os EUA eram uma potência representando uma ideologia, que a maioria dos americanos sinceramente acreditava ser o modelo para o mundo. Ao contrário da URSS, os EUA eram uma democracia. É triste, mas deve-se dizer que estes eram provavelmente mais perigosos.

Pois o governo soviético, embora também demonizasse o antagonista global, não precisava preocupar-se com ganhar votos no Congresso, ou com eleições presidenciais e parlamentares. O governo americano precisava. Para os dois propósitos, um anticomunismo apocalíptico era útil, e portanto tentador, mesmo para políticos não de todo convencidos de sua própria retórica ou do tipo do secretário de Estado da marinha do presidente Truman, James Forrestal (1882-1949), clinicamente louco o bastante para suicidar-se porque via a chegada dos russos de sua janela no hospital. Um inimigo externo ameaçando os EUA não deixava de ser conveniente para governos americanos que haviam concluído, corretamente, que seu país era agora uma potência mundial – na verdade, de longe a maior – e que ainda viam o “isolacionismo” ou protecionismo defensivo como seu grande obstáculo interno. Se a própria América não estava segura, não havia como recusar as responsabilidades – e recompensas – da liderança mundial, como após a Primeira Guerra Mundial. Mais concretamente, a histeria pública tornava mais fácil para os presidentes obter de cidadãos famosos, por sua ojeriza a pagar impostos, as imensas somas necessárias para a política americana. E o anticomunismo era genuína e visceralmente popular num país construído sobre o individualismo e a empresa privada, e onde a própria nação se definia em termos exclusivamente ideológicos (“americanismo”) que podiam na prática conceituar-se como o pólo oposto ao comunismo. (HOBSBAWM, 2003, p. 232).

A ameaça comunista também encontrou outras formas muito mais sutis de penetrar na vida diária dos norte-americanos. Como já demonstraram diversas pesquisas, o conflito envolvendo os EUA e a URSS acabou se reproduzindo em revistas de grande circulação, em filmes e também em muitos personagens de histórias em quadrinhos. Um bom exemplo dessa inequívoca penetração pode ser encontrado em veículos como a famosa revista *Seleções do Reader's Digest*. “Publicada em dezenas de línguas [inclusive em português], e com tiragens de milhões de exemplares mensalmente, *Seleções* pode ser considerada um dos grandes veículos de divulgação do ‘american way of life’ e de contundentes críticas aos países socialistas”. (MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 30). Ao pesquisar a revista entre janeiro de 1954 e dezembro de 1964, Silvio Luiz Gonçalves Pereira também percebeu essa tendência. Segundo ele:

Seleções moveu-se no campo da intolerância, especialmente da intolerância política. Os artigos veiculados pela revista no período escolhido [...] revelam agressiva propaganda anticomunista, manifestada pela demonização do outro, que é considerado pelos autores como sendo o reino do mal, da tirania e do desapego aos valores da família, da prosperidade e da ordem. (PEREIRA, 2006, p. 11).

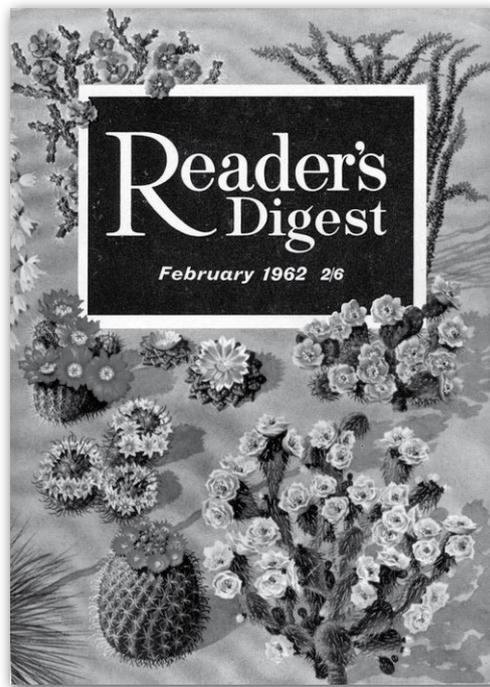


Imagem 8 – Capa da edição de *Seleções do Reader's Digest* de fevereiro de 1962.
Disponível em: <http://www.madagascar-library.com/images/700x700/readers-digest-feb-1962-front.jpg>

No que toca às histórias em quadrinhos, especialmente aquelas de super-heróis e mascarados norte-americanos, as coisas não foram muito diferentes. Na verdade, pode-se mesmo dizer que muitas delas acompanham praticamente todos os embates políticos e militares em que os EUA estiveram envolvidos desde meados da Segunda Guerra Mundial até a Guerra Fria. Ao longo desse período, muitos heróis fantasiados foram criados, tomando como pano de fundo os conflitos e os assuntos debatidos no momento. O **Capitão América**, por exemplo, foi um deles. Criado no início da década de 1940 por Joe Simon e Jack Kirby, o “Sentinela da Liberdade” lutou bravamente contra os nazistas durante o contexto da Segunda Guerra Mundial. Nos anos seguintes, o Capitão América também tomaria parte na luta contra os perigos da ameaça comunista.

Segundo muitos estudiosos, o Capitão seria a síntese da ideologia militarista norte-americana: um herói intervencionista, que toma a justiça pelas próprias mãos, contra governos estrangeiros que representariam “o mal”, justamente por seguirem outro modo de vida que não o americano. A única arma usada pelo Capitão – um escudo – representaria a idéia de que os EUA só atacam para se defender; o fato do Capitão agir de forma independente do governo ou de instituições – faz parte da ideologia liberal capitalista da “livre iniciativa”, onde pessoas vestem uniformes e saem caçando criminosos (no caso do Capitão, espões e agentes terroristas) por sua própria conta (SOUZA, *apud* OLIVEIRA; DENIPOTI, 2008, p. 5).

Imagem 9 – No primeiro número de sua revista, em 1941, o Capitão América desfere um soco em Adolf Hitler. Note-se a semelhança das vestes do herói com as cores da bandeira norte-americana. Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/_31TGdXVwLqc/S8uoAQGgq_I/AAAAAAAAAT8/fKuy24SkfyQ/s1600/captainAmericaHitler.jpg



Enquanto se desenrolavam os episódios da Guerra Fria, outros super-heróis também vieram à luz, trazendo consigo as marcas indelévels do seu tempo. No entanto, tais marcas não se restringiram à mera reprodução dos confrontos ideológicos entre capitalistas e comunistas, pois as editoras de histórias em quadrinhos passaram a focalizar outras questões igualmente palpitantes que ocupavam o pensamento do período.

A editora Marvel Comics se destacou então com a criação de inúmeros personagens que adquirem poderes envolvendo pesquisas com radiação, tais como: Homem-Aranha, picado por aranha radioativa (1963), Hulk, exposto a radiação em experimentos militares (1962), Demolidor, acidente com materiais radioativos (1968), entre outros. (KRAKHECKE, 2009, p. 63).

Para além dos heróis mascarados, profundamente influenciados pelo contexto da guerra e da tensão nuclear, o cinema hollywoodiano foi outro produto largamente utilizado para se difundir o ideal do *american way of life*. No caso do Brasil e da América Latina, o cinema norte-americano serviu também para promover a política de boa vizinhança no continente.

Entre as estratégias adotadas para esta aproximação destaca-se a realização de filmes de animação, tendo como um dos personagens centrais o Zé Carioca, de Walt Disney, ele mesmo um entusiasta do *american way of life* (modelo americano de viver). Para a criação do personagem Zé Carioca Disney contou com a assessoria do jornalista Gilberto Souto e do músico Aloísio de Oliveira (do conjunto Bando da Lua). Zé Carioca é a personificação do estereótipo do brasileiro amigável e “bom malandro” sempre disposto a ajudar seus amigos norte-americanos representados especialmente pelo Pato Donald (embora Mickey ainda fosse o maior “embaixador” dos EUA no cinema). Atento a esse espírito de cordialidade Disney lançou, por exemplo, *Saludos, Amigos!* (Os Três Amigos – 1943) e *The Three Caballeros* (Você já foi à Bahia? – 1944). (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 62-63).

Assim, todas essas criações culturais deixavam entrever o agravamento da situação política internacional no contexto do pós-guerra. Da mesma maneira, elas demonstram de que forma a Guerra Fria penetrou e contaminou o cotidiano mundial, indo muito além das disputas diplomáticas e militares. Diante do que foi apresentado acima, não é difícil imaginar os efeitos materiais e psicológicos do conflito em milhares de corações e mentes pelo planeta. Para muitos autores, tais produções teriam desempenhado um importante papel na arregimentação da opinião pública e na legitimação de muitas políticas sociais e econômicas do pós-guerra. Segundo Eric Hobsbawm (2003, p. 229-230), por exemplo, os soviéticos não estariam nem preparados e nem mesmo interessados em entrar em uma nova guerra contra os EUA, pois ao final da Segunda Guerra Mundial se encontravam arrasados e desestruturados, sendo de longe o país mais afetado em perdas de vidas (cerca de 20 milhões).

Diante dessa situação, era sem dúvida interessante à maior potência mundial utilizar subterfúgios para ampliar a ameaça soviética e assim fazer valer seus interesses diante da arena política internacional. No final da década de 1980, porém, esse estado de coisas sofreria um novo e derradeiro golpe, tal como você verá na última seção desta unidade.

SEÇÃO 3

O COLAPSO DA URSS E O FINAL DO EMBATE LESTE-OESTE

Como foi visto mais acima, apesar da suposta ameaça representada pelo espectro soviético, os EUA haviam saído como os grandes vencedores da Segunda Guerra Mundial em 1945. Passados mais quarenta anos desde o célebre desfecho do conflito, as tensões da Guerra Fria pareciam estar se encaminhando para um final bastante semelhante, uma vez que o gigante comunista do leste começava a dar mostras incontestáveis do seu cansaço.

Quando Leoníd Bréjnev morreu, em 10 de novembro de 1982, após permanecer dezoito anos no poder, a União Soviética encontrava-se em profunda crise político-econômica, necessitada de mudanças urgentes e radicais. A população chegara a 270 milhões de pessoas, a taxa de mortalidade estava em declínio e a expectativa de vida se elevara, aumentando a população idosa inativa. Isso tinha reflexos negativos para a assistência social, a força de trabalho e a produtividade. Este último fator era ainda mais prejudicado pela emigração, principalmente de membros da comunidade judaica, que fugiam à discriminação de que eram vítimas na União Soviética. Como muitos desses imigrantes pertenciam à faixa dos trabalhadores altamente qualificados, o governo tentava reprimir esta sangria, mas, com isso, elevava a tensão social e a desaprovação externa à sua política. (COELHO, 1996, p.11).

Contudo, os principais problemas pareciam advir mesmo dos altos investimentos destinados à indústria armamentista pelos soviéticos. Tais despesas, somadas ao déficit de mão de obra, ao emprego de tecnologia superada e às más colheitas que se vinham acumulando, tornavam a situação ainda mais grave tanto para a população como para os administradores, pois ambos tinham de lidar com a escassez de diversos produtos, incluindo-se aí gêneros de primeira necessidade. Muitas vezes, o único modo de se conseguir fugir das filas intermináveis e das prateleiras vazias das lojas era recorrer à informalidade, ao comércio ilegal ou então ao mercado negro, contando para isso com um tipo de consentimento não declarado por parte das próprias autoridades soviéticas, temerosas em relação ao potencial particularmente explosivo de toda aquela situação.

Iuri Andropov, o sucessor de Brejnev na direção do **PCUS (Partido Comunista da União Soviética)**, estava plenamente ciente de tais problemas, isto é, da necessidade mais do que urgente de se promoverem

reformas e mudanças na política e na economia. No entanto, ainda que tenha tentado dar início às transformações, sua condição debilitada de saúde não permitiu que ele continuasse no poder por muito tempo. Assim, após ficar dois anos à frente do PCUS, Andropov morreu de problemas cardíacos. Em seu lugar, temendo a continuidade das reformas representadas pela candidatura do herdeiro de Andropov, Mikhail Gorbatchev, os conservadores trataram de eleger com rapidez um brejnevista: Konstantin Tchernenko. Este, com a idade já bem avançada, teve também uma gestão bastante curta, permanecendo apenas onze meses na direção do PCUS – o que foi tempo suficiente para que ele conseguisse agravar ainda mais a crise do gigante soviético.

Diante de tais circunstâncias, em 1985 a eleição de Gorbatchev como o novo secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética tornou-se praticamente inevitável. Coube a ele, portanto, a difícil tarefa de tentar recuperar uma economia seriamente combalida pelos próprios excessos do regime durante as longas décadas de disputa com o Ocidente capitalista na Guerra Fria.

No poder, Gorbatchev, um filho da burocracia do PC, por ela escolhido, desenvolveu um plano ousado: cortar pela raiz os gastos militares (e, por conseqüência, pôr fim à Guerra Fria). Os recursos liberados deveriam servir para recuperar a produtividade econômica, criando uma espécie de **socialismo de mercado** ou **capitalismo social**. O novo líder soviético também apostava em uma certa liberalização econômica, permitindo que camponeses e artesãos criassem pequenas empresas privadas e comercializassem livremente seus produtos. Para Gorbatchev, isso melhoraria bastante a produtividade. O novo governo defendia ainda a criação de *joint ventures*, empresas conjuntas a multinacionais do Ocidente. (BRENER, 1998, p. 30, grifos do autor).

Os dois nomes que esse amplo projeto de reformas recebeu do próprio Gorbatchev ficariam muito famosos desde então. As reformas que deveriam atingir a estrutura econômica, por exemplo, foram agrupadas sob o termo **perestroika**, cujo significado poderia ser definido como "reconstrução" ou "reestruturação". Para que ela pudesse ser posta em prática, porém, seria necessária ainda a incorporação de uma atitude de abertura política que ficou conhecida como **glasnost**, o que significaria algo como "transparência".

Os objetivos básicos da *perestróika* eram a introdução de mecanismos de mercado na economia soviética, a renovação do direito à propriedade privada em setores selecionados e a retomada do crescimento. Para tanto, propunha-se a eliminação dos monopólios estatais e a descentralização das decisões empresariais. Embora o Estado continuasse como o principal proprietário, a iniciativa privada nacional ou estrangeira poderia se encarregar de indústrias produtoras de bens de consumo, comércio varejista e serviços não essenciais. Na agricultura, foi permitido o arrendamento de terras estatais a indivíduos, grupos familiares ou cooperativas. Pretendia-se também converter gradualmente as indústrias militares em civis, para a produção de bens de consumo. Criaram-se incentivos ao investimento estrangeiro no país.

A atitude de *glásnost* visava mudar a mentalidade social, desburocratizar o país e criar a vontade política de realizar as reformas. Incluiu o fim da perseguição aos dissidentes e a reabilitação de antigos "inimigos do regime", campanhas contra a corrupção e a ineficiência administrativa, o fim da filtragem da informação e a liberalização cultural de um modo amplo. A censura foi quase totalmente abolida, obras proibidas foram liberadas e concedeu-se autorização para a publicação de livros e artigos de jornal ou a difusão de programas de rádio e TV contendo críticas ao regime. (COELHO, 1996, p.18).

Como podemos ver, todas essas medidas eram bastante radicais para os padrões soviéticos, pois seguiam justamente na contramão dos desmandos e das práticas autoritárias abusivas que há muito vinham sendo perpetradas pelo regime comunista. Assim, por conta do próprio teor das mudanças administrativas que propunha implantar, Gorbachev precisou antes consolidar e assegurar o seu poder, promovendo uma espécie de renovação junto à ala mais conservadora da cúpula do partido. Essa "limpeza", no entanto, foi apenas uma das inúmeras dificuldades que o líder soviético e seus aliados precisaram enfrentar na aplicação de seu amplo projeto de reformas. Aliás, de todas as batalhas que foram travadas, esta talvez tenha sido a mais fácil e a menos complicada.

Mas antes de listar e comentar os demais entraves ao projeto reformista de Gorbachev, você verá qual foi o impacto de suas propostas no contexto internacional. Para começar, o livro ***Perestroika: novas ideias para meu país e o mundo***, escrito pelo próprio líder soviético, foi traduzido e publicado em diversos países, tornando-se rapidamente um *best-seller*. Como já anunciava em seu título, as questões que o livro abordava iam muito além de um diagnóstico e de um plano de reformas para os problemas socioeconômicos que vinham emperrando o desenvolvimento soviético. E mesmo que fosse apenas isso, nunca será demasiado lembrar:

quando ainda se vivia à mercê das sombrias perspectivas condensadas na sigla “MAD” (de *Mutual Assured Destruction*, isto é, *Destruição Mútua Assegurada*), tudo o que dissesse respeito à URSS ou aos EUA interessaria automaticamente ao restante do planeta.

De qualquer modo, tanto dentro como fora da URSS, a nova política internacional de Gorbatchev foi relativamente bem recebida.

Ele retirou as tropas soviéticas que apoiavam o governo pró-URSS do Afeganistão, e também trouxe para casa centenas de milhares de recrutas que patrulhavam a fronteira com a China. Esses dois jogos de guerra engoliam bilhões de dólares ao ano. “Mais manteiga e menos canhões” era o lema. O desmantelamento do aparelho militar soviético forçou a Casa Branca e os chefões da OTAN a diminuir suas baterias de mísseis nucleares, assim como os contingentes de tropas estacionados na Europa. Gorbatchev firmava uma imagem de paladino do desarmamento. (BRENER, 1998, p. 30).

O clima de enfrentamento que a Guerra Fria havia disseminado parecia estar finalmente com os dias contados, o que significava uma possibilidade concreta de resolução para diversos conflitos que se arrastavam por muito tempo ao redor do mundo.

O entendimento entre a União Soviética e a China começou a desatar o nó no Sudeste Asiático. A primeira encerrou a ajuda militar ao Vietnã, e a segunda parou de apoiar o Khmer Vermelho no Camboja. Tornou-se, assim, possível um acordo interno para este país, que levou às eleições livres de 1993; e ficou aberto o caminho para a gradual distensão nas relações entre Hanói e Washington, que culminou, em 1994, com a suspensão do bloqueio americano ao Vietnã.

O fim do apoio soviético às ex-colônias portuguesas de Angola e Moçambique, vizinhas da África do Sul – e a conseqüente retirada das tropas cubanas ali estacionadas – permitiu acordos multilaterais que levaram à independência da Namíbia. Permitiu também acelerar o fim do apartheid na África do Sul e a realização das eleições de 1994, que levaram o líder negro Nelson Mandela à Presidência como o representante da maioria negra do país. (COELHO, 1996, p. 22).

No nosso continente, as coisas se passaram de um modo bastante semelhante, pois as novas medidas que vinham de Moscou ajudaram a aliviar parcialmente a tensão e a destruição dos anos de guerrilhas inconclusas. Com exceção de Cuba, que optou por manter o regime socialista mesmo depois da guinada soviética – enfrentando com isso sérias dificuldades –, os demais países centro-americanos que viviam conflitos conseguiram assinar acordos, garantindo assim um pouco de paz e tranquilidade para os seus cidadãos. Foi desse modo que as coisas se passaram na Nicarágua e em El Salvador, por exemplo, onde tiveram lugar violentas lutas armadas. Logo em seguida, o mesmo também ocorreria

com os vizinhos conservadores Guatemala e Honduras, muito embora suas disputas internas não tivessem adquirido assim tanta expressão.

Evidentemente, o fim das guerrilhas não significava uma superação automática de todas as mazelas econômicas e sociais que assolavam esses diferentes países.

Se a paz trouxe um pouco de alívio às populações centro-americanas, seus problemas estavam longe de ser resolvidos. [...] Violeta Chamorro, vencedora [das eleições] na Nicarágua, não conseguiu que o apoio norte americano aos contras [guerrilheiros de direita pró-americanos] se transformasse em auxílio para a reconstrução do país. No princípio de 1992, quase 70% da força de trabalho nicaragüense estavam desempregados e tantos ex-contras como ex-soldados sandinistas desmobilizados [esquerdistas] ameaçavam entrar em luta outra vez, reivindicando as terras e o apoio econômico que Violeta lhes prometera.

Em El Salvador, a paz deveria trazer de volta muitos dos quase um milhão de exilados nos Estados Unidos, México e Nicarágua, que enviavam anualmente dezenas de milhões de dólares a suas famílias, aliviando os problemas econômicos do país. O governo não sabia de onde tirar o dinheiro para alojar e dar emprego a toda essa gente: calculava-se que seriam necessários US\$ 2 bilhões, apenas para as despesas imediatas. O governo apostava no auxílio econômico dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão. (BRENER, 1998, p. 108).

Apesar disso, as novas diretrizes que Gorbachev havia dado à política soviética tiveram uma boa repercussão no contexto internacional. Na verdade, as medidas que ele começou a implantar a frente do PCUS o ajudaram a forjar a imagem de um estadista popular e admirado não só no exterior, mas também dentro da própria URSS. O seu perfil carismático, portanto, contrastava radicalmente com aquele apresentado pela esmagadora maioria dos líderes soviéticos que o precederam. Para resumir a situação, basta lembrar que Gorbachev não só foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz, mas também foi eleito o “Homem da Década” pela revista norte-americana *Time*.

Os títulos que o secretário-geral acumulou, porém, parecem não ter inibido o surgimento de críticas e reações contrárias ao seu plano de reestruturação. E os ataques vinham não só da “velha guarda” conservadora:

Também as lideranças dissidentes reclamavam, mas por motivos opostos: consideravam insuficientes, tímidas e incompletas as reformas adotadas. Além disso, condicionados por setenta anos de repressão, não conseguiam convencer-se de que as coisas estivessem realmente mudando. Não confiavam em Gorbachóv e acusavam-no de estar adotando medidas apenas de propaganda, para obter a simpatia do Ocidente. E sobretudo os dissidentes de maior renome, exilados no Ocidente – o historiador Roy Medvédev, o líder do movimento judaico de emigração Anatóli Charânski, o escritor Aleksandr Soljenítsin –, pediam aos Estados Unidos que pressionassem o Krêmlin a acelerar a democratização. (COELHO, 1996, p. 22).

De qualquer modo, contestações como essas também parecem ter figurado entre as de menor impacto direto à condução do projeto reformista de Gorbachev. Afinal de contas, diante das greves, dos protestos populares e das inúmeras manifestações que brotaram com o afrouxamento progressivo da repressão, as divergências políticas no interior da cúpula partidária eram bem menos preocupantes. Muito pior do que elas, por exemplo, foram as reivindicações separatistas que começaram a grassar exponencialmente no final da década de 1980, ameaçando estilhaçar a gigantesca federação criada em 1922. Por detrás desses movimentos, encontrava-se não só o clima de abertura política trazido pela *perestróika*, mas também os efeitos da grave crise econômica que a URSS atravessava. Aliás, as crises econômicas são sempre muito perigosas, pois conhecemos o seu potencial de exacerbar antigos rancores e de trazer junto consigo as pulsões racistas e nacionalistas.



Como a taxa de natalidade nas repúblicas da parte asiática era mais alta, o elemento russo, predominante na composição étnica soviética, caíra para menos da metade do total da população. Isso aumentara as reivindicações dos grupos não russos, obrigando o governo a fazer às nacionalidades concessões que sempre recusara – por exemplo, o direito de usar suas próprias línguas nas escolas ou o de restringir o acesso, antes majoritário, dos russos a determinados escalões dos cargos públicos. Já se podiam perceber aí as sementes do vasto movimento separatista que, pouco depois, faria a União Soviética – fruto de um processo imperialista de anexações territoriais iniciados nos tempos da monarquia – desmoronar como um castelo de cartas. (COELHO, 1996, p. 13).

No caso da União Soviética, as primeiras grandes manifestações separatistas eclodiram na Lituânia, na Letônia e na Estônia, isto é, no interior das chamadas **“Repúblicas Bálticas”**, que àquela altura já eram governadas por presidentes nacionalistas eleitos livremente. Para elas, a solução para a escassez de bens de consumo e de produtos alimentícios estaria justamente “na independência completa e na aproximação com a Europa Ocidental, seu sonho de um mundo rico e feliz. Já o Azerbaijão e o Tajiquistão, repúblicas de população islâmica, aproximavam-se do Irã. Era a locomotiva da desagregação apitando na curva”. (BRENER, 1998, p. 32-33).

O movimento separatista nas repúblicas espelhava o que acontecia no bloco socialista como um todo. Durante muito tempo, o longo braço do Pacto de Varsóvia reprimira violentamente todas as tentativas dos países satélites de obter autonomia. Duras intervenções militares tinham posto fim à revolta anticomunista de 1953 em Berlim Oriental; ao levante húngaro de 1956; à crise que culminara, em 1961, na edificação do Muro de Berlim, para impedir a sangria dos cidadãos que fugiam constantemente para o lado ocidental da cidade; à Primavera de Praga e à tentativa de “um socialismo com face humana” dos líderes tchecos em 1968; e à tentativa polonesa, em 1981, de criar, com o Solidariedade, um movimento sindical independente. (COELHO, 1996, p. 34).

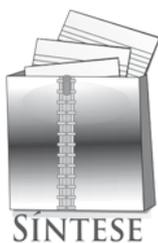
Assim, não demorou muito para que a chamada “revolução democrática” transbordasse em direção às demais áreas de influência soviética no Leste europeu. E, por mais surpreendente que possa parecer, na grande maioria dessas regiões (Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, Alemanha Oriental etc.), o processo de transição democrática se deu de modo rápido e praticamente sem explosões violentas. A exceção mais significativa talvez tenha sido o caso da **Romênia**, cuja revolução de dezembro de 1989 derrubou o regime comunista e executou não só o sanguinário ditador **Nicolae Ceausescu**, mas também sua esposa Elena. O casal Ceausescu, não se pode esquecer, foi responsável por submeter o povo romeno aos rigores de vinte e cinco anos de pura tirania stalinista. Na ocasião da revolta que pôs um fim à ditadura, por exemplo, centenas de pessoas foram mortas pela **Securitate**, a temida polícia política do regime. “No início de 1990 era eleito o novo presidente Ion Ielescu, da recém-criada Frente de Salvação Nacional”. (BRENER, 1998, p. 42).

Contudo, os grandes acontecimentos de 1989 foram mesmo a unificação da Alemanha e a derrubada do muro que desde 1961 dividia a cidade de Berlim entre os dois blocos de poder do pós-guerra. A queda do chamado “**muro da vergonha**”, até então símbolo máximo dos confrontos da Guerra Fria, anunciava ao mesmo tempo o esvaziamento do conflito Leste-Oeste e a irreversibilidade do esfacelamento do bloco soviético. A partir daí, tornou-se muito comum afirmar que as forças reformistas liberadas por Gorbachev acabaram fugindo ao seu controle. Ou seja, ao invés de proporcionarem a estabilização do quadro de profunda recessão econômica soviética, as novas medidas adotadas pelo secretário-geral intensificaram não só as convulsões sociais, mas também as disputas políticas e ideológicas dentro do próprio governo.

A gravidade da situação soviética chegou ao paroxismo em meados de 1991. Após uma sucessão de planos econômicos que não deram muitos resultados, as contendas internas entre reformistas e conservadores se acirravam cada vez mais, minando sistematicamente a autoridade e o poder de Gorbachev – em 1990, o monopólio do poder do PCUS já havia sido extinto pelo Congresso de Deputados do Povo (CDP), dando a Gorbachev o título de presidente da URSS. Assim, na madrugada de 19 de agosto de 1991, teve início uma tentativa de golpe que não teve a adesão popular necessária para se efetivar. Na verdade, a desarticulação da quartelada contou com o apoio de duzentas ou trezentas mil pessoas, à frente das quais vinha uma figura ascendente no plano político soviético: o presidente da Rússia recentemente eleito, **Boris Yeltsin**.

Após o fracasso do golpe, Yeltsin emergiu como uma nova força de liderança, ofuscando ainda mais a imagem já bastante desgastada de Gorbachev. O próprio PCUS foi declarado ilegal, tendo suas atividades proibidas dentro da União Soviética. E, para piorar a situação, o abalo sofrido pelo Krêmlin serviu de estímulo para os movimentos separatistas que fervilhavam nas repúblicas como aquelas situadas às margens do Mar Báltico (Lituânia, Letônia e Estônia). Em pouco tempo, a União Soviética daria lugar a uma nova configuração política arquitetada e encabeçada pelo presidente russo Boris Yeltsin: a **Comunidade dos Estados Independentes**, igualmente conhecida pela sigla **CEI**. Assim, na noite de Natal de 1991, a tradicional bandeira vermelha com a foice e o martelo foi substituída no topo do Krêmlin pela flâmula tricolor russa.

O final da URSS, no entanto, não trouxe consigo o final da crise econômica e dos desentendimentos internos. Pelo contrário, os problemas se agravaram drasticamente após a independência, pois a descentralização do planejamento econômico subverteu por completo a estrutura que anteriormente promovia o abastecimento de produtos e serviços nas diferentes repúblicas. Ora, o próprio Gorbachev já havia percebido bem “o que ocorria na URSS, na ex-URSS, na CEI ou como quer que se queira chamar aquele enorme ‘aquilo’: ‘Estamos destruindo tudo sem construir nada’.” (BRENER, 1998, p. 37).



SÍNTESE

Nesta primeira unidade, você pôde acompanhar os principais eventos que marcaram a ordem bipolar construída no contexto do pós-guerra. Na primeira seção, intitulada *O pós-guerra e as tensões da ordem bipolar*, você teve um quadro relativamente detalhado dos movimentos iniciais que deflagraram o conflito entre EUA e URSS. Além desse quadro, procuramos apresentar a você um breve esboço das três principais fases que a Guerra Fria atravessou.

Já na segunda seção, intitulada *Produtos e subprodutos da Guerra Fria*, você pôde conhecer alguns dos desdobramentos que o embate Leste-Oeste teve no cotidiano mundial, mais especificamente nas esferas tecnológica e cultural. Nas duas primeiras seções, a ideia era tentar deixar suficientemente claro tanto o alcance mundial atingido pela Guerra Fria, quanto suas funestas ressonâncias no viver diário de milhões de pessoas espalhadas pelo globo.

Na terceira e última seção desta unidade, chamada *O colapso da URSS e o final do embate Leste-Oeste*, foram brevemente acompanhados os principais episódios que determinaram o esfacelamento do bloco soviético, o que contribuiu decisivamente para que também se colocasse um ponto final à própria Guerra Fria.



SAIBA MAIS

Livros

O historiador norte-americano **John Lewis Gaddis** realizou diversos estudos sobre a Guerra Fria. Considerado um grande especialista no assunto, ele tem diversos livros sobre a temática da Guerra Fria, muitos dos quais escritos numa linguagem mais acessível aos estudantes menos familiarizados com o conflito. Um desses estudos já pode ser encontrado em português sob o título “**História da Guerra Fria**” (Editora Nova Fronteira, 2006, 336 páginas), ou simplesmente “**A Guerra Fria**” (Edições 70, 2007, 344 páginas). Esta última edição é uma tradução para o português de Portugal.

O livro “**Espaçonaves tripuladas: uma história da conquista do espaço**”, de autoria de Cláudio Oliveira Egalon, Jorge Luiz Calife e Reginaldo Miranda Júnior (Editora UFSM, 2000, 272 páginas), traz muitas informações sobre o período em que foram empreendidas as primeiras viagens espaciais. No livro, os autores tratam também das perspectivas futuras da atividade de exploração do espaço.

O livro “**Hungria 1956: e o muro começa a cair**”, organizado por Ladislao Szabo (Editora Contexto, 2006, 172 p.), aborda o conhecido levante húngaro ocorrido em 1956, um evento que teve ampla repercussão em todo o mundo e que, para muitos, marca o começo da derrocada soviética. Para contar essa história, os diferentes colaboradores do volume lançam mão de documentos originais, abordando a questão desde os primórdios da implantação do socialismo entre os húngaros.

Sites e outras referências

Leia a reportagem “**Guerra Fria promoveu a corrida tecnológica**”, de autoria de Fábio Reynol, publicada em junho de 2002 na Revista de Jornalismo Científico ComCiência, n. 32. Esse e outros textos da edição podem ser encontrados no seguinte endereço: <http://www.comciencia.br/reportagens/guerra/guerra07.htm>

Visite o site do Museu da Guerra Fria (em inglês) e faça um passeio pelas diferentes exposições disponibilizadas sobre o conflito. Lá você poderá encontrar textos e fotos, além de links para acessar documentos e diversos outros sites sobre o assunto. O endereço para visualizar o museu é este: <http://www.coldwar.org/>

Filmes

Dr. Fantástico (Inglaterra, 1964)

Direção: Stanley Kubrick.

O filme faz uma sátira política bastante mordaz sobre a paranoia nuclear e anticomunista que acometeu boa parte da sociedade norte-americana na metade do século passado. Trata-se de uma rara e refinada peça de humor negro produzida pelo famoso diretor de “**2001: uma odisséia no espaço**”, filme que de certa forma também explora outro dos grandes anseios das décadas de 1950 e 1960.

Culpado por suspeita (EUA, 1991)

Direção: Irwin Winkler.

Como foi mencionado no próprio texto da unidade, o filme retrata muito bem a atuação do Comitê de Atividades Antiamericanas e o clima de perseguição e suspeição instaurado em Hollywood nos tempos sombrios do macarthismo.

Adeus, Lênin! (Alemanha, 2003)

Direção: Wolfgang Becker.

O filme se passa na Alemanha socialista e conta a história de Christiane, mãe e fervorosa militante comunista que entra em coma pouco tempo antes dos eventos dramáticos que levaram à reunificação alemã no começo da década de 1990. Quando ela finalmente desperta, seu filho se desdobra para recriar o mundo que lhe era familiar antes do acidente, poupando-a de um novo enfarte potencialmente fatal. Trata-se de um tocante retrato sobre os acontecimentos que surpreenderam e redesenharam o mundo entre 1989 e 1991.



1) Em março de 1986, o presidente dos EUA Ronald Reagan afirmou: “As armas nucleares ainda são necessárias para dissuadir uma agressão e assegurar a paz, por isso é preciso manter o nível moderado de testes nucleares para assegurar a confiabilidade, a segurança e a efetividade dos meios de dissuasão dos EUA [...]”. (Apud WILSON, 1987, p.72). Partindo desta afirmação e dos demais referenciais discutidos ao longo da unidade, responda:

- a) Como se deu o estabelecimento da chamada Guerra Fria?
- b) Como você explicaria o emprego do termo “paz armada” no contexto do pós-guerra?
- c) De que modo as tensões da Guerra Fria atingiram a vida das pessoas pelo mundo?

2) Alguns autores afirmam que as causas da desagregação soviética são bem anteriores à década de 1980. Faça uma rápida pesquisa e procure reunir alguns argumentos que sustentem essa tese.

O mundo emancipado: A descolonização na África e na Ásia

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Proporcionar um entendimento elementar dos principais fatores que desencadearam a descolonização na Ásia e na África.
- Compreender as dificuldades, os entraves e a complexidade inerente aos diversos movimentos de contestação à colonização.
- Avaliar o alcance efetivo da conquista da liberdade por parte dos povos vitimados pelo colonialismo.

ROTEIRO DE ESTUDOS

- SEÇÃO 1 - O processo de descolonização e suas motivações
- SEÇÃO 2 - A dinâmica, os limites e as dificuldades da descolonização

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Nesta segunda unidade do curso de História Contemporânea III, trataremos de promover uma breve discussão sobre outros acontecimentos importantes que também tiveram lugar e/ou ganharam força após o término da Segunda Guerra Mundial em 1945. Em especial, os acontecimentos dos quais nos ocuparemos a seguir dizem respeito ao processo de descolonização da África e da Ásia, processo este que ganhou uma intensidade significativa a partir do final da segunda grande conflagração mundial.

Como procuraremos demonstrar logo adiante, a busca pela emancipação por parte das antigas áreas coloniais se constituiu em um dos movimentos mais importantes do período contemporâneo. É justamente nesse momento que vemos surgir, por exemplo, o chamado "Terceiro Mundo", um novo e incômodo integrante no já abalado cenário da política internacional. Assim, se a Guerra Fria havia dado origem a uma nova configuração de forças encabeçada pelos EUA, a luta contra o colonialismo golpeou de modo ainda mais violento as pretensões hegemônicas do Ocidente. Nas seções seguintes, tentaremos sistematizar algumas poucas informações a respeito de como se deu todo esse processo e, também, do seu significado histórico.

SEÇÃO 1 O PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO E SUAS MOTIVAÇÕES

De acordo com o historiador francês René Rémond, se desejássemos condensar a história política do mundo contemporâneo em alguns poucos marcos significativos, estes seriam a Revolução Francesa de 1789, o levante russo de 1917 e, por fim, a conquista da liberdade por parte dos povos vitimados pelo ímpeto colonialista. Ainda que Rémond tenha afirmado

isso em meados da década de 1970, dificilmente algum historiador ou analista dos nossos dias ousaria discordar do arrazoado por ele feito. No máximo, esse historiador ou analista poderia incluir dois ou mais momentos de alcance semelhante que teriam se passado desde então, tal como a queda do Muro de Berlim em 1989, ou então a subsequente derrocada da antiga URSS em 1991. Mesmo nesse caso, o processo de descolonização não teria sua importância ofuscada ou reduzida. Como bem observou Rémond:

A evolução das relações internacionais desde o fim da Segunda Guerra Mundial foi largamente comandada pela emancipação dos povos colonizados e pela constituição de um terceiro mundo, que decidiu permanecer neutro no enfrentamento dos dois blocos. Um dos fenômenos mais importantes da história contemporânea é, precisamente, a entrada, no palco das relações internacionais, na condição dos países que se tornam atores da diplomacia, dos que, por tanto tempo, nele só figuraram como objeto. O universo político deixa de reduzir-se ao concerto das grandes potências, a saber, quatro ou cinco grandes Estados Europeus, mais os Estados Unidos e o Japão. O número dos Estados multiplicou-se: é um aspecto e uma decorrência da descolonização. A ONU conta hoje [1974] 135 Estados, ao passo que a SDN [Sociedade das Nações] nunca reuniu mais de cinquenta. (RÉMOND, 1993, p. 165).



Imagem 10 – Os colonizados se revoltam. Paradoxalmente, as condições para que isto viesse a acontecer foram proporcionadas pelos próprios colonizadores. Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/_11k4tvRFGIY/S_h5XKs_yyI/AAAAAAAAABzk/RfkyR-ZP8gw/s400/descoloniza%C3%A7%C3%A3o.jpg

A história da descolonização, no entanto, não é apenas a história da emergência de novas nações no horizonte das relações internacionais. Para falar a verdade, ela é a história da luta encarniçada que opôs colonizadores e colonizados, isto é, a história de um grande levante contra os séculos de abuso e exploração sistemática a que foram submetidos não só muitos povos, mas também continentes inteiros. Assim, o movimento e a agitação que ganhavam intensidade a partir dos anos 1950 colocavam outras questões igualmente relevantes em debate:

Naquele momento, estava no auge o confronto entre dominadores e dominados, ou seja, entre colônias e metrópoles. Povos e regiões da Terra que tinham sofrido, no passado, a ocupação direta por países estrangeiros, começavam a manifestar, por meios diversos, a sua insatisfação. A Ásia, por exemplo, fora berço de civilizações magníficas que marcaram conquistas fundamentais da Humanidade, no tocante ao domínio sobre a natureza e o avanço técnico, tais como a domesticação de animais, a agricultura para a obtenção de alimentos, a cerâmica para a fabricação de utensílios, a metalurgia, o papel, a pólvora, bem como instituições que tornaram possível a vida social (cidades, organizações políticas que levaram à constituição de Estados, a moeda, a escrita). A Ásia ostentava, de fato, uma vivência histórica de 5 mil anos. No entanto, a partir do século XVI, com as primeiras navegações européias que atingiram o Índico e o oceano Pacífico, o isolamento dessas velhas civilizações começava a ser interrompido.

Foi, porém, a partir do século XVIII e, sobretudo, com a superioridade técnica ostentada pelos países da revolução industrial e capitalista (principalmente a Inglaterra e a França, logo seguidas pela Holanda) que os povos altamente civilizados da Ásia, dotados de padrões éticos bem diversos dos valores fundados na preeminência dos bens materiais, valores esses que se introduziam incorporados à ocupação ocidental, viram-se ameaçados pela perda de sua identidade cultural. Tratava-se de mais ainda, ou seja, a perda das riquezas, de autonomia, como uma tentativa de ser-lhes arrancado o passado pelas raízes.

Quanto à África, a espoliação de que foi vítima tivera início no século XVI com os desembarques no litoral ocidental atlântico, inicialmente em busca de ouro e, logo a seguir, como fonte supridora de escravos negros, o inusitado trabalhador, transformado em mercadoria altamente lucrativa, que iria enriquecer os comerciantes e ser a mão-de-obra das novas colônias da América. Os invasores mudaram os velhos e sólidos padrões das sociedades tribais, impondo o racismo e outras formas de corrupção em decorrência do tráfico de homens, mulheres e jovens mal saídos da infância.

Ao longo do século XIX, aprofundou-se a ocupação do continente africano; seus povos e seus territórios foram partilhados entre as potências da Europa, já então monopolizadoras do novo saber científico e tecnológico da Revolução Industrial e das técnicas de organização econômica do capitalismo. A Europa entrava, a partir dos anos 70 do século XIX, numa nova era de expansão e conquista do mundo. A essa nova era os próprios contemporâneos denominaram de imperialismo. (LINHARES, 2005, p. 38).

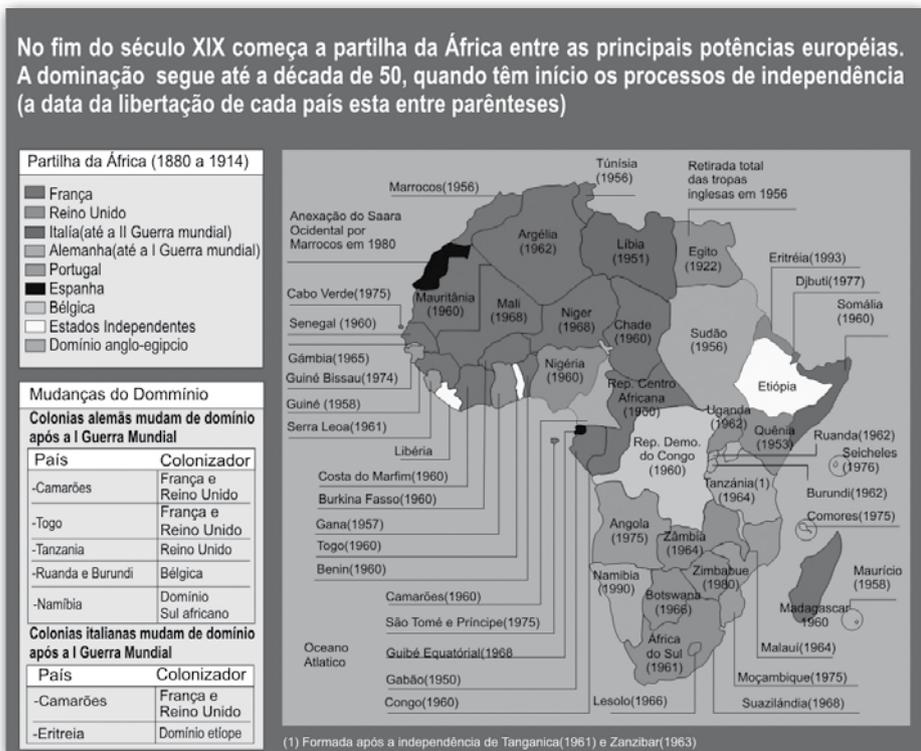


Imagem 11 – Entre 1880 e 1914, as potências europeias arquitetaram uma verdadeira partilha do continente Africano. No mapa em questão, podemos visualizar a divisão das possessões e também as datas de independência das principais nações africanas. Disponível em: <http://washingtoncandido.files.wordpress.com/2011/02/partilha-da-c3a1frica.jpg>



Imagem 12 – A distribuição dos domínios na Ásia colonial. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/_hierfaDDY3s/TBkHfwLuDpI/AAAAAAAAAFE/KfLQvqXWZAE/s1600/imperialismo_mapa_asia_hist%C3%B3ria_pensante.jpg

Foi justamente esse tipo de dominação que passou a ser fortemente contestado após o término da Segunda Guerra Mundial. Aliás, muitas das motivações que estiveram presentes durante a Segunda Guerra Mundial também influenciaram diretamente os movimentos em busca de libertação que tiveram lugar na Ásia e na África. Segundo o que correntemente se afirma, muitos povos africanos e asiáticos foram contagiados pelas ondas nacionalistas que varreram a Europa durante os séculos XIX e XX, apontadas inclusive como uma das causas que deflagraram as duas grandes guerras mundiais. Por essa e por outras razões, o processo de descolonização é frequentemente encarado como uma consequência direta da própria colonização. É o que afirma, por exemplo, o historiador René Rémond:

Foi, com efeito, ao contato da Europa que os povos da Ásia e da África se descobriram diferentes: a tomada de consciência de tudo o que os diferenciava dos dominadores está na origem de um retorno ao seu passado, à sua cultura, às suas tradições. [...] O despertar do sentimento patriótico, a transformação de uma reação, a princípio espontânea, num movimento autenticamente nacionalista operaram-se em contato com a Europa. É o segundo caminho pelo qual a colonização suscitou a descolonização: já não há apenas reação instintiva, porém filiação, impregnação, influência. Expressão de comunidades restritas, na escala do clã ou da tribo, fundadas no pertencimento comum à mesma etnia, o particularismo ainda não era um nacionalismo. Foi a Europa quem trouxe a idéia nacional. Foi em contato com europeus que elites cultas, minorias intelectuais descobriram o próprio pertencimento a uma realidade também nacional. Essa história do sentimento patriótico e da idéia nacionalista na Ásia, na África e na América Latina é o prolongamento da história que retraçamos em relação à Europa no século XIX. Atingindo seus objetivos com a guerra de 1914 a 1918, a desmembração dos impérios e a afirmação do princípio das nacionalidades, o movimento remonta a outros continentes, propaga-se para fora da Europa. Todas as lutas nacionais dos últimos decênios constituem o renascimento do movimento das nacionalidades outrora dirigido contra o Império Otomano, a dominação dos Habsburgos ou a russificação das nacionalidades alógenas. É assim que a descolonização se inscreve diretamente na história Européia. É a universalização de um fenômeno cujos princípios foram enunciados pela Europa e cujas primeiras conseqüências foram desenvolvidas por ela. (RÉMOND, 1993, p. 167-169).

Como aponta ainda o próprio Rémond, a difusão de tais princípios se deu através de uma minoria que havia sido instruída segundo os preceitos europeus, tanto dentro do âmbito colonial como fora dele, em instituições e universidades europeias. Segundo sua observação,

[...] o nacionalismo colonial pede emprestadas à Europa suas ideologias, em cujas diferentes filosofias políticas o nacionalismo dos colonizados vai buscar seus fundamentos e visões do futuro. Os colonizados conheceram tais filosofias políticas através do ensino, seja o ensino dispensado nos territórios coloniais, seja o ensino ministrado a uma minoria que foi instruído nas universidades britânicas ou francesas da Europa, assim como através da imprensa e dos contatos mantidos com os partidos políticos ocidentais. O fato é que, tendo tido conhecimento delas, os colonizados pediram aos europeus, em nome dos princípios destes últimos, o benefício dos mesmos direitos. Foi precisamente o contraste entre os princípios enunciados pelas potências coloniais e o modo como elas praticam a administração colonial que gerou as explosões revolucionárias. (RÉMOND, 1993, p. 170-171).

Contudo, além de ter despertado e exacerbado os sentimentos patrióticos e nacionalistas, as duas guerras mundiais do século XX marcaram também o final da hegemonia europeia sobre o resto do mundo. Afinal, tendo sido o principal palco dos conflitos tanto na Primeira como na Segunda Guerra Mundial, a Europa estava em ruínas em 1945. Assim, não obstante as gigantescas perdas humanas e materiais, as antigas potências europeias ostentavam ao fim da guerra uma dívida igualmente assustadora, principalmente em relação aos Estados Unidos, de longe o maior beneficiado em relação ao conflito.

Nesse contexto, o enfraquecimento, ou melhor, o eclipse do domínio da Europa sobre o resto do mundo acelerou e também encorajou os movimentos de descolonização da África e da Ásia, dando então origem ao chamado "Terceiro Mundo", um novo grupo de nações que passou a demandar liberdade e autonomia diante da ordem bipolar instaurada no pós-guerra. A expressão "Terceiro Mundo", segundo a professora Maria Yedda Linhares, constituiria uma tentativa de abarcar toda aquela

[...] parte da humanidade que se situaria numa espécie de limbo da História, nem no Primeiro Mundo (o do capitalismo e da democracia, da riqueza e da abundância) nem no Segundo Mundo (o do comunismo e da ausência de liberdade).

Aos dois primeiros mundos outorgava-se, ainda nos parâmetros da propaganda internacional, o privilégio de serem *desenvolvidos*, já que detentores do controle tecnológico (sobretudo atômico), cabendo ao Terceiro Mundo, sob este título, um novo adjetivo, o de *subdesenvolvido*. O subdesenvolvimento nascia, assim, já carregado da ideologia do capitalismo ao qual caberia a tarefa de elaborar políticas de ajuda e de assistência a essa outra parte do planeta, o *mundo à parte*, isto é, a América Latina, a África, o sudeste da Ásia e os arquipélagos do Pacífico. A luta pela descolonização não traduz somente o desejo de libertação ante os impérios dominadores. Ela é também, na maioria dos casos, parte da construção de uma nova História da humanidade em meio a um poder internacional em fase de redefinição (capitalismo versus socialismo) e aos milhões de *condenados da Terra*. (LINHARES, 2005, p. 47, grifos da autora).

No entanto, a influência da guerra sobre o processo de descolonização fez muito mais do que fragilizar estruturalmente o domínio europeu sobre as possessões coloniais. Da mesma forma, ela fez muito mais do que permitir aos colonos o contato e o desenvolvimento das aspirações patrióticas e nacionalistas. Na verdade, muitas metrópoles precisaram contar com a participação efetiva dos povos africanos e asiáticos durante as duas guerras mundiais do século XX. Os ingleses, por exemplo, contaram com cerca de 80.000 homens fornecidos pela Índia ao longo da Primeira Guerra Mundial. Não é difícil imaginar o efeito que essa participação pode ter desempenhado junto àqueles povos que permaneciam sob o jugo das ações colonialistas. Conforme observou Maria Yedda Linhares,

[...] as dificuldades militares por que estavam passando as até então poderosas metrópoles foram muito importantes para enfraquecer a imagem das potências colonizadoras junto a seus colonizados. Começava a ficar seriamente abalado o mito da superioridade do *homem branco*. A entrada do Japão na guerra (dezembro de 1941) em decorrência do ataque a Pearl Harbor, base dos Estados Unidos no Pacífico, iria comprovar, mais uma vez, que os outros povos da Terra, que não estavam incluídos, segundo a ideologia dominante do colonizador europeu, entre os dominadores eleitos, seriam capazes de enfrentar os invencíveis da véspera. As vitórias japonesas no continente asiático e no Pacífico, sobre holandeses, ingleses, franceses e americanos, foram contundentes. Assim, a expansão do conflito europeu ao Norte da África, ao continente asiático e ao Pacífico passará a envolver, direta ou indiretamente, outros povos e outras regiões julgadas, até então, inatingíveis. A guerra se tornara mundial; no seu bojo, emergiam e se multiplicavam as aspirações de independência dos povos dominados.

As dificuldades terríveis por que passavam os povos imperialistas pareciam demonstrar que o homem branco era vulnerável. Assim, a desagregação dos impérios coloniais construídos de longa data insere-se neste contexto internacional, e se prolongará nos anos do pós-guerra. A tomada de consciência dos povos colonizados se dá no momento em que eles são chamados a participar na guerra em defesa de suas respectivas metrópoles, obtendo, como recompensa, garantias de autonomia ou de independência, nem sempre respeitadas. (LINHARES, 2005, p. 45, grifos da autora).

O mesmo argumento aparece também na clássica obra de Geoffrey Barraclough, *Introdução à História Contemporânea* (apud MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 46):

A guerra mundial também ajudou a disseminar as idéias ocidentais. A propaganda dos objetivos por que se fazia a guerra não podia ficar confinada à Europa. Os Quatorze Pontos de Wilson, a declaração de Lloyd George, em 1918, de que o princípio de autodeterminação era tão aplicável às colônias quanto aos territórios ocupados da Europa, as denúncias do imperialismo por Lênin e os exemplos dos revolucionários russos, ao declararem que os povos subjugados do império czarista eram livres para escolher a separação, tudo isso criou uma fermentação mundial. As tropas alistadas para combater na Europa pelos franceses, oriundas da Indochina, e pelos ingleses,

da Índia, regressaram a seus países de origem com novas noções de democracia, governo autônomo e independência nacional, e uma firme decisão de não mais aceitarem a antiga situação de inferioridade [...].

Somando-se a isso tudo, tínhamos ainda o contexto de disputas características da Guerra Fria e o avanço quase que irreprimível do sistema capitalista pelo mundo. A partir dos anos 1950-1960, por exemplo, o processo de internacionalização do capital ganha força através da instalação de empresas multinacionais, demonstrando o interesse das nações capitalistas na constituição de novos tipos de relacionamento, exploração e dominação em relação aos países do Terceiro Mundo. Nesse sentido, existiria até mesmo uma certa pressão do sistema em favor da descolonização, muito embora isso estivesse longe de significar a concessão de uma autonomia plena às antigas áreas de exploração colonial.

No contexto do pós-guerra, portanto, a ordem bipolar controlada por norte-americanos e soviéticos tinha outros planos para as áreas coloniais.

Para esses dois países, que não praticavam o colonialismo clássico e preferiam outras formas de controle, interessava a descolonização generalizada e rápida, para manter em segundo plano as potências intermediárias (França, Inglaterra, Alemanha) e para terem acesso direto aos imensos recursos naturais e humanos que os signatários da Conferência de Berlim de 1885 controlavam nas colônias africanas. (MARTINEZ, 1992, p. 29).

Contudo, é preciso ter claro que a descolonização não obedeceu a um único e mesmo fluxo, isto é, ela se deu de um modo bastante complexo e descontínuo, respeitando as diferenças e especificidades de cada região ou continente. Assim, foi na Ásia que ocorreram os primeiros movimentos objetivando romper os laços coloniais. Segundo René Rémond (1993, p. 173-174), isso poderia ser explicado a partir de três aspectos característicos da Ásia. Em primeiro lugar, o autor levanta alguns dados bastante peculiares ao continente:

Continente civilizado desde eras muito remotas, a Ásia tem uma longa história que nunca esqueceu de todo. Conservou o culto da tradição, o respeito aos costumes, o culto dos antepassados. Foi o foco de civilizações requintadas, de vários milênios de idade. Por isso mesmo, suas populações não têm, em relação à Europa, complexo de inferioridade: julgam-se até mais civilizadas do que os Europeus, que consideram “bárbaros”. Na superioridade política, militar e técnica da Europa, não vêem mais do que

o triunfo momentâneo da força bruta e não têm por ela nenhuma consideração. Acima da força material, sua civilização coloca tradicionalmente a sabedoria, a inteligência, a polidez dos costumes, a cortesia das relações sociais. Censuram a avidez de que os europeus dão provas, a cupidez que lhes inspira as relações comerciais, a sua sede de riquezas materiais. E reagem concentrando-se antes nos próprios valores do que duvidando dos princípios de sua civilização.

Esses dados culturais e históricos estão presentes ainda hoje no comportamento da Índia, até mesmo no da China comunista em relação à Europa e aos Estados Unidos. Como segundo elemento de explicação, passamos do domínio cultural ao político: a Ásia contém conjuntos políticos organizados. Os europeus encontraram nela, como na África, uma poeira de tribos, senão vastos impérios ordenados, policiados, alguns grandes conjuntos – Japão, China, Índia, Malásia – unificados pela cultura, pela religião, pelo xintoísmo, pelo budismo, que extravasou do seu domínio originário e encontrou no Ceilão, no Sião, na Birmânia, no Camboja, um terreno de eleição.

Enfim, a Ásia entrou em relação com o Ocidente mais cedo do que a África. Aprendeu a conhecê-lo. Dispõe, no princípio do século XX, de uma longa experiência que a familiarizou com a Europa e sua civilização, que lhe ensinou também a arte de comportar-se com os europeus.

[...] Em certos casos, a Ásia fecha-se à influência européia, em outros vai à escola do Ocidente. Mas o resultado final é sempre o mesmo: os dois caminhos convergem para provocar, nos primeiros anos do século XX – e até mais cedo no caso do Japão –, o que se denomina, com justeza, o despertar da Ásia.

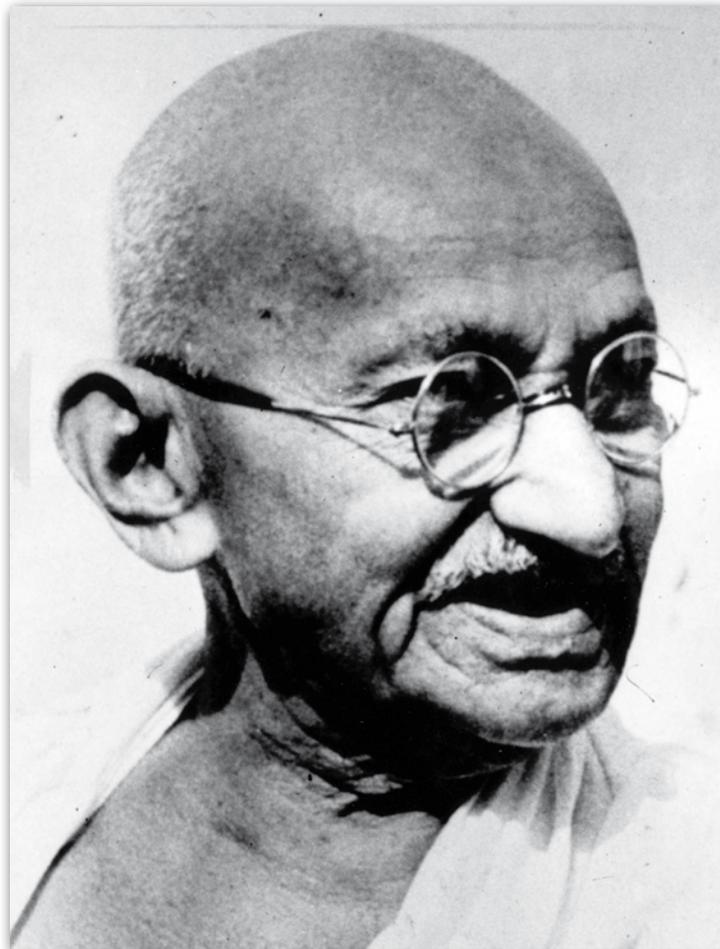


Imagem 13 – Mohandas Karamchand Gandhi, mais conhecido como Mahatma Gandhi. Foi ele o grande líder da conquista da independência por parte da Índia, alcançada em 1947. Suas ideias e sua própria imagem acabaram se tornando em símbolos da luta contra a opressão e o colonialismo. O enfrentamento que ele professava e praticava, porém, não envolvia o uso da força ou da violência. Disponível em: <http://aryangroupofhospital.com/ngo/index.html>

No caso da África, as coisas se passaram de um modo inteiramente diverso. Em primeiro lugar, os europeus praticamente não encontraram Estados políticos fortemente organizados nas sociedades africanas – com exceção de algumas regiões da África do Norte. Em segundo lugar, a África se constituía numa miríade de povos e culturas distintas, muitas vezes hostis umas em relação às outras. Além disso, as sociedades africanas puderam contar com o exemplo e com a influência dos movimentos que já vinham ocorrendo muito antes na Ásia. Sem dúvida, isso tudo ajudou a retardar a conscientização e a organização do levante por parte dos africanos, ao contrário do que ocorrera na Ásia. Assim, e como observou René Rémond, não foi por acaso que a Ásia sediou, em Bandung, na Indonésia, a primeira conferência de cúpula buscando aproximar os países vitimados pelo colonialismo.



Imagem 14 – Presidentes e líderes de delegações na histórica Conferência de Bandung em 1955.
Disponível em: <http://www.indoindians.com/photo/13291-33.html>

Você sabe o que foi a Conferência de Bandung?

Em 1955, reuniu-se em Bandung, na Indonésia, uma conferência convocada pelo grupo de Colombo, congregando os cinco países recém-independentes – Índia, Paquistão, Ceilão, Birmânia e Indonésia – e, pela primeira vez, os chefes de Estado de 29 países da Ásia e da África (18 a 24 de abril), que se apresentavam como um terceiro mundo. Pronunciavam-se pela neutralidade e pelo socialismo, mas declarando-se contra o Ocidente, ou seja, contra os Estados Unidos, e contra a União Soviética. Comprometiam-se a ajudar a libertação dos povos subjugados. Era o Espírito de *Bandung*, que perdurou por mais de uma década, até ser diluído ante as dificuldades e desilusões enfrentadas pelos novos países libertados da dominação colonial direta. No entanto, Bandung traduziu um momento de esperança na organização mundial e no futuro da democracia. (LINHARES, 2005, p. 57-58, grifos da autora).

O primeiro momento de expansão transoceânica da história ocidental ocorreu no século XVI, com o descobrimento dos caminhos marítimos para o controle do comércio oriental. Foi desta primeira expansão europeia que surgiu a colonização da América e a formação dos impérios mercantilistas.

A revolta dos colonos ingleses da América do Norte, dos colonos espanhóis e portugueses da América Central e Meridional assinalou o início da primeira “descolonização”, do desaparecimento dos impérios mercantilistas europeus, entre os anos que vão de 1775 a 1825.

Mas existem diferenças entre os movimentos de emancipação do final do século XVIII e os do século XX. Uma dessas diferenças situa-se na identidade dos insurgentes. Os movimentos americanos foram realizados por populações de origem europeia, de raça branca, vindas da metrópole. Já os movimentos do século XIX foram gerados por populações autóctones, ali fixadas há milênios, diferentes dos europeus tanto no gênero de vida, nas crenças e instituições como na cor da pele. (CANÉDO, 1990, p. 7-8).



Imagem 15 – Apesar das dificuldades, os países africanos demonstraram forte resistência durante as lutas pela independência. Na Argélia (foto), assim como em Angola e Moçambique, tiveram lugar violentos conflitos entre revoltosos e colonizadores. Disponível em: <http://www.historiasiglo20.org/IMAG/images/descolonizacion08%20.jpg>

Contudo, se a questão das identidades desempenhou um papel fundamental nos processos de descolonização do século XX, ela não fez isso sem enfrentar grandes problemas e dificuldades. O caso mais grave parece ter sido mais uma vez o da África, pois lá os efeitos da ocupação europeia foram muito mais devastadores do que em qualquer outra região.

Os povos africanos mal conheciam a sociedade estruturada em classes e a dinâmica de superação de umas por outras, a que os europeus estavam habituados. As distinções individuais ou de grupos, geralmente pequenos, na chefia política, no poder religioso, na posse de riquezas etc. podiam gerar lutas intestinas, mas não transformações profundas ou revolucionárias na sociedade.

A efetiva ocupação da África por diversos países europeus criou, em muitos lugares, pequenas camadas sociais de elementos nativos com instrução básica e desenvoltura para os trabalhos subalternos de produção, comércio, administração etc. Eram funcionários mal remunerados, treinados para servir aos negócios, aos confortos domésticos, e para assimilar ao máximo a religião e a ideologia do colonizador, mas nunca o domínio das técnicas e dos conhecimentos mais adiantados. [...] Nenhuma tecnologia importante foi levada para a África, a não ser as técnicas mais primárias da agricultura de exportação (borracha, café, cacau), da mineração, do comércio e da burocracia. Em algumas de suas colônias, os ingleses davam preferência ao trabalho de imigrantes hindus, por serem mais dóceis, não identificados com o povo local e que por isso mesmo recebiam salários mais altos do que os próprios nativos.

Portanto, os contatos com a civilização branca não foram de molde a elevar os padrões de vida material, não aumentaram a capacidade tecnológica e não enriqueceram

o patrimônio cultural dos africanos enquanto perdurou a relação de dominação e submissão. Além disso, é preciso considerar que a colonização foi feita com um número de colonos e dirigentes infinitamente pequeno em relação às populações locais; não houve a integração das raças e foi pouca a miscigenação. (MARTINEZ, 1992, p. 11-12).

O corolário desse tipo singular de colonização de contato mínimo foi a institucionalização da política de segregação racial através do regime do **apartheid**. Estabelecido na África do Sul em 1948, o *apartheid* erigiu a separação social entre negros e brancos à condição de lei, diferenciando o racismo ali implantado de qualquer outra forma de preconceito praticada no continente. Foi apenas em 1994 que o regime do apartheid foi oficialmente revogado, o que naturalmente não significou o fim de todos as mazelas que ele deixou.



Imagem 16 – “Para o uso de pessoas brancas”. Placa de advertência evidencia a dura realidade enfrentada pelos não-brancos na África do Sul. Disponível em: <http://wapedia.mobi/thumb/4176501/pt/fixed/470/430/ApartheidSignEnglishAfrikaans.jpg?format=jpg>

Com base em tudo isso, é possível formular uma ideia das enormes fraturas socioculturais sofridas pelos povos africanos não só durante a colonização, mas também ao longo de todo o intenso e extenso processo de exploração a que foram submetidos. Na maioria dos casos, as alterações promovidas pela ocupação europeia demonstraram ser completamente irreversíveis, e isso em praticamente todos os setores imagináveis: da geografia à demografia, do âmbito psicológico ao linguístico. Quer um exemplo? Basta observar o mapa do continente africano com um pouco mais de atenção para poder constatar o alcance das práticas colonialistas e imperialistas:

[...] na cartografia da África ficaram eternizadas as deformações introduzidas pela ocupação colonial. As linhas demarcatórias dos limites entre um país e outros não respeitam o princípio da ocupação efetiva dos africanos primitivos, o direito histórico. Os invasores coloniais traçaram as fronteiras de suas possessões segundo os limites de força ou de interesses que eles tinham para defendê-las ou explorá-las. Territórios pertencentes historicamente a determinadas populações foram cortados em pedaços e dominados por diferentes nações européias. Populações identificadas pela mesma etnia, mesma religião, mesmo idioma etc. foram divididas em colônias separadas, às vezes antagônicas. Essas deformações tornaram-se irreversíveis. Os africanos compreenderam esse fato quando definiram as estratégias da independência e da consolidação dos novos países. Tiveram de resignar-se a aceitar como seus os espaços demarcados pelos invasores brancos. De outro modo, seriam sacrificados milhões de vidas humanas em disputas fronteiriças que enfraqueceriam a todos. Por isso adotaram o princípio da 'intangibilidade das fronteiras herdadas do colonialismo'. (MARTINEZ, 1992, p. 20).

Como se pode ver, além de ter enfrentado inúmeras adversidades, o processo de descolonização não significou um rompimento total e absoluto em relação à dominação das antigas metrópoles europeias. Assim, os laços de dependência não puderam ser inteiramente cortados. Na maioria dos casos, o que ocorreu foi apenas uma troca ou substituição de um tipo de submissão por outro. Ainda que o poder tivesse trocado de mãos, muitas vezes a estrutura político-administrativa continuou a mesma dos tempos de domínio colonial europeu. Na União Indiana, por exemplo, criada logo após o fim da ocupação britânica em 1947,

[...] o governo passou para as mãos do Partido do Congresso, representante da alta burguesia hindu. Os hindus europeizados conservaram a antiga máquina administrativa, a mesma burocracia, os tribunais, a polícia do regime britânico. A política econômica e social também não ficou muito diferente daquela desenvolvida pelos ingleses: a grande propriedade permaneceu e os poderosos investimentos estrangeiros continuaram a gozar de proteção; os príncipes foram poupados, recebendo importantes postos na administração e na diplomacia. Só não foram poupados os sindicatos e as associações camponesas, cujos membros encheram as prisões. (CANÊDO, 1990, p. 47-48).



Imagem 17 – Em 1961, o jornal português O Século trazia notícias dos conflitos entre angolanos e portugueses. Note-se o uso da palavra “terroristas”, referindo-se muito provavelmente aos africanos revoltosos.
Disponível em: <http://www.esfcastro.pt:8079/users/franciscosilva/NoticiamassacresAngola1961.jpg>

E as dificuldades não pararam por aí. Em países em que o modelo socialista saiu vencedor das guerras de independência, tal como ocorreu em Angola, em Moçambique, na Etiópia e no Vietnã, os obstáculos interpostos foram ainda maiores.

Foi mais difícil para estes países do que para vários outros a tarefa de consolidar a independência, organizar o governo e restabelecer a ordem interna. Além de eles sofrerem as deficiências estruturais legadas pela colonização e agravadas por muitos anos de guerra, os colonialistas continuaram financiando a guerra contra os governos socialistas através de facções rivais e tropas mercenárias. O governo de Angola teve de ser protegido por tropas cubanas durante vários anos, mas foi obrigado a fazer concessões aos adversários através de um acordo de paz.

A partir das crises que afetaram o bloco socialista do Leste europeu e a própria União Soviética, as dificuldades aumentaram muito para os países africanos que tinham socialistas no controle do aparelho estatal. Contra os governos dos países socialistas africanos, além das perdas materiais representadas por falta de ajuda econômica e de abertura de mercados comerciais, aumentaram muito a propaganda ideológica, as pressões econômicas e diplomáticas e até as ameaças militares do mundo capitalista. (MARTINEZ, 1992, p. 63).

Ainda que o autor esteja se referindo ao caso específico da África, o mesmo também é válido para muitos países asiáticos em situação semelhante. As atrocidades da famosa Guerra do Vietnã constituem

exemplos contundentes disso, pois demonstram um verdadeiro ataque aos direitos de todos os povos à independência e à paz. (MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 58).

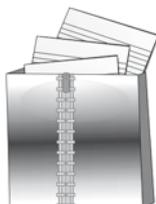


Imagem 18 – Em um dos mais famosos registros dos horrores da Guerra do Vietnã, a pequena Phan Thi Kim Phúc (ao centro) foge em desespero após ter 65% de seu corpo queimado pela explosão de Napalm. A foto foi tirada por Huynh Cong Ut, fotógrafo da agência Assosiated Press. Disponível em: http://4.bp.blogspot.com/_clR9xxXexYQ/TSzTz2KaHDI/AAAAAAAAAzk/9qvusZ1RVFQ/s1600/Garota+Vitenamita.jpg

Diante de todas essas dificuldades e limitações, é inevitável que nos perguntemos sobre o que de fato significou o processo de descolonização ocorrido no século XX. Houve mesmo conquista de liberdade efetiva por parte dos povos da Ásia e da África? A proclamação de independência das antigas colônias europeias teria sido um movimento espontâneo dos povos oprimidos? Ou responderiam às novas necessidades da situação política internacional, comandada pelos interesses dos mesmos países colonizadores? Ao final desta unidade, gostaríamos que você pensasse um pouco sobre todas essas questões, uma vez que estão diretamente relacionadas com a concepção de história que pretendemos adotar para conduzir nossas vidas. Para a professora Maria Yeda Linhares, por exemplo, tal reflexão deveria começar pelo próprio termo ou conceito que utilizamos.

Afinal, descolonização por quê?

No seu nascedouro, a palavra descolonização já vem carregada de ideologia, parecendo definir um destino histórico dos povos colonizados: depois de ter colonizado, o europeu descoloniza, estando, pois, implícita a *vontade* do país colonizador de abrir mão de pretensos direitos adquiridos em determinado momento. A generalização do termo implica, de certa forma, uma interpretação eurocêntrica da História, ou seja, a noção de que só a Europa possui uma História ou é capaz de elaborá-la. Os *outros* não têm História: nem passado a ser contado nem futuro a ser elaborado. (LINHARES, 2005, p. 41, grifos da autora).



SÍNTESE

Nesta unidade, procuramos apresentar a você algumas questões de fundo relativas ao processo de descolonização da África e da Ásia. Assim, ao invés de produzir um relato detalhado dos principais movimentos de libertação ocorridos nesses dois continentes, optamos por empreender uma reflexão de caráter mais genérico, centrada, sobretudo, nas motivações e nos limites do processo de descolonização. A despeito disso, porém, você deve estar ciente de que os aspectos abordados aqui não pretendem encerrar a questão, mas antes demonstrar sua complexidade e profundidade. A ideia da unidade foi justamente chamar sua atenção para elementos que nem sempre são levados em conta num exame apressado ou advindo do senso comum. Se ao menos em parte tal objetivo foi alcançado, você deve estar querendo conhecer ainda mais a fundo este importante movimento da contemporaneidade.

SAIBA MAIS



Livros

LINHARES, Maria Yedda. **A luta contra a metrópole: Ásia e África**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
 SANTIAGO, Theo (org.). **Descolonização**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
 SARAIVA, José Flávio Sombra. **A formação da África contemporânea**. Campinas: Atual, 1993.
 YAZBEK, Mustafá. **Argélia: a guerra e a independência**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Filmes

A Batalha de Argel (Itália/Argélia, 1965)

Direção: Gillo Pontecorvo.

É uma clássica produção do cinema que busca retratar, em forma de documentário, os anos cruciais da revolta e da luta dos argelinos pela libertação do domínio colonial francês.

Gandhi (Inglaterra, 1982)

Direção: Richard Attenborough

O filme reconstrói e interpreta a vida, o pensamento e a trajetória do grande líder do processo de independência indiana em relação à Inglaterra.

Sites e outras referências

Visite o site do programa **Casa das Áfricas**. Trata-se de um centro de pesquisa e de promoção de atividades culturais relacionadas ao continente africano. Lá você poderá encontrar uma vasta biblioteca de artigos e textos para baixar, além palestras em vídeo, mapas, fotos, filmes, *links*, notícias e muito mais. Vale muito a pena conferir. O endereço do grupo é este: <http://www.casadasafricas.org.br/>

Visite a página do **Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA)**. Além de ter acesso às diversas edições da revista **África**, você encontra uma lista de títulos de dissertações acadêmicas produzidas no âmbito do CEA. O endereço do CEA é este: <http://www.fflch.usp.br/cea/index.php>

Visite também o portal mantido pelo **Grupo de Estudos da Ásia-Pacífico**, ligado ao Programa de Relações Internacionais da PUC/SP. As atividades do grupo estão concentradas nas áreas de relações internacionais, política externa, segurança estratégica e econômica, economia política internacional e direito internacional. No portal, você também encontra informações sobre eventos, indicações bibliográficas, artigos para download e muitos *links*. O endereço é este: <http://www.pucsp.br/geap/>

Consulte ainda as várias edições da **Revista Afro-Ásia**, publicação semestral do **Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO)**, vinculado à Universidade Federal da Bahia. Eis aqui o endereço: <http://www.afroasia.ufba.br/site/apresentacao.php>

A revista **História Viva**, em sua edição de n. 91, publicou um dossiê sobre as revoltas que eclodiram muito recentemente no norte do continente Africano. A revista pode ser encontrada em bancas de jornal, em sebos ou também na internet.



1) Primeiramente, leia o excerto abaixo:

“O conceito de independência, que estamos habituados a relacionar com a idéia dos modernos Estados nacionais soberanos, também pode significar um anseio de retorno ao estado primitivo, ao pequeno mundo em que cada comunidade tinha o seu espaço determinado. Referindo-se aos povos africanos, essa característica psicossocial, que visa restaurar antigos valores, recebe a carga dos preconceitos que atribuem tudo a uma questão de atraso cultural e tecnológico, e até mesmo de inferioridade racial”. (MARTINEZ, 1992, p. 8).

Agora responda:

- Qual a relação dessa afirmação com os rumos tomados pela descolonização?
- Para qual conceito de história essas ideias apontam?

2) Com base na leitura das duas seções desta unidade, procure identificar e discutir as influências e interferências das disputas de poder do pós-guerra sobre o processo de descolonização da África e da Ásia.

Cultura e sociedade no contexto do pós-guerra: A contracultura, o movimento negro e a rebeldia estudantil

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Perceber as mudanças socioculturais sofridas pelas sociedades do pós-guerra.
- Compreender os movimentos de contestação nos anos 1960-1970.
- Refletir sobre a abrangência das transformações sociais propostas pela contracultura.

ROTEIRO DE ESTUDOS

- SEÇÃO 1 - A contracultura norte-americana: *hippies e beatniks*
- SEÇÃO 2 - O movimento negro nos Estados Unidos
- SEÇÃO 3 - O movimento estudantil, os jovens e o *rock'n'roll*

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Nesta terceira unidade do curso de História Contemporânea III, continuaremos acompanhando os desdobramentos e enfrentamentos da bipolarização mundial no contexto do pós-guerra. Nesse sentido, as questões que trataremos de discutir aqui versarão sobre alguns dos principais movimentos de contestação às disputas de hegemonia da chamada Guerra Fria. Tais movimentos, como você verá logo adiante, envolveram intensas manifestações culturais e foram protagonizadas por diversos grupos sociais como os *hippies*, os estudantes e também os ativistas do movimento negro norte-americano.

Foi a partir de meados da década de 1960 que essa grande efervescência de caráter sociocultural começou a surpreender o mundo, especialmente os dois maiores palcos nos quais seus eventos tiveram lugar: os Estados Unidos e a Europa. Os diferentes grupos que tomaram parte nesses movimentos, como trataremos de demonstrar, estavam imbuídos de uma postura que desafiava e questionava os padrões e valores da cultura vigente. Justamente por essa razão, o conjunto dessas manifestações de contestação passou a ser conhecido como "contracultura" ou "revolução cultural". Assim, é sobre alguns desses eventos que discorreremos a seguir.

SEÇÃO 1

A CONTRACULTURA NORTE-AMERICANA: *HIPPIES E BEATNIKS*

Antes de detalhar melhor as características assumidas pelos movimentos de contestação ou de revolução cultural dos anos 1960 e 1970, é importante que você perceba como alguns autores conceituaram as palavras "**cultura**" e "**revolução**". Segundo José Luiz dos Santos, por exemplo, o termo cultura remeteria a um produto coletivo dinâmico e historicamente construído. Para ele:

Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social como por exemplo se poderia falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é algo natural, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. (SANTOS, 1994, p. 44-45).

Quanto ao vocábulo revolução, Florestan Fernandes lembra-nos que

[...] mesmo na linguagem de senso comum sabe-se que a palavra se aplica para designar mudanças drásticas e violentas da estrutura da sociedade. Daí o contraste freqüente de “mudança gradual” e “mudança revolucionária”, que sublinha o teor da revolução como uma mudança que “mexe nas estruturas”, que subverte a ordem social imperante na sociedade. (FERNANDES, 1984, p. 7-8).

Assim, após ter tomado contato com a síntese desses dois teóricos, podemos começar a tratar com maior propriedade das temáticas e do contexto do movimento da chamada **contracultura**. Nos EUA, por exemplo, o movimento assumiu um caráter de oposição ao consumismo desenfreado, ao anticomunismo paranoico e à euforia de uma “vitória” no pós-guerra. Jovens ligados às artes, à intelectualidade e à música formaram grupos que adotavam uma postura de negação dos valores estabelecidos pela cultura dominante, ou seja, a cultura capitalista globalizante. Essa não aceitação atingia pontos como o trabalho, a ordem, a obediência e a disciplina, envolvendo também a quebra de vários outros tabus morais. Justamente em função desse enfrentamento, muitos indivíduos optaram pela autoexclusão social, sendo então levados a viver de modo voluntário na “marginalidade”. Ainda que essa atitude de exclusão fosse muitas vezes considerada ou confundida com um tipo qualquer de alienação, ela era na verdade a aplicação prática de uma ideologia de vida essencialmente contestatória.

Desse modo, na década de 1960, em meio às mudanças socioeconômicas oriundas do **Welfare State**, boa parte da sociedade norte-americana vivenciava um período de otimismo no contexto do pós-guerra. O que então se observava era uma profunda valorização do ideal da “família feliz”, um acirramento do *american way of life* que camuflava a corrida armamentista e o crescimento das disputas raciais.

O **Welfare State** pode ser definido como um conjunto de serviços e benefícios sociais de grande alcance promovidos pelo Estado, cuja finalidade seria garantir uma relativa “harmonia” entre o avanço das forças de mercado e a estabilidade social. Em suma, a política do Welfare State proporcionaria uma espécie de segurança social aos indivíduos, permitindo assim a manutenção de um padrão de vida ou base material mínima diante dos efeitos deletérios e excludentes do sistema de produção capitalista. (GOMES, 2006).

Nesse contexto, surge todo esse movimento de contracultura que, segundo Carlos Alberto Pereira (1986, p. 20-23), pode ser entendido como duas coisas diferentes, porém interligadas:

De um lado, o termo contracultura pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude [...] que marcaram os anos 60: o movimento hippie, a música rock, uma certa movimentação nas universidades, viagens de mochila, drogas, orientalismo e assim por diante [...] De outro lado, o mesmo termo pode se referir a uma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica – esta parece ser a palavra-chave – que, de certa maneira, “rompe com as regras do jogo” em termos de modo de se fazer oposição a uma determinada situação [...] sugere a ideia de que estamos de fato diante de algo situado for a ou contra a cultura oficial. E isto na medida em que esta nova realidade se apóia sobre uma recusa fundamental, explícita ou implícita, de alguns dos valores mais sagrados e prezados por aquela cultura [...] rejeitavam-se não apenas os valores estabelecidos mas, basicamente, a estrutura de pensamento que prevalecia nas sociedades ocidentais. Criticava-se e rejeitava-se, por exemplo, o predomínio da racionalidade científica, tentando-se redefinir a realidade através do desenvolvimento de formas sensoriais de percepção [...].

Depois da exposição desse quadro mais geral de conceituação da contracultura, passaremos agora a descrever e analisar alguns dos principais movimentos que a integraram. Afinal, nesse momento surgiram diversos grupos, alguns com causas bem definidas e outros nem tanto, mas todos com alguma forma de manifestação que se tornou importante para as mudanças que ocorreriam nas décadas seguintes. Veja então quais foram esses movimentos.

Os *Beatniks*

Você conhece a origem e o significado da expressão “**geração beat**”? Segundo a versão mais aceita, o primeiro uso da expressão pode ser atribuído a alguns conhecidos escritores norte-americanos do período, entre os quais **Jack Kerouac**, **John Clellon Holmes** e **Allen Ginsberg**.

De acordo com este último, o termo teria surgido de modo bastante informal:

A expressão “beat generation” surgiu em uma conversa específica entre Jack Kerouac e John Clellon Holmes em 1948. Discutiam a natureza das gerações, lembrando o glamour da lost generation (geração perdida), e Kerouac disse: “Ah, isso não passa de uma geração beat”. Falavam sobre ser ou não uma ‘geração encontrada’ (como Kerouac às vezes a denominava), uma ‘geração angélica’, ou qualquer outro epíteto. Mas Kerouac descartou a questão e disse ‘geração beat’ – não para nomear a geração, mas para desnomeá-la. (apud WILLER, 2009, p. 7).

Após citar as palavras de Allen Ginsberg, Cláudio Willer ainda complementa:

A expressão [beat generation] aparece em *Go*, de John Clellon Holmes, narrativa escrita naquele período e publicada em 1952, que está na raiz do mito beat. Também em 1952, Holmes publicaria um artigo na *New York Times Magazine*, intitulado “This is the Beat Generation” (Esta é a geração beat). Logo a seguir, a expressão reapareceria na publicação anônima de um fragmento de *On the Road* (Pé na estrada) por Kerouac, intitulado *Jazz of the Beat Generation* (O jazz da geração beat).

Enfim, já se falava na existência de uma “geração beat” antes que esta realmente viesse a público, a partir da histórica leitura de poesia na Six Gallery de San Francisco em 1955, com a apresentação de “Howl” (Uivo), de Ginsberg, e a subsequente publicação de *Howl and other Poems* (Uivo e outros poemas) pela City Lights Books em 1956 e de *On the Road*, de Kerouac, em 1957 pela Viking. (WILLER, 2009, p. 7-8).

Independentemente dessas controvérsias, o termo “beat” procurava abarcar toda uma nova geração de intelectuais, poetas e escritores boêmios interessados em desbravar as raízes da verdadeira América, isto é, a América dos aldeamentos indígenas e dos guetos negros com os quais começavam a tomar contato ao se aventurarem pela famosa “Rota 66”, estrada que cruzava os Estados Unidos de costa a costa. (SEVCENKO, 2004, p. 113).

Os Hippies

O termo *hippie* surge nos EUA e advém do termo inglês *hipster*, que servia para referir-se às pessoas que se envolviam com a cultura negra (por exemplo, Harry “The Hipster” Gibson). No entanto, em 6 de setembro de 1965, a palavra *hippie* foi publicada pela primeira vez em um jornal de São Francisco, num artigo do jornalista chamado Michael Smith. Mas foi a peça musical *Hair*, realizada para um grande teatro da Broadway em 1968, que legitimou o conceito e a identidade *hippie*. A partir daí, a contracultura *hippie* diversificava-se, ao mesmo tempo em que invadia os centros urbanos tradicionais.

Durante as décadas de 1960 e 1970, o movimento *hippie* se destacou como alternativa de vida. Em geral, os seus adeptos eram jovens que adotavam como lema de conduta o famoso “paz e amor”, advindo da filosofia oriental. Mantendo também um certo diálogo com as ideias do **existencialismo**, o movimento *hippie* acabou se exprimindo ainda através de outro *slogan*, o conhecido “**faça amor, não faça a guerra**”.

Você sabe o que foi o existencialismo?

Popularizado principalmente através do pensamento de Jean-Paul Sartre, o existencialismo foi um movimento filosófico com raízes no século XIX, mas que atingiu seu apogeu na França, logo nas primeiras décadas do pós-guerra. Apesar de se caracterizar como uma corrente de pensamento, o existencialismo passou a envolver o estilo de vida, as artes e o ativismo político. Como movimento popular, iria influenciar também o comportamento juvenil e a produção musical de contestação da ordem vigente, pois suas bases filosóficas tinham como tema central a análise do homem em sua relação com o mundo.

Além disso, o movimento *hippie* tinha outras inspirações ideológicas, tal como apontava um artigo publicado em 1967 na revista *Seleções do Reader's Digest*:

A filosofia dos *hippies* deve muito também ao filósofo Henry David Thoreau, especialmente na ênfase que dá aos elementos essenciais mais simples, e gosta de referir-se a figuras antigas, como Hillel, profeta judeu da modéstia e da paz que viveu no primeiro século, e, é claro, a Cristo (“um cara legal”). Buda, relembram os *hippies*, orgulhosamente, foi um desertor de uma família que se rebelou contra o pai, o rei, sem nada mais que sinceridade e uma tigela de mendigo. São Francisco de Assis, que deixou uma rica família italiana de comerciantes para viver na pobreza, entre pássaros e animais, é outro herói, juntamente com Gandhi, pela sua paciente não-violência. (*Seleções do Reader's Digest*, 1967, *apud* MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 190).

Os adeptos da moda *hippie* também defendiam a liberdade sexual, a vida em comunidade, a não obediência às imposições do estado e um modelo de vida voltado para as coisas da natureza – em oposição à civilização industrial. Por isso, procuravam viver da agricultura de subsistência e do artesanato.

Os *hippies* emergiram como uma subcultura inteiramente nova, uma extravagante transmutação do modo de ser da classe média. Pregavam o altruísmo e o misticismo, a honestidade, a alegria e a não-violência. Encontram uma fascinação quase infantil

em flores, contas e sinos, luzes ofuscantes e música ensurdecadora, roupas exóticas e slogans eróticos. Seu objetivo declarado é nada menos que a subversão da sociedade ocidental pelo “poder da flor” e pela força do exemplo. (*Seleções do Reader's Digest*, 1967, *apud* MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 189).

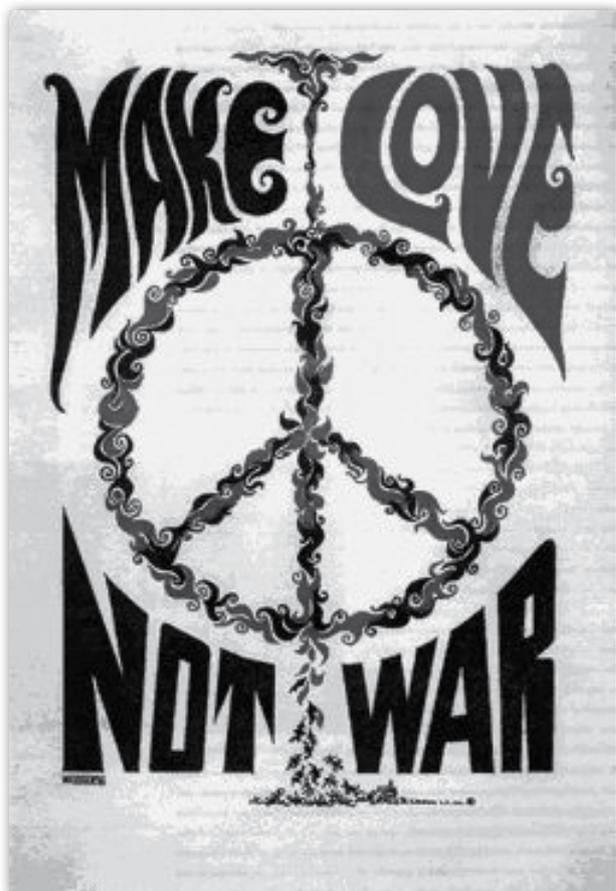


Imagem 19 – Cartaz de divulgação do lema “faça amor, não faça guerra”. Disponível em: http://a5.sphotos.ak.fbcdn.net/photos-ak-snc1/v2766/18/29/7112377630/n7112377630_1662085_2186644.jpg?dl=1

Os *hippies* e os *beatniks*, porém, não foram os únicos grupos que traziam consigo as cores dos novos tempos de revolta e contestação. Mais ou menos na mesma época, o movimento negro norte-americano ganhava novo ímpeto, o que só vinha engrossar as fileiras dos descontentes em relação aos diversos interditos impostos pela sociedade. É justamente o movimento negro que será enfocado logo adiante.

SEÇÃO 2

O MOVIMENTO NEGRO NOS ESTADOS UNIDOS

.....

Mesmo após a abolição da escravidão em 1865, muitas regiões dos Estados Unidos adotaram políticas que instituíam uma severa segregação racial, isto é, a separação entre negros e brancos na ocupação dos espaços, nos meios de transportes, nos locais públicos,

nas escolas, nos bares e em outros lugares. Assim, acabou se tornando muito comum a formação de bairros compostos quase que integralmente por negros ou por brancos. Era a famosa política do “*separate but equal*” (separados, mas iguais). Na prática, porém, essa igualdade nunca existiu, sendo bastante comum o preconceito e a exclusão para com os negros. Eles tinham muitas dificuldades até mesmo para conseguir um emprego. Quando acontecia de serem empregados, quase sempre recebiam salários inferiores aos dos brancos.

A discriminação contra os negros era tão arraigada que terminou dando origem a seitas e organizações racistas como a **Ku Klux Klan** (1865), que promovia perseguições violentas em nome da supremacia branca e protestante nos EUA. Durante a década de 1920, após o seu ressurgimento, o grupo chegou a contar com cerca de 4 milhões de membros, responsáveis por linchamentos e inúmeras mortes.

A segregação racial na sociedade norte-americana do século XX

A segregação é uma ordenação difusa das relações raciais desde o nascimento até a morte. Durante muitos anos as mães negras tinham seus filhos em hospitais segregados. Tais crianças, por sua vez, cresciam em bairros segregados, freqüentavam educandários segregados, faziam suas orações em igrejas segregadas e brincavam em parques igualmente segregados. Quando cresciam eram examinadas para o serviço militar sob condições de total segregação, e eram forçadas a lutar pela defesa do seu país em unidades segregadas. Os meios de transportes eram segregados, assim como os diversos locais de recreação e divertimento. Os negros só podiam retirar livros de bibliotecas segregadas; só podiam adquirir qualquer tipo de treinamento em condições de segregação, e pertencer a sindicatos segregados; só podiam ser contratados para empregos segregados; só podiam comprar casas em zonas segregadas da cidade; só podiam usar instalações segregadas em seus empregos assim como no âmbito das comunidades; só eram julgados em tribunais que adotavam praxes segregadas. E até quando morriam, eram enterrados unicamente em cemitérios segregados. (GINZBERG; EICHNER apud MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 199).

Nas décadas de 40 e 50 do século XX, a segregação racial se tornou inconstitucional nos EUA. Mesmo assim, em muitos estados

norte-americanos ainda havia leis discriminatórias que barravam o acesso de negros ao uso dos serviços públicos, bem como causavam um desconforto no convívio cotidiano entre negros e brancos. Imiscuído às demais manifestações da contracultura, esse mal-estar terminando dando origem a um movimento que reivindicaria igualdade jurídica, política e social entre afro-americanos e os demais cidadãos.

Porém, como era de se esperar naquele contexto, a mobilização dos negros em defesa da igualdade foi reprimida com bastante violência, não somente por parte dos brancos, contrários aos interesses dos afro-descendentes, mas também por intermédio da ação do próprio Estado. Assim, em 1965, ocorre o assassinato de **Malcom X**, um dos maiores expoentes do movimento. Logo em seguida, em 1968, **Martin Luther King** sofreu um atentado que lhe tirou a vida, seguido também pela morte do candidato à presidência Robert Kennedy.

O líder negro Malcom X surgiu juntamente com uma organização denominada de **Black Panthers**, isto é, os **Panteras Negras**. Fundado em 1966, em Oakland, o grupo adotou práticas de enfrentamento bastante enérgicas, pois se declarava contrário à integração dos negros à “sociedade dos brancos”. Os Panteras tinham como pacto a reação imediata quando algum dos seus membros viesse a sofrer qualquer forma de violência ou abuso racista – era o uso da *Black Power* ou força negra. Isso tudo radicalizou o movimento, pois muitos estudantes, empolgados pela força do discurso *Black Power*, saqueavam supermercados, incendiavam prédios públicos, agrediam e matavam policiais.

Martin Luther King, por sua vez, era pacifista. No entanto, sua liderança também incomodava os conservadores e partidários da segregação, pois em seus discursos ele propunha a organização de boicotes e passeatas, quase sempre reprimidas com muita violência. Apesar disso, o apoio popular ao movimento só crescia, cada vez que a televisão exibia as cenas de violência contra os negros. Essa forma de protesto adotada por Luther King culminou com a “**Marcha para Washington por Emprego e Liberdade**”, a “**Grande Marcha**”, realizada em agosto de 1963. O evento reuniu mais de 250 mil pessoas nas ruas de Washington e defendia a implementação de leis que favorecessem a igualdade racial.

Você conhece o famoso discurso proferido por Martin Luther King em 1963? Confira logo a seguir um pequeno fragmento:

Digo-lhes, hoje, meus amigos, que apesar das dificuldades e frustrações do momento, ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano.

Eu tenho um sonho que um dia esta nação levantar-se-á e viverá o verdadeiro significado da sua crença: "Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais".

Eu tenho um sonho que um dia nas montanhas rubras da Geórgia os filhos de antigos escravos e os filhos de antigos proprietários de escravos poderão sentar-se à mesa da fraternidade.

Eu tenho um sonho que um dia o estado do Mississippi, um estado deserto, sufocado pelo calor da injustiça e da opressão, será transformado num oásis de liberdade e justiça.

Eu tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos viverão um dia numa nação onde não serão julgados pela cor da sua pele, mas pela qualidade do seu caráter.

Eu tenho um sonho, hoje.

Eu tenho um sonho que um dia, no Alabama, com seus racistas malignos, com seu governador que tem os lábios gotejando palavras de intervenção e negação; nesse justo dia no Alabama meninos negros e meninas negras poderão unir as mãos com meninos brancos e meninas brancas como irmãs e irmãos.

Eu tenho um sonho, hoje.

Eu tenho um sonho que um dia todo vale será exaltado, e todas as colinas e montanhas virão abaixo, os lugares ásperos serão aplainados e os lugares tortuosos serão endireitados e a glória do Senhor será revelada e todos os seres a verão, conjuntamente.



Imagem 20 – Martin Luther King discursando em Washington em 1963.

Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/-S5epIq4q0/S-1fnd2ASsl/AAAAAAAAANY/HmMxmZKKYaE/s1600/MartinLutherKingIHaveDreaml.jpg>

Contudo, mesmo com a aprovação pelo Congresso norte-americano de algumas leis visando a diminuir a segregação entre brancos e negros, a luta continuou. Os afro-americanos lutavam em várias frentes e já haviam conseguido o direito de indenização para aqueles que fossem vítimas de preconceito racial. Era a chamada "Ação Afirmativa". No entanto, isso não impediu que políticos favoráveis à causa dos negros fossem perseguidos e boicotados. Dessa forma, Robert Kennedy, candidato à presidência dos EUA – que já havia perdido seu irmão em um atentado público em 1963 –, acabou assassinado em 1968.

Mesmo com toda essa força repressora, paulatinamente os afro-americanos conseguiram ter acesso a instituições e locais que antes eram inimagináveis devido às leis segregacionistas. Atualmente, os EUA possuem leis em favor dos direitos civis dos negros que combatem a discriminação e o preconceito racial. Em grande medida, porém, essas conquistas se devem à articulação e à pressão política e social dos negros e de seus aliados junto às instâncias de poder. De modo distinto e talvez mais difuso, essa pressão em busca de mudanças também foi exercida por outros grupos sociais no contexto do pós-guerra. É o que você verá na próxima seção.

SEÇÃO 3

O MOVIMENTO ESTUDANTIL, OS JOVENS E O *ROCK'N'ROLL*

.....

A partir da década de 1950, a economia moderna ditava os padrões de consumo, de modo que quase tudo o que se utilizava no dia a dia passava pela indústria. Assim, o modo de vida das pessoas mudou drasticamente, pois ao lado das transformações tecnológicas vieram o aumento da degradação ambiental, o crescimento da desigualdade social e a difusão da pobreza. No plano político e social, a situação se agravava ainda mais, uma vez que as ditaduras militares instauradas em diversos países coíbiam a liberdade de expressão e sufocavam os direitos civis.

Que espécie de sociedade era aquela? A própria juventude do corpo estudantil, a própria largura do abismo de gerações entre esses filhos do mundo do pós-guerra e seus pais, estes capazes de lembrar e comparar, tornavam seus problemas mais urgentes, sua atitude mais crítica. Pois as insatisfações dos jovens não eram amortecidas pela consciência de ter vivido épocas de impressionante melhoria, muito melhores do que seus pais algum dia esperaram ver. Os novos tempos eram os únicos que os rapazes e moças que iam para a universidade conheciam. Ao contrário, eles sentiam que tudo podia ser diferente e melhor, mesmo não sabendo exatamente como. (Hobsbawm, 2003, p. 295-296).

Foi justamente esse sentimento de angústia, euforia, obstinação e frustração que acabou transparecendo em diversas criações da música e da literatura. As canções, por exemplo, especialmente aquelas embaladas pelo novo ritmo do **rock'n'roll**, protestavam contra as guerras, incorporavam novos elementos e falavam igualmente de outras questões em voga no momento.

Foi em 1968 que os Beatles cantaram a famosa música "Revolution", fazendo sucesso ao som de um instrumento hindu, a cítara, aliado à guitarra elétrica. Nessa década, a música adquiriu dimensões planetárias e enterrou o velho conceito de "som musical": a década se apropriou de todas as manifestações sonoras. E exprimia o novo mundo que se impunha, com ramos americanos, japoneses, africanos e indianos se cruzando, se interpondo no panorama da história contemporânea. (CANEDO, 1990, p. 33).

Você já prestou atenção na letra da música "Revolution", dos Beatles?

Revolution

*You say you want a revolution
Well, you know...
We all want to change the world*

*You tell me that it's evolution
Well, you know...
We all want to change the world*

*But when you talk about destruction
Don't you know you can count me out?*

Revolução

Você diz que quer uma revolução
Bem, você sabe...
Nós todos queremos mudar o mundo

Você me diz que isso é uma evolução
Bem, você sabe...
Nós todos queremos mudar o mundo

Mas quando você fala sobre destruição
Será que você não sabe que não pode
contar comigo?

Nesse cenário, embalado pelos anseios difusos por mudança e transformação, surgem então os movimentos estudantis que ganharam destaque em várias regiões do planeta. Essa rebeldia juvenil criticava tanto o sistema capitalista como o socialista. Com relação a este último, por exemplo, a contestação se dava em relação à linha dura que o sistema de poder centralizado impunha aos jovens, sobretudo no que se referia à liberdade intelectual e artística. Nesse caso, merecem destaque as revoltas que tiveram lugar na Tchecoslováquia e na Polônia, pois reuniram não só jovens estudantes, mas também grupos de trabalhadores urbanos que exigiam melhorias nas condições de trabalho. Na Tchecoslováquia, os levantes ficariam amplamente conhecidos como a **“Primavera de Praga”**, efêmera como tal, pois logo após o seu início a capital foi invadida por tropas a mando do governo soviético, temendo que a iniciativa de abertura política se espalhasse pelos demais países satélites. Durante a revolta, como forma de protesto e contestação à repressão soviética, o estudante **Jan Palach** cometeu suicídio ateando fogo sobre o próprio corpo em uma Praça de Praga.

Nem mesmo o Japão ficou de fora dessa onda geral de rebeldia juvenil. No contexto japonês, porém, o que passou a ser questionado pelos estudantes foi justamente o sistema educacional demasiado tradicionalista. Assim, as comoções estudantis que se deram por lá tinham como principal objetivo reivindicar mudanças e melhorias nesse aspecto em particular.

Já no que se refere aos Estados Unidos, a juventude se engajava em movimentos como as passeatas pela paz ou em defesa dos direitos dos homossexuais, das mulheres e dos negros. Em especial, os jovens e estudantes norte-americanos envolviam-se com afinco nos numerosos protestos que condenavam os absurdos da Guerra do Vietnã. Nesse último caso, a pressão dos movimentos pacifistas e da população ganhava o reforço de um grande aliado, pois o conflito “ocupava boa parte das manchetes [dos jornais]. As atrocidades cometidas pelos soldados americanos, destruindo vilas e atacando a população vietnamita indiscriminadamente, abalavam a opinião pública americana e inquietavam o mundo todo”. (Valladares & Berbel, 1994, p. 87).

Com as notícias sendo veiculadas diariamente pelos jornais, rádios e emissoras de televisão, anunciando e mostrando imagens de soldados norte-americanos esfarrapados, doentes e viciados – sinais visíveis da derrota que sofriam –, a imagem idealizada do bravo e heróico soldado defensor da pátria se via fortemente abalada.

Exibidas pela TV, as cenas de bombardeios norte-americanos indiscriminados sobre a população civil compunham a imagem de uma guerra cruel e que estava longe de ser ganha. A resistência de uma pequena nação aos ataques da maior potência mundial, munida da mais alta tecnologia de guerra, sensibilizava a opinião pública americana e desgastava a imagem dos EUA no mundo todo. (VALLADARES & BERBEL, 1994, p. 87).

A mídia mostrou incessantemente as cenas de batalhas desiguais: de um lado, um exército profissional fortemente armado; de outro, guerrilheiros utilizando-se dos conhecimentos de sobrevivência na selva e armas improvisadas ou consideradas rudimentares para os padrões da época. E mesmo assim, por mais irônico que possa parecer, o oponente mais fraco seguia vencendo a luta. A guerra do Vietnã passou a ser a condensação de toda a luta contra a hierarquia, a disciplina e o conservadorismo. Com isso, abalou as convicções nacionalistas dos jovens soldados, e muitos deles uniram-se aos movimentos de protesto, queimando seus certificados militares em público.

Em 1968, a banda de rock The Doors lançava o single “The unknown soldier”, uma canção que envolvia uma sugestiva performance teatral por parte da banda quando tocada ao vivo (no meio da música, a banda tocava uma marcha militar e, em seguida, simulava o barulho de um tiro que atingia o cantor Jim Morrison). A letra da música também trazia críticas à banalização da guerra no cotidiano. Confira:

The unknown soldier

*Wait until the war is over
And we're both a little older.*

The unknown soldier.

Breakfast where the news is read.

Television children fed.

Unborn living. Living dead.

Bullet strikes the helmet's head

And it's all over

For the unknown soldier.

It's all over

For the unknown soldier.

O soldado desconhecido

Espera até que a guerra se acabe
E estaremos ambos um pouco mais
velhos.

O soldado desconhecido.

No café da manhã onde as notícias são
lidas.

A televisão alimenta as crianças.
Não-nascidos vivendo. Mortos-vivos.

Bala atinge a cabeça sob o capacete

E está tudo acabado
Para o soldado desconhecido.

Está tudo acabado
Para o soldado desconhecido.

Contudo, foi em **maio de 1968**, e na França, que o movimento estudantil chegou ao seu ponto mais explosivo. Aquilo que começara como uma simples manifestação universitária, como se sabe, logo ganhou dimensões globais de contestação da ordem e dos padrões de comportamento vigentes até então. No entanto, a despeito do alcance e do impacto atingidos pelas rebeliões, o historiador Eric Hobsbawm aponta que os efeitos dos movimentos estudantis só surtiriam alguns efeitos democráticos cerca de duas décadas depois de sua eclosão.

O motivo pelo qual 1968 (com seu prolongamento em 1969 e 1970) não foi a revolução, e jamais pareceu que seria ou poderia ser, era que apenas os estudantes, por mais numerosos e mobilizáveis que fossem, não podiam fazê-la sozinhos. A efetividade política deles estava em sua capacidade de agir como sinais e detonadores para grupos maiores mas que se inflamavam com menos facilidade. A partir da década de 1960, tiveram alguns êxitos nessa atuação. Provocaram enormes ondas de greves operárias na França e Itália em 1968, mas, após vinte anos de melhoria sem paralelos para os assalariados em economias de pleno emprego, revolução era a última coisa em que as massas proletárias pensavam. Só na década de 1980 – e mesmo então em países não democráticos muito diferentes, como China, Coreia do Sul e Tchecoslováquia – as rebeliões estudantis pareceram realizar seu potencial de detonar a revolução, ou pelo menos forçar governos a tratá-los como um sério perigo público, massacrando-os em grande escala, como na praça Tiananmen, em Pequim. Após o fracasso dos grandes sonhos, alguns estudantes radicais tentaram de fato fazer a revolução sozinhos, através do terrorismo de pequenos grupos, mas, embora tais movimentos recebessem muita publicidade (com isso atingindo pelo menos um de seus objetivos), raramente tiveram qualquer impacto político sério. (Hobsbawm, 2003, p. 293).



Imagem 21 – Passeata em Paris. Maio de 1968. Disponível em: http://www.revistabrasileiros.com.br/imagens/124/20080619201435_124_large.jpg

Como você já pôde notar, o mundo na década de 1960 foi caracterizado por inúmeras mobilizações. Pegando embalo nesse contexto de intensa contestação, assistimos também ao ressurgimento do **feminismo**, que já havia despontado com certa força no período pós-primeira guerra mundial. Deste modo, passeatas e protestos marcavam o desejo das mulheres de obter reconhecimento e participação ativa na sociedade. Os movimentos feministas passaram a ganhar força política, adquirindo assim maior capacidade de transformação social. Milhares de mulheres saíam às ruas, queimavam seus sutiãs e cortavam suas saias num ato simbólico de libertação.

Contudo, independentemente de seu poder de alcance, o principal alvo da crítica dos jovens estudantes, como destacado anteriormente, era a forma como a política estava estabelecida naquele momento. De um modo geral, a juventude rebelada era contra a repressão dos desejos humanos, o que a levava a lutar por uma forma de governo e de sociedade baseados na imaginação, sem que fosse necessário submeter-se a uma autoridade repressora. Assim, o lema “**é proibido proibir**” tornou-se um símbolo de luta e resistência de estudantes em vários países, inclusive no Brasil, onde a frase ficou famosa na canção de mesmo nome de Caetano Veloso.

Por falar em canção, a música foi a grande parceira na revolta dos jovens e no movimento estudantil. As propostas de transformações na sociedade, na política e na cultura eram trazidas pelo ritmo contagiante daquele momento: o **rock'n'roll**. A música, portanto, passou a ser um dos mais importantes canais para se veicular os protestos sociais. Temas como espírito de comunidade, a crítica às guerras e à indústria, inclusão social, além do famoso “paz e amor”, foram cantados e tocados em letras e acordes de protesto nos inúmeros festivais que ocorriam pelo mundo. O exemplo mais célebre é sem dúvida o **Woodstock**, o qual também ajudou a divulgar ainda mais a ode à trindade sexo, drogas e *rock'n'roll*.

O festival de música de *Woodstock* aconteceu entre 15 e 18 de agosto de 1969, organizado por Michael Lang, John P. Roberts, Joel Rosenman e Artie Kornfeld. Esse festival, como se sabe, foi o evento mais importante da história do *rock*. Realizado em uma fazenda em Nova Iorque, tinha sido pensado para 60 mil pessoas, porém foi visto por mais de 400 mil, tornando-se um marco da era *hippie* e do próprio clima de contracultura da década de 1960. O evento contou com a presença de músicos como Jimi Hendrix,

Janis Joplin, Joan Baez, Joe Cocker, bem como com as bandas *The Who*, *Credence*, *Jefferson Air Plane*, entre tantos outros grupos e cantores que causavam sensação naquele momento.



Imagem 22 – Jimi Hendrix em apresentação no festival de Woodstock, 1969. Disponível em: http://3rdeyedrops.files.wordpress.com/2010/05/ssb_woodstock_69.jpg

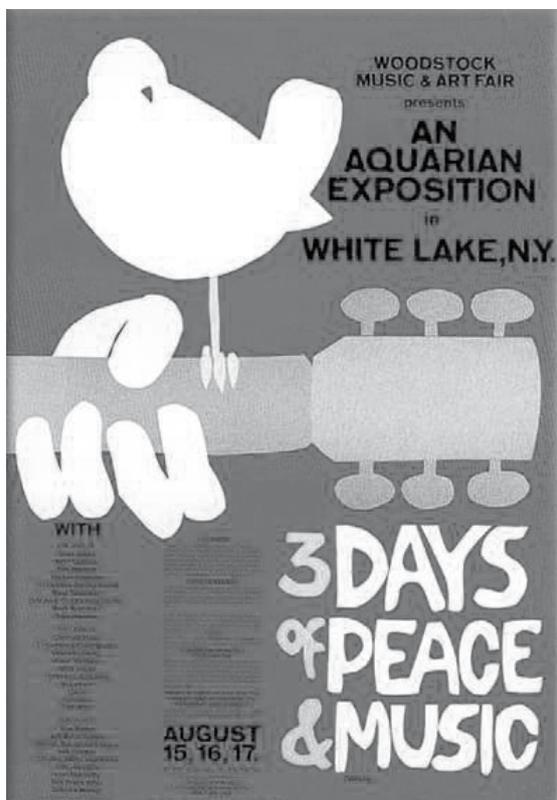


Imagem 23 – Cartaz de divulgação do festival Woodstock. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/_4NgrReRp0w0/TJ9WR9RZGMI/AAAAAAAAADw/cl7U1vVs54U/s1600/woodstock_music_festival_poster.jpg

Recentemente, a revista Mundo Estranho, publicada pela Editora Abril, trouxe uma matéria especial sobre esse lendário encontro de jovens e músicos. Confira então algumas das curiosidades sobre o festival de *Woodstock*:

Roça and roll

Mais de 400 mil pessoas invadiram a cidade de Bethel, de 2300 habitantes.

Alimentação

Como a organização esperava "apenas" 60 mil pessoas, somando o público de todos os dias, a saída foi improvisar postos de alimentação gratuitos quando eles se depararam com uma massa sete vezes maior. Cidades vizinhas doaram frutas, enlatados e sanduíches.

Camping

Cercas delimitavam a área reservada a acampamento, mas, na prática, com a superpopulação, isso não funcionou. Havia barraquinhas, colchonetes e trailers espalhados pelos quatro cantos da fazenda e até nas propriedades vizinhas.

Emergência

Cerca de 70 médicos e 36 enfermeiras fizeram 6 mil atendimentos durante o festival. Alguns pacientes foram levados para hospitais por helicóptero, mas "só" três morreram: um por overdose de heroína, outro por ruptura de apêndice e o terceiro, atropelado por um trator. Houve ainda dois partos.

Segurança

Mais de 600 pessoas, entre seguranças contratados pela organização e policiais voluntários, fizeram o policiamento. Mas, como era gente demais infringindo as leis, eles decidiram ser light: drogas e peladões circularam pela fazenda numa boa. "Apenas" cem pessoas foram detidas por uso de drogas.

Bastidores

Atrás do palco, ficavam os trailers da produção, os camarins e o heliponto, por onde chegavam os artistas - não fosse pelos helicópteros, muitos shows não teriam acontecido. Para chegar ao palco sem enfrentar a muvuca, cantores e bandas atravessavam uma passarela exclusiva.

Palco

32 atrações, entre artistas e bandas, passaram pelo palco, que ficava na parte mais baixa de uma pequena colina, formando um anfiteatro natural. As chuvas do fim de semana detonaram a grama que cobria o local e formaram verdadeiras piscinas de lama, onde a galera mais chapada se lambuzava à vontade.

Imprensa

A imprensa tinha até estacionamento exclusivo, mas, para enviar notícias e fotos, só mesmo nas cidades vizinhas: no acampamento, a fila do telefone durava no mínimo duas horas. A comunicação só funcionou mesmo no mural de recados, através do qual as pessoas encontravam os colegas e descolavam caronas.

Vias de acesso

As rodovias de acesso à fazenda ficaram intransitáveis. A viagem de Nova York a Bethel, que duraria no máximo duas horas, chegava a oito. Pessoas estacionavam na beira da estrada e caminhavam até 20 quilômetros. Houve uma chuva de pedidos de indenizações de quem tinha ingresso mas não chegou ao festival. (JOKURA, s/d).

A despeito da euforia e da mística que se constituíram em torno do festival, para alguns estudiosos da temática ele não marcou o auge, mas sim o fim da chamada contracultura. Confira o fragmento de uma dessas opiniões:

Woodstock foi o fim da contracultura, afirma professor

O professor de jornalismo da Universidade Quinnipiac, em Connecticut, Rich Hanley, explica que o festival marcou o fim – e não o início – da revolução dos anos 60 e da contracultura.

“Em 1971 [dois anos após Woodstock], tudo já havia terminado. As manifestações acabaram. A geração Woodstock saiu em busca de trabalho e o trabalho acabou com a diversão.”

Os hippies de Woodstock queriam mudar o mundo com flores, drogas, paz e amor, mas acabaram transformados pelo mundo.

Para as pessoas que participaram do festival em Bethel, norte de Nova York, o espetáculo anunciava o advento de uma nova era, mas a euforia de ontem se transformou em ressaca. Passados 40 anos não ficou claro se Woodstock conseguiu, de fato, mudar alguma coisa. (SMITH, 2009).

Se pensarmos com critérios mais rigorosos, talvez a contracultura não tenha sido efetivamente uma revolução, pois não se observou a implantação de uma forma alternativa de organização político-social logo de imediato em nenhum dos países onde ela se manifestou. Porém, há de se destacar que houve, sim, uma alteração nos costumes, no cotidiano e em todas as dimensões da existência humana, quer fosse pelo lado espiritual ou religioso, pelas relações pai e filho, professor e aluno, patrão e empregado, ou ainda pela visibilidade que passaram a ter, a partir de então, grupos quase ocultos como mulheres, negros e homossexuais. Sem dúvida, o advento da contracultura deu vazão a uma revolução cultural que transformou as bases da sociedade, que nunca mais voltaria a ser a mesma quanto ao modo de pensar e se comportar.

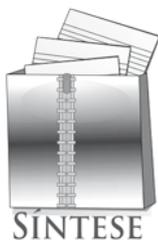
O historiador Eric Hobsbawm, por exemplo, nos lembra que a abordagem dessa revolução cultural deve procurar levar em conta uma série de aspectos, como a alteração da estrutura familiar e da casa, as transformações operadas nas relações entre os sexos e as gerações etc. Se considerarmos o movimento da história por este ângulo, é preciso reconhecer que os arranjos das relações tradicionais realmente mudaram, e isso é perceptível em várias situações e aspectos: no aumento considerável de divórcios; no aumento do número de mulheres sem o desejo de ter filhos; no aumento das vendas de anticoncepcionais; na

aceitação, ainda que tímida, da bissexualidade; no crescimento de famílias monoparentais, de mães solteiras e de casas chefiadas por mulheres – em muitos dos casos, por mulheres negras. Tal cenário, com a conjunção de todos esses dados, seria inimaginável antes da década de 1970. Sendo assim, se o critério para que se configure uma revolução é a existência de alterações profundas no cotidiano, a contracultura pode, sem dúvida, ser considerada como tal, pois provocou grandes alterações nos hábitos e costumes do nosso dia a dia.

Já no que se refere ao âmbito político e ideológico do movimento estudantil de maio de 1968, o cientista político Maurice Duverger questiona a sua extensão e possível durabilidade. Sem ignorar a essência e o valor do movimento, ele faz um arrazoado crítico e bastante realista:

Resta saber se, além de força de revolta, os estudantes são mesmo uma força revolucionária. Pode haver dúvidas a respeito por dois motivos. Primeiro, porque a juventude é uma situação transitória de que nos afastamos aos poucos todos os dias. Muitos agitadores de hoje serão burgueses amanhã. Depois porque as condições da vida estudantil são menos insuportáveis que as condições da vida operária. O desemprego dos jovens é quase tão grave em ambos os casos. Mas a incerteza do emprego é muito maior para os trabalhadores manuais que para os diplomados. A vida cotidiana é mais dura e mais desagradável, o grau de liberdade real muito menos elevado. (DUVERGER apud MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 194-195).

De fato, após a euforia das conquistas de liberdades coletivas e individuais – sempre parciais e provisórias –, vieram a acomodação e a integração ao sistema. Como pensou o historiador François Caron (2002, p. 408-423), “os inspiradores do movimento de maio de 68 tinham como intenção destruí-la [a indústria de massa]. Mas eles deram-lhe um novo impulso. O hedonismo contestatório dos anos 60 realiza-se na tecnologização da sociedade das décadas de 70 e 80”. Ou, numa tendência mais pessimista ainda, tudo se passa como cantou Cazuza: aquele garoto que ia mudar o mundo frequenta agora as festas do “*Grand Monde*”, assistindo a tudo de cima do muro.



Nesta unidade, você pôde acompanhar alguns dos principais eventos de contestação que ocorreram durante as décadas de 1960 e 1970. Na primeira seção, procuramos traçar um panorama geral do contexto e das manifestações que perfilaram a emergência da chama contracultura. Na segunda seção, passamos em revista a problemática da segregação racial nos Estados Unidos, ao descrever rapidamente os percalços do movimento negro.

Na terceira e última seção da unidade, trouxemos para o campo de discussão a questão da revolta dos jovens e estudantes, fenômeno que se manifestou com força durante as décadas de 1960 e 1970. Ainda que haja divergências interpretativas sobre os desdobramentos de todos esses movimentos, é impossível negar o impacto que eles tiveram sobre as estruturas social, política, econômica e cultural, sobretudo no mundo ocidental.



Livros

BRANDÃO, Antonio Carlos & DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: moderna, 1990.

GUARNACCIA, Matteo. **Provos: Amsterdã e o nascimento da contracultura**. São Paulo: Conrad do Brasil, 2001.

HILLS, Ken. **A guerra do Vietnã**. São Paulo: Ática, 1998.

HOCQUENGHEM, Guy. **A contestação homossexual**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Cultura e participação nos anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MATOS, Olgária C. F. **Paris 1968: as barricadas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MORIN, Edgar. **Maió 68: inventário de uma rebelião**. Rio de Janeiro: Moraes editores, 1969.

PROST, Antonie & VINCENT, Gerard (Orgs.). **História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Filmes

Hair (EUA, 1979)

Direção: Milos Forman

Claude, um jovem do Oklahoma que foi recrutado para a guerra do Vietnã é “adotado” em Nova York por um grupo de *hippies* comandados por Berger, que, como seus amigos, tem conceitos nada convencionais sobre o comportamento social e tenta convencê-lo dos absurdos da atual sociedade. Lá, Claude também se apaixona por uma jovem proveniente de uma rica família.

Adivinhe quem vem para o jantar (EUA, 1967)

Direção: Stanley Kramer

Joanna Drayton, filha de um dono de jornal de San Francisco, choca os pais ao levar seu namorado negro em casa. O namorado, John Prentice, é colocado pelos sogros Matt Drayton e Christina Drayton em situações que o possam comprometer, porém não encontram nada que possam denegrir sua imagem de bom homem. O casal, que educou a filha para que ela não tivesse preconceito de classes ou raciais, contrariamente provam que eles próprios são preconceituosos.

Apocalypse Now (EUA, 1979)

Direção: Francis Ford Coppola

O Capitão Willard tem a missão de encontrar e matar o coronel Kurtz, que aparentemente enlouqueceu e se refugiou nas selvas do Camboja, onde comanda um exército de fanáticos.

Platoon (EUA, 1986)

Direção: Oliver Stone

Chris é um jovem recruta recém-chegado a um batalhão americano, em meio à Guerra do Vietnã. Idealista, Chris foi um voluntário para lutar na guerra, pois acredita que deve defender seu país, assim como fez seu avô e seu pai em guerras anteriores. Mas, aos poucos, com a convivência dos demais recrutas e dos oficiais que o cercam, ele vai perdendo sua inocência e passa a experimentar de perto toda a violência e loucura de uma carnificina sem sentido.

Woodstock – Onde Tudo Começou (EUA, 1994)

Direção: Michael Wadleigh

Documentário retratando o lendário festival *hippie* que aconteceu no final da década de 1960, propulsor de grandes mudanças comportamentais em jovens do mundo inteiro.

Milk – A voz da igualdade (Estados Unidos, 2008)

Direção: Gus Van Sant

Harvey Milk é um político e ativista gay, o primeiro a conseguir se eleger no serviço público americano. O filme mostra a biografia de Harvey Milk.



- 1) Faça uma pesquisa e procure descrever e analisar o modo como a indústria incorporou os hábitos das comunidades hippies para o mercado.
- 2) Pesquise também sobre a intervenção dos jovens em 1968 por todo o mundo e depois responda: por que dizem que 68 foi o ano que não acabou?
- 3) Quais eram as principais ideias defendidas por Martin Luther King em seu discurso em 1963? Observando o cenário político e social atual, você considera que alguns pontos foram atendidos? Quais?
- 4) Segundo a sua compreensão, a década de 1960 marcou uma revolução cultural? Argumente!

O mundo pós-guerra fria: a nova ordem mundial, a globalização e o neoliberalismo

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Identificar e analisar a nova dinâmica das relações internacionais a partir da década de 1990.
- Estabelecer uma reflexão crítica sobre os efeitos, as implicações e os limites do processo de globalização.
- Compreender a natureza e o funcionamento das políticas neoliberais.
- Pensar e discutir a problemática das identidades no contexto da modernidade tardia.

ROTEIRO DE ESTUDOS

- SEÇÃO 1 - A Nova Ordem Mundial e seus impasses
- SEÇÃO 2 - A globalização, o neoliberalismo e o fim da história
- SEÇÃO 3 - Globalização e identidade

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Nesta quarta e última unidade do curso de História Contemporânea III, você tomará contato com algumas das mais recentes discussões travadas na atualidade. Num primeiro momento, tentaremos analisar e descrever os novos desafios políticos e sociais que passaram a ocupar a agenda internacional no início da década de 1990. Fazem parte dessa agenda os confrontos no Iraque, as explosões separatistas que eclodiram na Iugoslávia, o crescimento do terrorismo e do fundamentalismo etc. A complexidade de todos esses problemas, como você verá, levou muitos analistas a sentirem saudades dos velhos tempos da Guerra Fria.

A partir da segunda seção, você irá se deparar com as temáticas da globalização e do neoliberalismo, dois elementos-chave para a compreensão da própria dinâmica assumida pela sociedade capitalista contemporânea. Para encerrar definitivamente o nosso percurso, na terceira e última seção da unidade debateremos rapidamente os efeitos da globalização sobre a instigante questão das identidades sociais e culturais.

SEÇÃO 1

A NOVA ORDEM MUNDIAL E SEUS IMPASSES

As transformações que o mundo sofreu no período que vai do final da década de 1980 aos primeiros anos da década de 1990 foram realmente muito grandes. Para demonstrar isso de forma rápida, uma pequena divagação histórica será mais do que suficiente. Assim, peço a você, estudante, para que dê livre curso à sua imaginação pelo menos por alguns instantes. Tente se imaginar como um cosmonauta soviético que tivesse sido lançado ao espaço em 1989, cuja missão consistiria em fazer medições, coletar dados e, logo em seguida, realizar reparos em um satélite avariado. Seu retorno estava programado para ocorrer em

meados 1990, mas, em função de falhas técnicas, você e sua equipe permaneceram incomunicáveis durante toda a missão, só conseguindo voltar a Terra após a fatídica noite de Natal de 1991. Ora, qual seria a sua surpresa ao constatar que o mundo que você conhecia antes nem parecia mais o mesmo? Qual seria o seu espanto ao ficar sabendo que o próprio país em que você nasceu e cresceu tinha simplesmente deixado de existir? Enfim, qual seria a sua reação ao ver no jornal uma foto em que velhos inimigos políticos trocavam sorrisos e apertavam-se as mãos? Você se sentiria incomodado, angustiado, ou estranhamente aliviado? Em qualquer dos casos, a impressão seria praticamente a mesma: a de que um imenso buraco havia sido aberto no chão, tragando a grande maioria das suas referências sociais, geográficas e culturais.

Em 2003, o diretor alemão Wolfgang Becker levou às telonas um filme cujo enredo se parece muito com o do nosso hipotético cosmonauta. Intitulado *Adeus, Lênin!*, o filme de Becker se passa na Alemanha socialista e conta a história de Christiane, uma fervorosa militante do Partido Comunista que entra em estado de coma pouco tempo antes dos eventos que levaram à reunificação alemã.

Christiane tem um enfarte ao ver seu filho ser levado preso e presenciar cenas de brutalidade policial em repressão a uma passeata popular, enquanto estava a caminho de receber uma comenda nos 40 anos da República Democrática Alemã. Em coma, a personagem-mãe não se apercebe da queda do muro e suas conseqüências mais imediatas. Ao despertar, oito meses depois, uma outra realidade já se impõe. Para poupá-la do choque que poderia levá-la à morte, seu filho Alex procura de todas as maneiras fabricar um congelamento de tempo, reconstruir agora o que há pouco tempo atrás era sua realidade segura e familiar. [...] Vemos então uma crítica sutil aos processos que balizavam o regime da República Democrática Alemã, bem como ao atropelamento que marcou as primeiras horas da alardeada reunificação. A invasão do estilo de vida capitalista é retratada, por exemplo, através da súbita proliferação de artefatos que explicitam e atestam o consumismo: antenas parabólicas de TV, a implantação de marcas como Coca-cola, Ikea e Burger King, com o concomitante desaparecimento das habituais referências socialistas. Retrata-se ainda o papel do futebol como elemento de união nacional, o esvaziamento existencial e demográfico com a debandada de muitos dos antigos moradores da cidade e o estranhamento causado pela chegada de novos vizinhos, tão esdrúxulos aos olhos dos ossies [os cidadãos vindos do Leste], desacostumados do contato com punks, ravers e outros “alternativos” vindos do lado ocidental. (CASTRO, 2005, p. 348-349).

Tanto no caso do nosso cosmonauta imaginário quanto no filme de Becker, o que inicialmente deve ser levado em conta é o alcance e a intensidade das mudanças históricas presenciadas – não é à toa,

por exemplo, que o filme usa o perigo do enfarte como pretexto para o desenvolvimento do enredo. É preciso ter claro, portanto, que os acontecimentos que se precipitaram entre 1989 e 1991 mexeram muito com a vida de milhares de pessoas pelo mundo afora. Hoje, parece muito fácil falar desse e de outros momentos históricos semelhantes, principalmente porque já foram reduzidos às suas implicações políticas mais gerais, demarcando rupturas contemporâneas consideradas fundamentais. Mas qual foi o significado concreto de todo esse processo? Como ele foi vivenciado no cotidiano das pessoas?

No final da década de 1980, o historiador Robert Darnton formulou uma questão bastante semelhante, ainda que seu interesse estivesse, então, em outro assunto. Naquela ocasião, quando se aproximavam as comemorações do bicentenário da Revolução Francesa, ele tentava justamente precisar o que teria havido assim de tão revolucionário nesse grande e dramático episódio da história ocidental. A observação que ele fez sobre o significado de 1789 pode muito bem nos ajudar a compreender os eventos que se desencadeariam duzentos anos mais tarde. Segundo o historiador norte-americano, o espírito de 1789 poderia ser definido como uma espécie de energia que colocou na ordem do dia a possibilidade de se alterar a própria estrutura da realidade. Aprender o significado dessa experiência, no entanto, exige um certo esforço da nossa parte. Foi exatamente isso que Darnton apontou sobre o sentido da Revolução Francesa:

À primeira vista, é bastante fácil aceitar abstratamente a idéia de uma transformação fundamental no conteúdo da vida cotidiana, mas poucos de nós conseguem realmente entendê-la. Aceitamos o mundo tal como ele se apresenta, e não conseguimos imaginá-lo organizado de uma outra maneira, a menos que tenhamos passado por momentos de desmoronamento das coisas – talvez uma morte ou um divórcio, ou o súbito desaparecimento de algo que parecia imutável, como o teto sobre nossas cabeças ou o chão sob nossos pés.

É freqüente que tais choques desestabilizem as vidas pessoais, mas raramente eles traumatizam sociedades inteiras. Em 1789, os franceses tiveram de encarar a derrocada de toda uma ordem social – o mundo que, retrospectivamente, definiram como Ancien Régime – e encontrar uma nova ordem no caos circundante. Viveram a realidade como algo passível de destruição e reconstrução, e depararam com possibilidades aparentemente ilimitadas, tanto para o bem quanto para o mal, para edificar uma utopia ou para recair na tirania. (DARNTON, 1990, p. 24).

Ora, essa reflexão pode e até deve ser utilizada para proporcionar um melhor entendimento do momento crucial que o mundo atravessou a partir de 1989. Aliás, essa mesma abordagem poderia nos ajudar a compreender

com maior profundidade muitos outros momentos históricos anteriores e posteriores, especialmente os mais traumáticos – pensemos, por exemplo, na violenta perseguição aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, na separação compulsória que o Muro de Berlim promoveu, nas famílias vitimadas pelas atrocidades do Vietnã, no 11 de setembro de 2001 etc.

Assim como em 1789, no começo da década de 1990, com o fim da Guerra Fria, da União Soviética e com o sepultamento da velha ordem bipolar, tinha-se a nítida impressão de que um novo tempo havia começado. Após o desmantelamento do bloco socialista e a subsequente reunificação alemã, a realidade parecia mais uma vez ser passível de destruição e reconstrução. E tal como ocorrera duzentos anos antes na França, podia-se tanto edificar uma nova utopia quanto retornar à velha e conhecida tirania – fosse ela comunista e/ou capitalista.

Esse “possibilismo”, no entanto, em geral não consegue se sustentar por muito tempo. A realidade liquefeita, que há pouco parecia maleável e moldável, logo enrijece outra vez, pressionada por toda a sorte de contingências sociais e/ou econômicas. Muitas vezes, ela chega a durar apenas o tempo de um discurso presidencial aqui e ali, tal como muitos que anunciavam então a chegada redentora de uma “**Nova Ordem Mundial**”. Todos esses discursos falavam em nome da paz e frequentemente evocavam ideias como liberdade, democracia, segurança, direitos e aspirações do homem. Porém, os acontecimentos que logo se precipitaram não demoraram a enterrar boa parte dessas promessas e desejos de tranquilidade, prosperidade e felicidade. A “Nova Ordem”, portanto, parecia já ter nascido morta.

A primeira fissura no projeto da proalada nova ordem não tardou a aparecer: em agosto de 1990, o Iraque de Saddam Hussein invadiu o pequeno reino vizinho do Kuwait, Estado detentor de grandes reservas petrolíferas.

O Kuwait historicamente estava ligado à Grã-Bretanha, integrante da OTAN. Mas, com o fim da Guerra Fria, Saddam Hussein esperava que a OTAN e os Estados Unidos se houvessem tornado menos dispostos a enfrentamentos militares, ainda mais porque – tudo indicava – o exército iraquiano era forte, calejado por uma longa guerra contra o Irã (1980-1988) e sob suspeitas de possuir importantes estoques de armas químicas e talvez nucleares.

Hussein errou. Depois de desobedecer a um ultimato da Casa Branca, ele enfrentou, em janeiro de 1991, a intervenção de uma força internacional de paz com 600 mil homens, comandada pelos Estados Unidos. [...] A invasão norte-americana aconteceu com o apoio da maior parte dos países árabes e os iraquianos foram facilmente batidos no campo de batalha. Acredita-se que mais de cem mil iraquianos tenham morrido, contra apenas 138 integrantes da coalizão internacional, isto é, um número inferior aos mortos anualmente em acidentes automobilísticos no Iraque. (BRENER, 1998, p. 15-16).



Imagem 24 – Soldados iraquianos mutilados e carbonizados durante a Guerra do Golfo, o primeiro conflito transmitido em tempo real pela televisão. A violência da cena contrasta radicalmente com as imagens verdes e perspectivadas dos ataques e bombardeios, esta “fraude obscena que transformou as guerras do Golfo e da Iugoslávia em espetáculos virtuais lúdicos” (SEVCENKO, 2004, p. 126).

A foto é de Peter Turnley/Corbis. Disponível em: <http://digitaljournalist.org/issue0212/pt03.html>

Como se pode observar, a “Nova Era” que a crise no Golfo Pérsico inaugurou não tinha absolutamente nada a ver com paz e tranquilidade. A partir daquele momento, as guerras e os conflitos passaram a não mais obedecer aos padrões relativamente controláveis proporcionados pela Guerra Fria. Enquanto durou o clima de enfrentamento entre os Estados Unidos e a União Soviética, os desentendimentos no Terceiro Mundo até pareciam um pouco mais fáceis de serem administrados. Quando esse clima finalmente desapareceu, levou junto consigo “todo o sistema de relações internacionais ao qual o mundo, ou pelo menos a Europa, se acostumara desde pelo menos o século XVIII”. (HOBSBAWM, 2000, p. 52).



Alguns observadores percebem nessa mobilização da comunidade internacional contra o agressor iraquiano o “primeiro conflito Norte-Sul”. A expressão é enganosa. De um lado, as tensões Norte-Sul sempre existiram: o movimento de descolonização a partir de 1947, a guerra de Suez em 1956, a crise petrolífera de 1973, foram outros tantos confrontos entre nações “desenvolvidas” e povos

Osama bin Laden. A chamada **“Guerra ao Terror”** de George Bush começou com a invasão do Afeganistão e a subsequente deposição do governo estabelecido pelo Taliban, acusado de oferecer refúgio a Bin Laden. Em 2003, contrariando até mesmo as resoluções do Conselho de Segurança da ONU, uma aliança militar entre norte-americanos e ingleses invadiria novamente o Iraque, desta vez sob o pretexto de encontrar e apreender possíveis armas de destruição em massa mantidas secretamente pelo ditador Saddam Hussein. A operação foi largamente repudiada pela opinião pública, pois além de ter sido um ato arbitrário violento e desautorizado, o suposto arsenal jamais foi apresentado à comunidade internacional. Com a deposição e a subsequente execução do ditador iraquiano, o intervencionismo americano no Oriente Médio reforçava cada vez mais a sua disposição de policiar o mundo em seu favor, o que contribuiu para acentuar a oposição aos EUA por parte de muitos grupos extremistas na região. O último capítulo dessa história foi o anúncio repentino da morte de Osama bin Laden em uma operação militar secreta no Paquistão.

Mesmo que os desdobramentos desse episódio ainda não possam ser precisados, as práticas terroristas ilustram muito bem a nova dinâmica que os conflitos internacionais acabaram assumindo dentro da chamada “Nova Ordem Mundial”. Se a aceleração da globalização diluiu ou simplesmente aboliu as fronteiras nacionais, as antigas guerras tornam-se potencialmente globais, imprevisíveis e sem local nem alvo definidos.

Conforme o ensaísta alemão Hans Magnus Enzensberger, vivemos uma “guerra civil” planetária, caracterizada por um terror sem objetivo, sem ritual, que passa a ser praticado por qualquer pessoa e atinge indistintamente qualquer um. Portanto, não há mais inimigos visíveis. No período da Guerra Fria eles eram explícitos: de um lado, o “imperialismo capitalista”, do outro o “totalitarismo soviético”. Atualmente essas certezas se dissiparam. Tanto no plano micro quanto no macro-social, o inimigo pode ser qualquer um e todos ao mesmo tempo. Quem se responsabilizou pelos ataques ao World Trade Center, de 11 de setembro de 2001? O islamismo, visto assim de forma genérica, sem atentarmos para suas especificidades? A luta liderada pelos EUA contra o suposto autor ou mentor dos ataques, Osama bin Laden, ameaça se estender a outros países e regiões, somente porque lá também existem muçulmanos. Mas, e se foram fundamentalistas muçulmanos residentes em países da Europa? Esses países e seus governos serão também responsabilizados e atacados? [...] Ironia do destino: hoje se percebe que, no contexto da Guerra Fria, parecíamos muito mais seguros. Sabiam-se onde as armas estavam e quem as controlava. Mais uma vez, certezas desapareceram. (FARIA; MIRANDA, 2003, p. 91).

A desintegração da URSS e o final da Guerra Fria ainda trouxeram muitos outros problemas mundiais graves. Como se sabe, não era exatamente o livre consentimento que mantinha a coesão interna da gigantesca federação soviética, podendo-se dizer o mesmo em relação à maioria dos chamados “países satélites” – que só permaneciam na órbita soviética devido à imensa “força gravitacional” das tropas do Pacto de Varsóvia. Quando o imenso bloco se desfaz, no início dos anos 1990, surgem no plano internacional nada menos do que quinze repúblicas independentes, sendo a Rússia a maior e mais importante delas. Temperada por uma recessão econômica interminável, a derrocada soviética se fez acompanhar de ingredientes muito indigestos:

O fim do poder central na URSS, na Iugoslávia e em outros países ex-socialistas permitiu que brotassem fortíssimos sentimentos (e frustrações) de minorias nacionais, étnicas e religiosas, sufocadas durante as ditaduras pró-soviéticas. Primeiro foram movimentos como o da minoria turca lutando pelo respeito às suas tradições culturais na Bulgária, ou os húngaros brigando pelo direito de falar seu idioma na Romênia. Mas logo a crise econômica fermentou a intolerância e a ultrafragmentação. Na Iugoslávia, as divergências entre sérvios e croatas passaram a ser “discutidas” à bala e, na Alemanha, o nazismo ganhou novo empuxo, defendendo a expulsão de trabalhadores turcos, negros ou asiáticos do país. Na ex-URSS, distritos, às vezes com cem ou duzentos mil habitantes, entravam em guerra contra novos e velhos desafetos, em busca da independência. (BRENER, 1998, p. 11).



Imagem 25 – Um casal de civis mortos em uma das ruas do bairro Alipasino Polje, de Sarajevo, após terem sido atingidos pela explosão de uma granada durante a Guerra da Bósnia em 1992. Os civis se tornariam as maiores vítimas da nova dinâmica assumida pelos conflitos bélicos a partir da década de 1990. Na era do terrorismo, já não existe mais uma clara distinção entre combatentes e não-combatentes. A foto é de Danilo Krstanovic/Reuters. Disponível em:

<http://papaacordas.blogspot.com/2008/07/crimenes-de-guerra.html>

Os efeitos dessa situação foram particularmente intensos no território da ex-Iugoslávia. Lá, em meados de 1991, tiveram início violentos conflitos envolvendo sérvios, croatas, bósnios, eslovenos e também albaneses do Kosovo. Tais conflitos, os mais sangrentos ocorridos na Europa desde a Segunda Guerra Mundial, se prolongaram até muito recentemente e ainda não parecem ter chegado ao fim. Para você ter uma ideia das dimensões dessa verdadeira tragédia, basta mencionar que os confrontos envolveram inclusive práticas de expurgo e de “limpeza étnica”, supostamente perpetradas pelo sérvio Slobodan Milosevic, ex-presidente da antiga Iugoslávia. Em 2001, Milosevic foi preso e levado ao Tribunal Penal Internacional de Haia, na Holanda, onde deveria ser julgado por genocídio, crimes de guerra, assassinato, ataques a civis, entre outras acusações igualmente graves. O processo, no entanto, não pode ser concluído, pois em março de 2006 Milosevic foi encontrado morto em sua cela, em circunstâncias misteriosas.

Sem estar completamente desligado desse tipo nefasto de extremismo, outro problema passou a preocupar muito os idealizadores da “Nova Ordem”: a crescente pressão demográfica que os países pobres do Terceiro Mundo começaram a exercer sobre suas fronteiras. Nos Estados Unidos, por exemplo, são bem conhecidas as intermináveis dores de cabeça que a fronteira com o México vem trazendo. Em alguns países da Europa Ocidental, tal como a França, o problema dos imigrantes chega a provocar grandes discussões sobre a própria questão da identidade nacional. Os dados abaixo são reveladores a esse respeito:

Em 1950, a França e a Itália possuíam, cada uma, quatro vezes mais habitantes que a Argélia e o Marrocos. Em 2025, a Argélia deveria contar com tantos habitantes quanto a França daquela época, e o Marrocos, tantos quanto a França atual [1993]. O conjunto do Magreb seria povoado por 120 a 145 milhões de habitantes, ou seja, mais que a França e a Alemanha juntas, ou mesmo que a França, a Espanha e a Itália juntas. E essa população do Magreb seria, por outro lado, mais jovem que a da Europa – com 25% de sua população com menos de 15 anos, contra 15% na França. Na mesma data, o conjunto do Islã mediterrâneo em sentido amplo – Argélia, Marrocos, Tunísia, Líbia, Egito, Sudão, Síria, Turquia – somaria 396 milhões de habitantes contra 275 milhões para a Comunidade das Doze. Extrema pauperização ou gigantesca pressão à emigração: tal será a opção oferecida aos assim chamados Países do Sul. (ZORGBIBE, 1996, p. 32).

Esse problema não tem afetado apenas a Europa e os EUA, mas se tornou comum em praticamente todos os continentes. Na sua base, encontra-se a explosão demográfica, a falta de oportunidades e o aprofundamento cada vez maior das diferenças entre países ricos e pobres. Pode-se dizer também que ele é fruto das contradições da globalização e da sociedade altamente tecnocrática em que vivemos, pois ambas se mostram incapazes de integrar todos ao mundo de prosperidade prometido pelo capitalismo. Assim, o aumento da pobreza e do desemprego no mundo inteiro deixa pouquíssimas alternativas não só aos habitantes dos países mais pobres, mas também aos desfavorecidos que tentam sobreviver na periferia dos países com melhor situação econômica.

O cenário assim configurado, como se sabe, torna-se com frequência um terreno muito fértil para o cultivo e gestação dos ódios raciais e sociais, o que, por sua vez, não demora para virar um poderoso *lobby* nas mãos de políticos oportunos. Na Alemanha, por exemplo, os grupos neonazistas e seus simpatizantes costumam culpar os negros, os turcos e os poloneses pelo desemprego e pelas demais mazelas do seu país. No âmbito político, muitos deles têm encontrado identificação e respaldo em partidos de orientação nacionalista e conservadora, tais como o *Die Republikaner* (Os Republicanos) e o *Nationaldemokratische Partei Deutschlands* (Partido Nacional Democrata Alemão). Em 2006, por exemplo, o NPD chegou a conquistar 7,3% dos votos nas eleições estaduais de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, obtendo assim alguns assentos junto à assembleia legislativa local.

Esse grande crescimento da extrema-direita não se restringiu à Alemanha. Na verdade, ele acabou se espalhando também para outros países como a Áustria, a Bélgica e a França, o que demonstra um significativo incremento social da intolerância, da xenofobia e do populismo nacionalista no contexto europeu. O exemplo mais recente do ponto extremo a que isso tudo pode chegar veio na Noruega: em 22 de julho de 2011, mais de noventa pessoas foram mortas por um indivíduo que se manifestava contrário ao multiculturalismo, aos comunistas e à "islamização" da Europa. As motivações políticas e ideológicas da chacina não deixam dúvidas sobre o potencial explosivo da atual conjuntura mundial. Para que possamos entendê-la um pouco melhor, devemos voltar nossa atenção para a globalização e para o avanço da chamada "ordem neoliberal". São estes os assuntos discutidos na próxima seção.

SEÇÃO 2

A GLOBALIZAÇÃO, O NEOLIBERALISMO E O FIM DA HISTÓRIA

Para além do fim do bloco socialista, da explosão dos surtos separatistas e do terrorismo, a chamada Nova Ordem Mundial comporta também a consolidação do processo de globalização, a crítica e a desmontagem do Estado de bem-estar social, a formação/estruturação de grandes blocos econômicos e a internacionalização dos processos produtivos. Ora, esses e outros movimentos integram igualmente o que vem sendo chamado de “**ordem neoliberal**”, dando assim conformidade ao panorama mundial tal como ele se nos apresenta atualmente.

Contudo, antes de precisar melhor esse amplo conjunto de processos, é importante ter claro que eles ainda se encontram em pleno movimento, o que torna qualquer tentativa de análise muito mais difícil de ser realizada. Isso, porém, não significa que não seja possível identificar as linhas gerais e as principais tendências que a grande maioria desses fenômenos vem apresentando já há várias décadas. É o que tentaremos fazer logo a seguir, começando com um dos temas de discussão mais candentes da atualidade: a **globalização**.

Não restam dúvidas de que vivemos hoje em um mundo cada vez mais globalizado, isto é, um mundo no qual o intenso processo de integração e uniformização vem atingindo praticamente todos os aspectos da vida em sociedade. Nesse sentido, é forçoso reconhecer que a globalização não pode ser unicamente identificada à criação de uma economia global. De maneira semelhante, ela também não deve ser considerada como um fenômeno necessariamente novo, pois suas origens remontariam às Grandes Navegações dos séculos XV e XVI, momento em que os europeus cruzaram os oceanos e deram início a um amplo processo de expansão. É como afirmou em entrevista o historiador inglês Eric Hobsbawm (2000, p. 71):

Antes de tudo, a globalização depende da eliminação de obstáculos técnicos, não de obstáculos econômicos. Ela resulta da abolição da distância e do tempo. Por exemplo, teria sido impossível considerar o mundo como uma unidade antes de ele ter sido circunavegado no início do século XVI. Do mesmo modo, creio que os revolucionários avanços tecnológicos nos transportes e nas comunicações desde o final da Segunda Guerra Mundial foram responsáveis pelas condições para que a economia alcançasse os níveis atuais de globalização.

Há, portanto, uma grande diferença entre a globalização promovida pela expansão ultramarina a partir do final do século XV e aquela que se consolidou nas últimas décadas do século XX. O ponto fundamental destacado por Hobsbawm é a **descentralização dos processos produtivos**, o que só se tornou possível através do encurtamento das distâncias promovido pelo desenvolvimento tecnológico. Assim, mais do que a constituição de uma economia mundial em larga escala, a globalização significaria hoje a superação de limites físicos e naturais bem precisos:

No passado, a produção estava limitada à área em que ocorria. Até mesmo o comércio era, em certos aspectos, condicionado pela incapacidade de se transportar bens perecíveis através de grandes distâncias, sem que perdessem suas características naturais. Era possível comerciar cereais, mas não flores frescas.

A grande mudança foi o surgimento do transporte de carga por aviões. O exemplo mais óbvio, que nos afetou a todos, é o fim da sazonalidade dos produtos agrícolas. Hoje, podemos importar frutas tropicais, amoras ou morangos, independentemente da estação do ano. O transporte aéreo tem a velocidade necessária para colocá-las ainda frescas em nossas mesas.

Pela primeira vez na história da humanidade, isto tornou possível organizar a produção, e não apenas o comércio, em escala transnacional. Até a década de 1970, uma companhia que quisesse produzir automóveis em outro país teria de construir uma fábrica inteira e implantar todo o processo de produção no local, por exemplo nas Filipinas. Agora é possível descentralizar a produção de motores e outros componentes e, em seguida, transferi-los para o local mais conveniente para a empresa. Para todas as finalidades práticas, a produção não é mais organizada nos limites políticos do Estado onde se encontra a sede da empresa. Mesmo esse avanço não teria levado muito longe sem os aperfeiçoamentos ainda mais espetaculares nos sistemas de informações, os quais permitiram o controle do processo a partir de um ponto central e praticamente em tempo real. (HOBSBAWM, 2000, p. 71-72).

Por essa razão, o termo globalização passou a ser utilizado com maior frequência a partir das últimas décadas do século XX. Afinal de contas, foi durante esse período que pudemos presenciar os desenvolvimentos da chamada **Terceira Revolução Industrial** ou **Revolução Tecnocientífica**, cujo impacto sobre a vida cotidiana mundial atingiu proporções realmente colossais. Os avanços operados e registrados no âmbito dos transportes, das comunicações e informações, por exemplo, não poderiam deixar de se fazer acompanhar de mudanças consideráveis na própria maneira de se conceber e vivenciar o tempo. Para o historiador Nicolau Sevchenko, porém, as alterações provocadas teriam sido ainda maiores:

O surto vertiginoso das transformações tecnológicas não apenas abole a percepção do tempo: ele também obscurece as referências do espaço. Foi esse o efeito que levou os técnicos a formular o conceito de globalização, implicando que, pela densa conectividade de toda a rede de comunicações e informações envolvendo o conjunto do planeta, tudo se tornou uma coisa só. Algo assim como um único e gigantesco palco onde os mesmos atores desempenham os mesmos papéis na única peça em que se resume todo o show. (SEVCENKO, 2004, p. 21)

O resultado de tudo isso foi uma profunda e inédita interação entre países e produtos, o que por sua vez permitiu a aceleração dos fluxos de capitais e da própria força de trabalho no plano internacional. O movimento assim configurado assumia contornos nitidamente globalizantes, pois a circulação e a organização da produção e do consumo passaram a acontecer em escala global ao invés de regional. Desse modo, graças aos novos recursos eletrônicos e tecnológicos então disponíveis (aviação comercial, telecomunicações, computadores, aparelhos de fax etc.), tornava-se efetiva e finalmente possível operar a junção virtual entre as mais distintas e distantes paragens do planeta. Para aqueles que vivenciaram o processo em toda a sua intensidade, a impressão geral era a de que o mundo havia realmente encolhido.

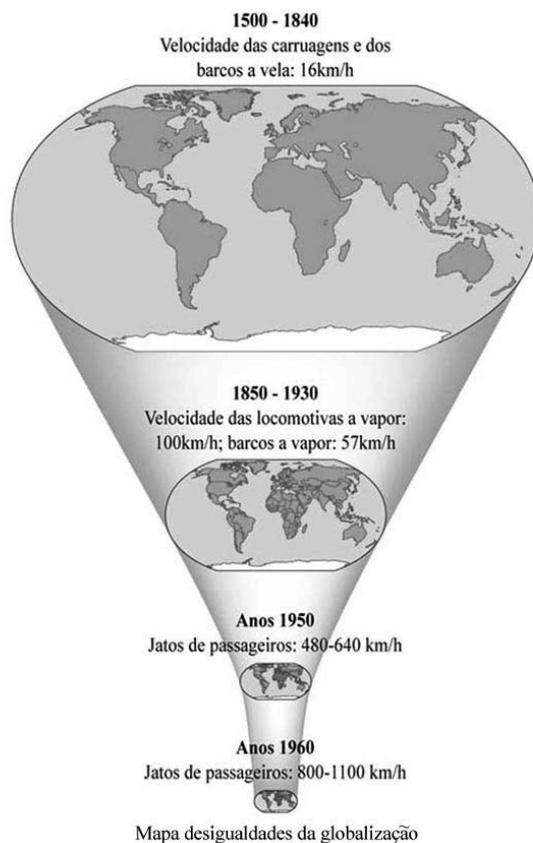


Imagem 26 – O “encolhimento do mundo” ou a “compressão espaço-temporal”. Inspirada no gráfico de autoria do geógrafo David Harvey, a representação mostra a incrível variação na velocidade média de deslocamento desde as carruagens do século XVI (16 km/h) até o advento da aviação a jato na década de 1960 (1.100 km/h). Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/-CRMk3Ec9aUU/TbXhpZfBIQI/AAAAAAAAADU/teMjtYCYvUI/s1600/GEO_8S_1B_pag20_mapa.jpg

O complemento ou a contrapartida dessa interconexão mundial foi a emergência de uma nova modalidade de investimento econômico: a especulação financeira pura e simples, prática esta que logo se tornou uma espécie de dimensão à parte da economia. Estimulada pelas medidas de liberalização adotadas nos anos 1970 – e potencializada pelo avanço tecnológico –, essa separação entre as práticas financeiras e os empreendimentos econômicos conferiu uma dinamicidade completamente nova ao mundo dos investimentos. O resultado foi imediato:

A especulação com moedas e títulos de diferentes naturezas, na esfera ampla do mercado globalizado, se tornou por si só um atrativo irresistível para os agentes financeiros [...] A multiplicação, num curtíssimo intervalo, de redes de computadores, comunicações por satélite, cabos de fibras ópticas e mecanismos eletrônicos de transferências de dados e informações em alta velocidade, desencadeou uma revolução nas comunicações, permitindo uma atividade especulativa sem precedentes. A rapidez dos fluxos nessa rede mundial tornou o papel-moeda praticamente obsoleto, estimulando fluxos contínuos de transações eletrônicas, que passaram a atuar 24 horas, acompanhando o ciclo dos fusos horários, de modo a operar num período com os mercados do Oriente – Tóquio, Hong Kong, Cingapura –, depois com a Europa – Londres, Zurique e Frankfurt – e logo após com a América – Nova York, Chicago, Toronto –, reiniciando na sequência com o Oriente e assim por diante, *non stop*.

Cada fração de segundo em que uma informação nova possa ser traduzida pelo simples toque de uma tecla eletrônica transfere volumes fabulosos de recursos de uma parte do mundo para outra e de milhares de fontes para as contas de um pequeno punhado de agentes privilegiados. O montante dessas transações eletrônicas do mercado financeiro mundial ultrapassa 1 trilhão de dólares por dia. Cerca de noventa por cento desse total nada tem a ver com investimentos reais em produção, comércio ou serviços, se concentrando no puro jogo especulativo. (SEVCENKO, 2004, p. 28-30).

Essa nova mobilidade adquirida pela integração mundial da economia de mercado promoveu uma ruptura radical em relação àquilo que ocorria até meados da década de 1970, quando o Estado ainda conseguia exercer algum tipo de controle ou regulamentação sobre a voracidade das grandes corporações. O controle exercido pelo Estado, como se sabe, dava-se através de um sistema de taxaço imposto às grandes empresas, o que convertia uma parte de seus lucros em investimentos voltados aos setores menos privilegiados da sociedade. Esse tipo de política democrática baseada na redistribuição da riqueza caracterizou o que foi chamado de “**Estado de bem-estar social**”, cujo auge foi atingido durante a década de 1960. Até esse momento, tanto a sociedade articulada quanto o Estado conseguiam refrear os ímpetus das corporações, promovendo

uma certa partilha das benesses trazidas pela industrialização.

Com a globalização, porém, essa situação mudou por completo. As grandes empresas adquiriram um tal poder de mobilidade, redução de mão-de-obra e capacidade de negociação – podendo deslocar suas plantas para qualquer lugar onde paguem os menores salários, os menores impostos e recebam os maiores incentivos –, que tanto a sociedade como o Estado se tornaram seus reféns [...] A excepcional capacidade de mobilidade, de instalações, recursos, pessoal, informações e transações é tal, que uma mesma empresa pode ter a sua sede administrativa onde os impostos são menores, as unidades de produção onde os salários são os mais baixos, os capitais onde os juros são os mais altos e seus executivos vivendo onde a qualidade de vida é mais elevada. Em todos esses casos, as sociedades e os Estados por onde se distribuem essas diferentes dimensões da empresa saem sempre perdendo. É um jogo desigual, cuja dinâmica só tende a multiplicar desemprego, destituição, desigualdade e injustiça. A tradução prática dessa receita é o aumento da marginalidade, da violência, o declínio do espaço público e da convivência democrática. (SEVCENKO, 2004, p. 31-32).

Instaurava-se assim o processo que, juntamente com a crise do sistema de produção capitalista dos anos 1970, levaria à desmontagem do Estado de bem-estar social. Na década de 1980, por exemplo, esse processo encontrou sua melhor expressão nas medidas de orientação neoliberal colocadas em prática pelos governos de Margaret Thatcher, na Grã-Bretanha, e de Ronald Reagan, nos Estados Unidos. Tais políticas caracterizaram-se, sobretudo, pelo corte drástico nos gastos públicos (saúde, educação, infraestrutura etc.), pela redução de impostos e pelo incentivo à privatização e à desestatização. Além da Grã-Bretanha e dos EUA, muitos outros países – inclusive o Brasil – foram levados a adotar as políticas neoliberais em seus governos, na grande maioria das vezes como pré-requisitos para a obtenção de ajuda financeira dos organismos internacionais criados no contexto do pós-guerra (Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial). Esse amplo receituário de “reajuste estrutural” envolvia a imposição de medidas tais como

[...] a desregulamentação da economia e das finanças, a derrubada das barreiras alfandegárias e comerciais, a drástica redução dos gastos públicos e serviços sociais, a privatização das empresas estatais e a eliminação de garantias e direitos trabalhistas, inclusive com o enfraquecimento dos sindicatos, de modo a permitir demissões em massa e tornar o mercado de mão-de-obra mais barato, mais dócil e mais flexível.

Já era o receituário do neoliberalismo se difundindo por todo o mundo. Diante dessa nova realidade, como se vê, não se configurava uma globalização horizontal e unificadora, como reza a mitologia oficial, mas um rearranjo vertical, com as potências econômicas no topo e a massa dos miseráveis do Terceiro Mundo na base imensa e esmagada da pirâmide. Em vista dessas medidas liberalizantes,

privativistas e espoliativas, a questão não era mais promover o desenvolvimento, mas fazer com que grande parte dos bens, dos recursos e dos mecanismos de decisão das ex-colônias retornasse às antigas metrópoles colonizadoras, em especial na forma de juros pagos ao capital especulativo, em detrimento das necessidades básicas da população. (SEVCENKO, 2004, p. 53).

Nesse sentido em particular, a chamada globalização poderia ser compreendida como a difusão em escala mundial da chamada "ordem neoliberal". Afinal, no plano econômico, sua principal característica tem sido a de assegurar a livre exploração dos mercados internacionais em favor dos países mais ricos e industrializados, ou melhor, das gigantescas corporações e de seus tecnocratas que parecem ser os verdadeiros donos do jogo. Desse modo, para as nações do Terceiro Mundo, a única coisa que realmente se globalizou foi a pobreza. Assim como ocorre no emprego da retórica neoliberal – em que se prega a prática do livre mercado para a periferia, enquanto os países e grupos dominantes se utilizam largamente do governo para obter subsídios, proteção e outras numerosas vantagens fiscais e econômicas –, os "globalizadores" também exigem dos países subdesenvolvidos (os "globalizados") a integração, a transnacionalização e a supressão das fronteiras, enquanto se encastelam atrás de blocos econômicos e/ou comunidades de países prósperos que se tornam quase impenetráveis.



Imagem 27 – Charge do cartunista Moisés.

Disponível em: <http://marxismo.files.wordpress.com/2007/06/globalizacao.jpg>

Por trás do discurso da globalização, portanto, esconde-se um ardid ideológico muito claro: tenta-se passar a falsa ideia de que o processo de globalização seria uma espécie de agente a-histórico, uma força natural irrefreável que fatalmente atingiria a todos na mesma proporção e do mesmo modo. Ora, nada é mais falacioso do que essas afirmações, pois a globalização tem sim os seus limites e patrocinadores.

A bem da verdade, a globalização não é um fenômeno inevitável, havendo inclusive a possibilidade de que, em vez de progredir, essa tendência sofra uma regressão, se vários países decidirem se isolar dentro de suas fronteiras geográficas, no momento em que sentem suas economias, sociedades e culturas ameaçadas. Aliás, a existência de um mundo completamente globalizado não só é improvável como também torna-se impossível na prática. Séculos de história criaram identidades culturais, nexos econômicos internos e sistemas políticos dotados de particularidades nos espaços nacionais, tornando inviável sua substituição por uma nova ordem global que represente perfeitamente essas várias histórias. Cabe lembrar ainda que a globalização está longe de integrar toda a população mundial, de cerca de seis bilhões de pessoas no início do século XXI. Isso porque um número significativo de pessoas não dispõe de acesso a informações e bens de consumo nem da facilidade de se transferir de um país a outro. A grande maioria da população mundial encontra-se limitada à sua experiência local, distante das novas tecnologias, do conforto propiciado pelas novas maravilhas eletrônicas e mesmo do acesso a bens e serviços básicos. (BARBOSA apud MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 147).

Apesar de ser um processo patrocinado reversível, incompleto, falível e heterogêneo, a globalização aspira atingir praticamente todos os setores da vida em sociedade. Como dissemos logo no começo desta seção, a globalização não se limita à criação de um mercado mundial integrado, sem barreiras alfandegárias e sem protecionismo. Da mesma forma, é preciso ter claro que este não vem se desenvolvendo unicamente no âmbito econômico. Na verdade, ao lado da globalização econômica, temos também a financeira, a política e a globalização cultural.

Essa última modalidade, porém, não parece guardar muitas diferenças se comparada com a globalização econômica e financeira, por exemplo. Em ambos os casos, o que se percebe é a mesma inclinação à hegemonia e à homogenia. A globalização cultural, segundo Silvio Barró Herrera, "tem como objetivo a uniformização dos padrões ou estilos de vida, sistemas de valores, costumes, etc., para a qual se tende à conversão de todos os habitantes do planeta em consumidores de produtos culturais estandardizados de acordo com os fins da globalização". (apud MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 145).

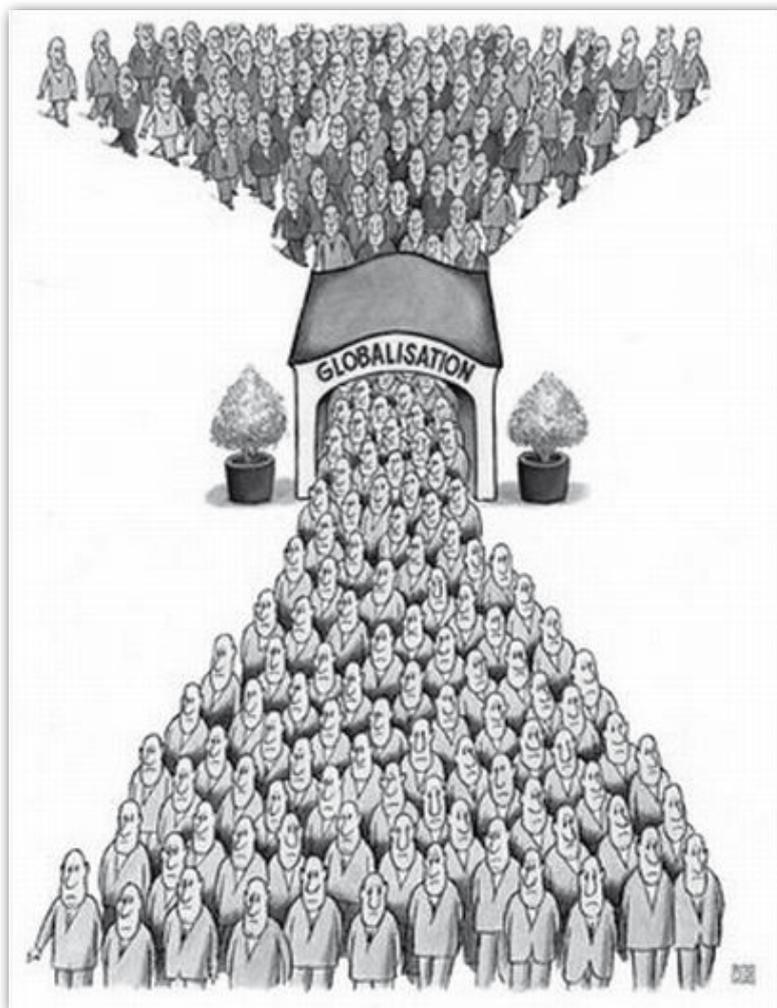


Imagem 28 – Assim como na economia e na política, a globalização também interfere nas esferas cultural e social. Constituem bons exemplos dessa tendência a difusão da língua inglesa, da cultura do fast food, do vestuário, da música, dos filmes, etc. Disponível em: http://www.soniamoura.com.br/wp-content/uploads/2010/03/globalizacao_thumb_6_.jpg

Precisar quais são os fins da globalização não é muito difícil depois de tudo o que já discutimos ao longo desta seção. Assim como no âmbito econômico, o objetivo da globalização cultural sempre girará em torno da conquista da hegemonia, isto é, na tentativa de se eliminar toda e qualquer alternativa possível ao sistema dominante. Em ambos os casos, portanto, o que realmente parece estar em causa é o famoso projeto de se proclamar o “fim da história”, tal como o fizeram muitos analistas contemporâneos ao refletir sobre o contexto pós-Guerra Fria. O complemento final desse projeto vem ainda com um outro desejo: o de transformar tudo em mercadoria e todos os cidadãos em consumidores. Como você verá na próxima seção, nem mesmo as identidades conseguiram escapar a esse inexorável processo de mercantilização.

SEÇÃO 3

GLOBALIZAÇÃO E IDENTIDADE

No que se refere ao aspecto social, as duas maiores fraturas causadas pelo processo de globalização talvez sejam a fragmentação e a promoção do individualismo. Contudo – e por mais paradoxal que isso possa parecer – a ação combinada dessas duas forças deu margem para que o campo social fosse invadido por uma verdadeira miríade de microgrupos, no interior dos quais as pessoas buscam dividir suas experiências e compartilhar afinidades. Foi sobretudo por essa razão que a criação de laços e a identificação com grupos socioculturais passou a ser algo muito comum na contemporaneidade. Assim, quando a identidade pessoal é esmigalhada pela globalização e substituída pelo valor das mercadorias, o indivíduo se vê à deriva e é logo tentado a se prender em nichos minúsculos, sejam eles materiais, morais ou culturais. (CHESNEAUX, 1995, p. 51).

Nessa relação de rede e de formação de grupos socioculturais, os jovens buscam acima de tudo um estilo de vida que lhes proporcione vínculos sociais vantajosos. Afinal, como nos lembra o sociólogo Zigmunt Bauman, hoje não se consomem apenas objetos materiais, mas também “exemplos aperfeiçoados e receitas de vida”. Assim, para a juventude, os grupos acabam promovendo a criação desse modelo de identificação que pode ser passageiro ou permanente. (BAUMAN, 2003).

A possibilidade de alguém pertencer ao mesmo tempo a vários grupos identitários (ou então se identificar por pequenos períodos de tempo com diferentes grupos) também se deve ao processo de globalização. O acesso aos meios de transporte e de comunicação, a revolução da microeletrônica, a reorganização do mundo em blocos econômicos regionais (e não mais ideológicos), o multiculturalismo e o desenvolvimento da cultura de massas: eis aí os fatores que têm contribuído para uma constante interação e, ao mesmo tempo, fragmentação das identidades.

Mas o que se pode entender por identidade?

A identidade é construída, transformada, pois não existem identidades que não passaram por mudanças ao longo dos anos e quando isso ocorre, ela muda de acordo como é vista e interpretada pelos outros. Pois as transformações sociais são tão alarmantes quanto as tecnológicas, políticas e econômicas, então as identidades que encontram-se em conflito estão no interior dessas transformações. (HALL, 2005, p.12).

Assim, com base no que foi exposto até aqui, podemos afirmar que o processo de globalização modifica drasticamente as formas de sociabilidade, exercendo ampla influência sobre as culturas local, regional e mundial. Daí, por exemplo, a adesão ao termo "**culturas híbridas**" para referenciar o que vem ocorrendo no cenário contemporâneo.

Entende-se a hibridização como sendo a mescla de modos culturais distintos, constituindo assim novos sentidos e novas expressões. Quando culturas diversas ou mesmo antagônicas interagem, os signos pertencentes aos grupos revelam um tipo de consumo e de produção que os desterritorializa e reterritorializa, em busca de socialização e de afetividade. (HERSCHMANN, 2005).

Dentro dessa conjuntura, percebe-se que a globalização – somada às constantes imigrações, emigrações e migrações –, foi capaz de intensificar as trocas socioculturais, trazendo à tona um universo de recriação dinâmica do próprio sujeito. O que se vê alterado, nesse sentido, é o seu próprio sentimento de pertença a determinados grupos – inclusive a sua ligação com a nação, a sua "nacionalidade". Dessa conjunção de fatores surgiu uma multiplicidade indiscriminada de identidades, todas elas temporárias, voláteis, mutantes, cambiantes. Mas isso não significa que doravante o termo tenha se tornado inoperante, devendo então ser abandonado.

Fala-se em identidade cultural quando se quer referir a grupos que não se apóiam em Estado-Nação, mas que reivindicam a pertença a uma cultura comum. Nesse caso, não se mobiliza a referência geográfica, e a tendência desses movimentos é ser transnacional, baseando-se em categorias tão diversas como raça, etnia, gênero, religião. (...) Os processos de construção de identidade coletiva, nacional ou cultural, são, todavia, similares no que tange ao estabelecimento de um modelo com o mesmo fim, ou seja, o reconhecimento. (Figueiredo & Noronha, 2005).

Stuart Hall entende que essa multiplicidade de identidades é tributária das mudanças que as revoluções culturais lograram disseminar junto ao contexto social. Da mesma forma, ele confere destaque para os efeitos combinados que a democracia e a instituição de um Estado de Direito puderam provocar sobre o campo das identidades. O papel preponderante em relação a essa gigantesca expansão do domínio identitário, porém, cabe mesmo ao avanço igualmente vertiginoso do próprio processo globalização.

Diante das mudanças estruturais e institucionais observadas no contexto da modernidade tardia, pós-modernidade ou hipermodernidade – os autores divergem –, o sujeito adquiriu então várias identidades, “muitas vezes contraditórias e mal resolvidas”, resultado de uma sociedade multifacetada e mutante. (HALL, 2005, p. 12). A chamada modernidade tardia é, portanto, um momento marcado por grandes mudanças conceituais e de pensamento, oriundas principalmente dos movimentos sociais dos anos 1960 (feminismo, pacifismo, movimento *hippie* e estudantil, direitos dos homossexuais, dos negros, entre outros). Tais movimentos, como se sabe, constituíram-se em claras tentativas de se legitimar um determinado tipo de identidade social e comportamental, no que não só se apropriavam, mas eram igualmente apropriados pela nova lógica imposta pelo mercado. O que ocorreu com o movimento *hippie* é bastante exemplar nesse sentido:

Sua palavra de ordem, “Faça amor, não faça a guerra”, seguia a fórmula concisa e lapidar dos slogans publicitários e era acompanhada do símbolo oriental de uma forquilha invertida dentro de um círculo, caracterizando um logotipo, o que demonstra o quanto os jovens se apropriaram de técnicas que regiam o universo das mercadorias.

É claro que o mercado se aproveitaria dessa ambivalência para fazer exatamente o oposto, isto é, para incorporar o prestígio da rebelião juvenil e usá-lo para dotar os artigos de consumo de um charme pretensamente “irreverente” e “desreprimido”. Essa estratégia se revelaria em peças publicitárias famosas, em tom de suposta contestação, como “A liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”, para promover a venda de roupas de brim, ou “Corra pra bem longe da sua casa” (abusando do célebre mote hippie “*turn in, turn on, drop out*”, “se ligue, pire e caia fora”), criado para impulsionar a venda de tênis esportivos apropriados para corridas e *jogging*. (SEVCENKO, 2004, p. 85-86).

Ora, como você pode ver, as próprias identidades foram transformadas em mercadorias cosmopolitas, contando ainda com *slogans*, nichos de consumo e apelos próprios. Combinada com o viés individualista típico

dos nossos tempos, essa situação desemboca no fenômeno da "moda", outro dos aspectos característicos da modernidade. Parece mesmo que as coisas deixaram de ter o seu significado específico, unívoco e localizado, apresentando-se a partir de então como uma substância que não pode mais ser retida em nossos velhos recipientes.

Vendo-se frente a essa situação, Zigmunt Bauman utilizou-se da expressão "**identidade líquida**" para interpretar o problema da identidade na pós-modernidade. Para ele, a globalização impôs uma mudança na fronteira entre coisas, pessoas, cidades e países, em suma, entre os mais diversos espaços, os quais participam de um movimento permanente e paradoxal de enfraquecimento e fortalecimento. Ou seja, com a consolidação do movimento da globalização, diversos elementos passaram a pertencer a vários lugares de diferentes culturas, ao mesmo tempo em que os diferentes lugares conferem especificidades a fenômenos que são globais. (BAUMAN, 2005).

Segundo Boaventura de Sousa Santos, a cultura local pode se globalizar na medida em que encontra canais de comunicação. No processo de comunicação, a assimilação da cultura, em contato com outras culturas globalizadas, passa por uma espécie de "**sincretização**" que a caracteriza em novas formas específicas, visto que entrou em contato com diferentes realidades e identidades. (SOUSA SANTOS, 2002).

O verbete **sincretização** remete à integração de elementos de diferentes correntes numa síntese, ou ainda à tentativa de se fazer uma combinação de elementos díspares, de conciliar ou tentar conciliar concepções heterogêneas. (FERRETI, 1995).

Portanto, nesse mundo pós-moderno e globalizado, que encontrou canais de comunicação, as particularidades de uma cultura regional são por vezes "globais" e muito mais comuns do que parecem à primeira vista. A esta altura, você deve estar se perguntando: "mas o que realmente essa problematização traz de novidade?". Bem, a questão aqui gira em torno da possibilidade de construção e manutenção das identidades no mundo contemporâneo. Isto é, historicamente, as sociedades naturalizavam suas identidades, de modo que os indivíduos nasciam, viviam e morriam afirmando ser isso ou ser aquilo. No nosso mundo contemporâneo, as

sociedades elevaram a dinâmica das relações sociais e culturais a uma intensidade tal que acabaram colocando em xeque a integridade das identidades sociais. Num passado não muito distante, por exemplo, elas pareciam estar absolutamente consolidadas.

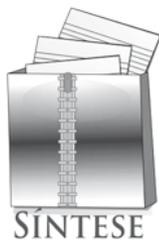
Atualmente, as teorias em torno das identidades concordam que elas estão em constante processo de reconstrução. Quer dizer, elas não são definitivas, determinadas, mas se encontram em fluxo, isto é, em estado de permanente mudança. As identidades, portanto, sofrem transformações constantes na medida em que ocorrem rupturas, mobilidades, integrações ou desintegrações socioculturais.

Dessa forma, a identidade não é uma condição estanque, definida ao nascer e que, por isso, acompanharia o indivíduo sempre do mesmo modo, no decorrer da vida. É preciso que a flexibilidade que permite a mudança ou reconstrução seja parte atuante nos processos de tensionamentos entre as múltiplas identidades. As identidades são complexas e sem fronteiras rígidas. Não são fixas e sim, constantemente renegociadas, implicando negociações permanentes. Em virtude disso, pode-se ressaltar novamente que são construções a partir de discursos, tensionadas por relações de poder e reafirmadas pelos elementos da linguagem, além do pertencimento e deslocamento que são fatores provisórios, auxiliando a apreensão da concepção de identidades. (SILVA, SANTOS & SILVA, 2009).

Essa diversidade cultural, espalhada e reagrupada, oferece possibilidades de anuência a inúmeros ideais díspares, confrontando-se com "verdades" estabelecidas. Afinal, se a globalização impõe uma crise a essa noção de identidade fixa, determinada e fundamental, ela propõe também um hibridismo cultural como resultado da interação entre diversas culturas. Se as fronteiras – físicas ou simbólicas – se diluem, se deslocam ou se consolidam, é obvio pressupor que a "distância" que nos difere do "outro" também acompanhe esse movimento. Assim, para terminar esta seção, propomos a você uma outra reflexão.

No Brasil, desde sua ocupação, a sociedade tem passado por um forte processo de miscigenação, desintegração e integração cultural. Índios, brancos e africanos formaram a base para a diversidade sociocultural, fenômeno que ao longo da história brasileira vem se multiplicando. Daí, entender a cultura do Brasil e afirmar uma identidade única brasileira já seria uma tarefa extremamente difícil, senão impossível. Imagine, então, o que ocorre em escala global, quando os povos de diferentes culturas se encontram, se relacionam e, principalmente, se misturam? Como se dão

as relações sociais a partir desse contato? Quais são as consequências e os custos dessa situação?



Nesta última unidade do livro, você pôde conhecer um pouco melhor os caracteres da chamada Nova Ordem Mundial. Na primeira seção, nosso objetivo foi examinar os novos desafios políticos e sociais que ocuparam o cenário internacional após a queda do Muro de Berlim em 1989. Dentre eles, receberam maior atenção o recrudescimento das práticas terroristas, os movimentos separatistas no Leste Europeu e o crescimento do extremismo de direita na Europa Ocidental. A segunda seção, por sua vez, foi dedicada a debater os problemas relacionados à globalização e à instauração da chamada “ordem neoliberal”, modelo político e econômico predominante na maior parte do mundo depois da derrocada do comunismo soviético. Na terceira e última seção, o foco do debate foi desviado para a problemática da identidade no mundo contemporâneo globalizado. Esperamos que os tópicos aqui discutidos tenham ajudado você a conhecer melhor os dilemas vivenciados pelo mundo na atualidade.



Livros

HOBSBAWM, Eric J. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Neste livro, lançado recentemente, o renomado historiador Eric Hobsbawm aborda muitos dos temas que foram tratados nesta unidade. Trata-se de uma coletânea de palestras e conferências sobre as principais questões que fazem parte da agenda geopolítica contemporânea.

O filósofo francês **Gilles Lipovetsky** é autor de vários estudos não só sobre os costumes e comportamentos que caracterizam as sociedades modernas, mas também sobre o que ele vem chamando de “hipermodernidade”. Até mesmo o fenômeno da moda já despertou o seu interesse. Em “**O império do efêmero**” (Companhia das Letras, 1989, 296 p.), por exemplo, Lipovetsky realiza uma verdadeira arqueologia do frívolo e do fútil, retirando o fenômeno da moda do limbo acadêmico. Já em “**A era do vazio**” (Manole, 2005, 197 páginas), o autor focaliza o individualismo e os novos valores e modelos de sociabilidade na era do consumo de massa. Em uma de suas últimas publicações traduzidas para o português, “**Cultura-mundo**” (Companhia das Letras, 2011, 208 páginas), Lipovetsky (em co-autoria com Jean Serroy), estuda a mais recente configuração sociocultural em meio à qual estamos hoje imersos.

O linguista e ativista político norte-americano **Noam Chomsky** é um dos maiores críticos da sociedade neoliberal contemporânea e da política externa norte-americana. Em vários de seus livros, Chomsky trata de questões diretamente relacionadas com os assuntos abordados nesta unidade. Eis aqui algumas sugestões de títulos de sua autoria: “**O lucro ou as pessoas?**” (Bertrand Brasil, 2002, 192 páginas), “**11 de setembro**” (Bertrand Brasil, 2003, 160 páginas), “**Poder e terrorismo**” (Record, 2005, 208 páginas), “**Para entender o poder: o melhor de Noam Chomsky**” – Organizado por John Schoeffel e Peter R. Mitchell (Bertrand Brasil, 2005, 546 páginas).

Filmes

O declínio do império americano (Canadá, 1986)

Direção: Denys Arcand

O filme de Arcand gira em torno dos diálogos entre um grupo de professores universitários de História de meia idade. Integrantes de uma geração que vivenciou as experiências revolucionárias de 1968, o grupo prepara um jantar em meio a conversas sobre aventuras sexuais, relacionamentos, futilidades intelectuais, frustrações e desencantos. Ainda que a mensagem passada pelo filme possa ser considerada um tanto sutil, ela procura mostrar o declínio do ideal esquerdista e engajado que embalou a geração de 68. Em seu lugar, vemos então despontarem novos valores sociais marcados pelo escárnio, pelo hedonismo individualista e pela devassidão.

Nós que aqui estamos por nós esperamos (Brasil, 1998)

Direção: Marcelo Masagão

Trata-se de um filme/documentário que procura retratar o século XX através de um verdadeiro mosaico de imagens e registros de época. O resultado dessa produção é um retrato emotivo das transformações e das tragédias que marcaram este conturbado período da história humana. Assim, em meio a música inebriante de Wim Mertens e ao desfile das imagens, tomamos contato com inúmeras vidas anônimas que foram literalmente tragadas por todos os delírios da chamada "era dos extremos".

1,99 – Um supermercado que vende palavras (Brasil, 2003)

Direção: Marcelo Masagão

O filme gira em torno de um supermercado onde os produtos à venda não passam de embalagens brancas vazias ornamentadas com *slogans* publicitários. Ao mostrar o comportamento das pessoas tanto no interior quanto no exterior do supermercado, o filme apresenta uma crítica mordaz à sociedade consumista, individualista e altamente hierarquizada em que vivemos atualmente.

As invasões bárbaras (Canadá, 2003)

Direção: Denys Arcand

Ao retomar os personagens de *O declínio do império americano*, este filme de Arcand procura retratar o sepultamento definitivo do sonho libertário da esquerda. Desta vez, o enredo gira em torno do protagonista Rémy, portador de um câncer em estado terminal. Ao longo do filme, essa situação torna-se a própria metáfora do naufrágio dos ideais e valores da geração de 68, tais como a amizade, a liberação sexual, o papel do intelectual e até mesmo a religião. O filho de Rémy, um bem-sucedido operador do mercado financeiro, esforça-se para realizar os últimos desejos de seu pai, o que inclui com drogas. Ironicamente, isso é feito através do poder do dinheiro, que parece ser capaz de comprar e corromper todos no filme. O que se reproduz na trama, portanto, é a destruição do velho sonho esquerdista e o despontar da hegemonia neoliberal.

Sites e outras referências

Visite a página do **Laboratório de Estudos do Tempo Presente/Tempo**, da UFRJ. Lá, você poderá encontrar muitos artigos acadêmicos sobre temáticas relacionadas ao mundo contemporâneo. O site apresenta também uma galeria de imagens, um banco de notícias e uma série de *links* para *blogs* e outros endereços que podem ajudá-lo nos estudos. O acesso para a página é este aqui:

http://www.tempo.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5&Itemid=100005&lang=pt



- 1) Alguns autores afirmam que a globalização sempre fez parte da história da humanidade. Quais argumentos podem confirmar ou refutar essa tese?
- 2) Quais são as consequências da globalização no âmbito sociocultural? Em sua resposta, procure considerar os efeitos positivos e negativos.
- 3) Disserte sobre o tema: “A identidade está em crise?”.
- 4) Algumas culturas locais e/ou regionais ainda se mantêm quase intactas, mesmo num contexto de intensa globalização. Você consegue perceber isso? Cite exemplos.
- 5) Baseando-se no conteúdo discutido na unidade, procure fazer uma interpretação da letra da música “Balada de Madame *Frigidaire*”, de autoria do cantor e compositor cearense Belchior.

Balada de Madame *Frigidaire* (Belchior)

Ando pós-modernamente apaixonado pela nova geladeira.
Primeira escrava branca que comprei, veio e fez a revolução.
Esse eterno feminino do conforto industrial injetou-se em minha veia...
Dei bandeira!
E ao por fé nessa deusa gorda da tecnologia, gelei de pura emoção!

Ora! Desde muito adolescente me arrepio ante empregada debutante.
Uma elétrica doméstica, então... Que *sex-appeal*! Dá-me um frio na barriga!
Essa deusa da fertilidade, *ready-made a la Duchamp*, já passou de minha amante.
Virou *superstar*, a mulher ideal, mais que mãe, mais que a outra... Puta amiga!

Mister Andy, o papa pop, e outro amigo meu, xarope, se cansaram de dizer:
– Pra que Deus, Dinheiro e Sexo, Ideal, Pátria, Família, pra quem já tem *Frigidaire*?
É Freud, rapaziada, vir a cair na cantada dum objeto mulher.

– Eu me consumo, Madame.
...E a classe média que mame se o céu, a prazo, se der.

Que brancorno abre e fecha sensual dessa Nossa Senhora Ascéptica.
Com ela eu saio e traio a televisão, rainha minha e de vocês.
Dona *Frigidaire* me come. *But no Kids, double income*! Filho compromete a
estética!
Como Édipo Rei Momo como, e tomo tudo dela... Deleites da frigidez.

Inventores de Madame *Frigidaire*, peço bis. Muito obrigado!
Afinal, na geladeira, bem ou mal, pós-se o futuro do País.
E um futuro de terceira, posto assim na geladeira, nunca vai ficar passado.

Queira Deus no fim da orgia, já de cabecinha fria não leve um doce gelado.

Mister Andy, o papa pop, e outro amigo meu, xarope, se cansaram de dizer:
– Pra que Deus, Dinheiro e Sexo, Ideal, Pátria, Família, pra quem já tem *Frigidaire*?
É Freud, rapaziada, vir a cair na cantada dum objeto mulher.

Mas que trocadilho infame,
La vraie “Ballade des Dames du Temps Jadis” au contraire.

PALAVRAS FINAIS

Chegamos ao fim de mais uma breve incursão pelos temas e problemas da história contemporânea. A esta altura, deve ter ficado bastante claro para você quais foram os nossos objetivos ao longo deste livro. O primeiro desses objetivos era revisitar alguns assuntos com os quais você já tinha tomado contato anteriormente, mas que ainda mereciam um pouco mais de atenção. O segundo objetivo, por sua vez, era apresentar e discutir outras questões igualmente relevantes e que ainda não haviam sido exploradas. Em ambos os casos, porém, o que realmente pretendíamos era ajudar você a aprofundar a reflexão e o conhecimento sobre os principais marcos históricos da contemporaneidade.

Para que pudéssemos colocar tudo isso em prática, selecionamos algumas poucas temáticas de discussão e avançamos. Procurando tornar o seu estudo ainda mais rico e proveitoso, fizemos um esforço para manter um diálogo constante com outros autores que também abordaram os assuntos aqui enfocados. Da mesma forma, em praticamente todas as unidades foram incluídas sugestões de filmes, sites, músicas, livros e demais referências sobre as diferentes questões debatidas no livro. Todas essas indicações devem servir de estímulo para que você aprofunde ainda mais o seu conhecimento dos processos históricos da atualidade. Os horizontes da pesquisa histórica, como você já sabe, estão sempre abertos a novos olhares e novas interpretações.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRENER, Jayme. **O mundo pós-Guerra Fria**. 3ª. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

CANÊDO, Leticia Bicalho. **A descolonização da Ásia e da África**. Campinas: Atual, 1990.

CARON, François. História contemporânea e desenvolvimentos tecnocientíficos. In: MORIN, Edgar. **A religião dos saberes**: o desafio do século XXI. 3º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, pp. 408-423.

CASTRO, Gisela G. S. As Invasões Bárbaras e Adeus, Lênin! A (des) construção do sonho no cinema atual. **Comunicação & Educação**, ano 10, n. 3, 2005, p. 343-354.

CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-Mundo**: brave modern world. Petrópolis: Vozes, 1995.

CHOMSKY, Noam. **O lucro ou as pessoas?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

COELHO, Lauro Machado. **O fim da União Soviética**: dez anos que abalaram o mundo. São Paulo: Ática, 1996.

FARIA, Ricardo de Moura; MIRANDA, Mônica Liz. **Da Guerra Fria à Nova Ordem Mundial**. São Paulo: Contexto, 2003.

FERNANDES, Florestan. **O que é revolução**. São Paulo: Abril cultural/ Brasiliense, 1984.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Edusp/Fapema, 1995.

FIGUEIREDO, Eurídice & NORONHA, Jovita Maria G. Identidade Nacional e Identidade Cultural. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GOLDFEDER, Sonia. **A primavera de Praga**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GOMES, Fábio Guedes. Conflito social e *welfare state*: Estado e desenvolvimento social no Brasil. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, abril de 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na Pós Modernidade**. 10^a. ed. São Paulo: DP&A, 2005.

HERSCHMANN, Micael M. **O Funk e o Hip-hop invadem a cena**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **O novo século: entrevista a Antonio Polito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JOKURA, Thiago. Como foi o festival de Woodstock? **Revista Mundo Estranho**. Editora Abril. Disponível em: http://mundoestranho.abril.com.br/cultura/pergunta_287606.shtml, acesso em 28/03/2011.

KARNAL, Leandro. **Oriente Médio**. São Paulo: Scipione, 1994.

KRAKHECKE, Carlos André. **Representações da Guerra Fria nas histórias em quadrinhos Batman – O Cavaleiro das Trevas e Watchmen (1979-1987)**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LINHARES, Maria Yedda Leite. Descolonização e lutas de libertação nacional. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX** (vol. 3 – O tempo das dúvidas: do declínio das utopias às globalizações). 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, pp. 35-64.

MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flávio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. **História do tempo presente**. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTINEZ, Paulo. **África e Brasil: uma ponte sobre o Atlântico**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1992.

OLIVEIRA, Jefferson Luis Ribas de; DENIPOTI, Cláudio. Nascido em 11 de setembro: opiniões políticas dos leitores do Capitão América em 2003. **História, Imagens e Narrativas**. Ano 3, n. 7, set/out 2008.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é Contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RÉMOND, René. **O século XX: de 1914 aos nossos dias**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

SANTOS, Boaventura de Souza. (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SILVA, Edson Armando, SANTOS, Francieli Lunelli & SILVA, José Aparício da. Cultura e Identidades. In: DENIPOTI, Cláudio et al. **Especialização em História, Arte e Cultura**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2009, pp. 95-137.

SMITH, Sebastian. Woodstock foi o fim da contracultura, afirma professor. **Folha de São Paulo (Ilustrada)**. São Paulo, 15 de Agosto de 2009. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u608039.shtml>, acesso em 28/03/2011.

VALLADARES, Eduardo & BERBEL, Maria. **Revoluções do século XX**. São Paulo: Scipione, 1994.

WILLER, Cláudio. **Geração Beat**. São Paulo: L&PM, 2009.

WILSON, Marcos. **As perspectivas do mundo**. 2. ed. São Paulo/Campinas: Atual/Editora da Unicamp, 1987.

ZORGBIBE, Charles. **O pós-guerra fria no mundo**. Campinas: Papyrus, 1996.

NOTAS SOBRE OS AUTORES

ITAMAR CARDOZO LOPES

É Bacharel em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2006) e Mestre em História e Sociedade pela UNESP/Assis (2011). Foi professor colaborador da UEPG entre 2009 e 2010. Seus interesses como professor e pesquisador envolvem tanto a temática dos intelectuais e das sensibilidades quanto os estudos de teoria da história.

JOSÉ APARÍCIO DA SILVA

É graduado em História (2004) e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2008). Foi professor colaborador da UEPG entre 2007 e 2010, e atualmente é Diretor Administrativo da Todapalavra Editora. É professor de História do Colégio Sagrado Coração de Jesus e coautor dos livros *Especialização em História, Arte e cultura* (UEPG/NUTEAD, 2009) e *Pioneiros do futuro: 85 anos da Batavo Cooperativa Agroindustrial* (Todapalavra, 2010). Como pesquisador, tem profundo interesse pela figura do migrante campesino na cidade e pela interpenetração das culturas rural e urbana.